Revista Literalivre©

Distribuição Gratuita

ISSN: 2595-363X

Vol.05 - nº 30 - Nov./Dez. de 2021

ISSN 2595-363X

Literatura com Liberdade

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Volume 5, nº 30 – Nov./Dez. de 2021.
ISSN 2595-363X
SNIIC: AG-67335
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Distribuição: Gratuita online em pdf

Conselho Editorial: Ana Rosenrot, Julio Cesar Martins e Alefy Santana

Editora-chefe: Ana Rosenrot

Diagramação: Ana Rosenrot – Alefy Santana

Suporte Corporativo:
Julio Cesar Martins – Alefy Santana

Revisão: *Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor.*

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Pixabay

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Autor Corporativo:
Ana Rosenrot – SNIIC: AG-67162

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.

Direitos Autorais:
Os textos e imagens aqui publicados podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que sejam preservados os nomes de seus respectivos autores, que seja citada a fonte e que a utilização seja sem fins lucrativos. Seguindo também a doutrina de "fair use" da Lei de Copyright dos EUA (§107-112)

A responsabilidade pelo conteúdo de cada texto ou imagem e dos textos das colunas assinadas é exclusiva de seus autores e tal conteúdo não reflete necessariamente a opinião da revista.

Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/numeros

© Todos os direitos reservados

COPYRIGHT PROTECTED by AVCTORIS

ISSN 2595-363X

EDITORIAL

Olá, amigos(as) leitores e autores, é com muita felicidade que trago até vocês a 30ª edição da Revista LiteraLivre, a última de 2021.

Nesta edição, onde finalmente "trintamos", trazemos os mais variados textos e trabalhos artísticos de autores(as) e artistas do mundo todo. Temos também: novas edições das revistas *SerEsta* e *Rock Cine*(tem entrevista minha por lá) e a *Antologia Gratuita Histórias de Horror Brasileiras,* promovida pela editora *Obook.*

Em dezembro, teremos mais uma "Edição Especial Melhores do Ano da Revista LiteraLivre", onde todos os autores que publicaram conosco em 2021 estão concorrendo. Fiquem atentos!! Esta edição será publicada até o final de dezembro.

Aproveito para desejar aos nossos autores, colaboradores, leitores e amigos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo!! Continuem lendo, participando da nossa revista e principalmente, se cuidando!!

Obrigada por estarem conosco, sem vocês não existiríamos!

Abraços poéticos!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!!

Meus agradecimentos especiais aos amigos: Jorge Gonçalves de Abrantes, por seu livro "Poesia Desmedida"(um deleite poético) e Rodrigo Duhau, com os deliciosos ebooks: "Unha e Carne: Uma pequena história de amizade" e "O Hipertenso, A Diabética e A Enfermeira: Conto Erótico, vingança e horror".Muito sucesso com suas obras!!

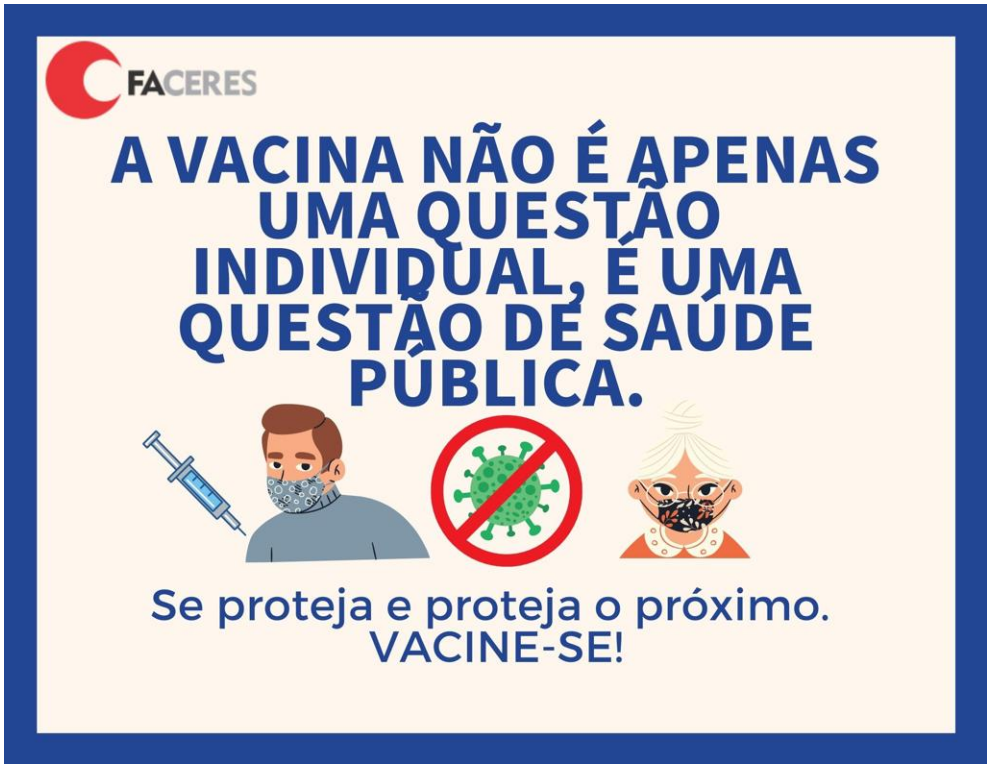
Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Telas....4
Cristiane Ventre Porcini....4
Lereuba Machine....7
Wellington Amancio da Silva....7
Fantasia Visual....8
Roberto Schima....8
aBel gOnçalves....9
Adenor Leonardo Bachi....10
Agda Céu....13
Agostinha Monteiro....15
Alana Labin....16
Alberto Arecchi....17
Alexia Nunes Couto....22
Allan Caetano Zanetti....23
Alline Souza....24
Ana Flávia Alves....28
Ana Maria Fázio de Freitas....29
André Eitti Ogawa....30
André L....31
Ariane de Medeiros Pereira....32
Arthur Vieira....33
Benjamim Franco....36
Beny Barbosa....38
Bruna Laís Rocha....41
Cacá Matos....42
Cândida Carpena....44
Carlos Jorge Azevedo....46
Carmem Aparecida Gomes....47
Caroline Cristina Pinto Souza....48
Catarina Dinis Pinto....49
César Aquino Bezerra....50
Charles Burck....51
Chico Milla....53
Cleidirene Rosa Machado....56
Clélia Jane Dutra....57
Conceição Maciel....61
Cristiane Ventre Porcini....62
Dandara Brandão....64
Daniel Cardoso Alves....65
Daniela Genaro....66
Dany Nacif....67
David Ehrlich....68
Débora Araújo....71
Denis Roso....75
Dias Campos....76
Douglas Domingues....78
Edgar Borges....80
Edna Coimbra....82
Edweine Loureiro....83
Efepê Efe Oliveira....85
Elza Melo....86
Eni Ilis....87
Fernanda Junqueira....89
Francisco Loureiro....90
Gedeane Costa....91
Geraldo Ramiere....92
Gibson João....93
Gisela Peçanha....94
Gislene da Silva Oliveira....96
Giulianno Liberalli....99
Guilherme Luz....103
Ilton Aparecido de Paiva....106
Iraci José Marin....107
Isabel Cristina Silva Vargas....110
Ivo Aparecido Franco....112
Jade Shehera....113
JAX....116
Jeane Tertuliano....119

Jeferson Ilha.....120
Jéssica Mariana Andrade.....121
Joalison Silva.....123
João Barros Martins.....126
João Maria Álvares Dias.....130
João Vitor Tóffoli.....133
Joaquim Bispo.....134
Joedyr Gonçalves Bellas.....139
José Manuel Neves.....141
Juliana Moroni.....142
Kanauã Nharu.....145
Karine Dias Oliveira.....146
L.S.DaniellyBass.....147
Leandro Emanuel Pereira.....148
Luciane Leal.....149
Luís Amorim.....150
Luisa Cisterna.....151
Luiz Roberto da Costa Júnior.....152
Manoel Alves Calixto.....153
Marcel Luiz.....154
Marco Antonio Rodrigues.....155
Marcos Andrade.....156
Maria Carolina Fernandes Oliveira.....157
Maria Clara Lima.....158
Maria Pia Monda.....160
Maria Toinha.....162
Marina Alexiou.....163
Mario Loff.....164
Marvyn Castilho.....165
Mauricio de Oliveira Silva.....166
Michell Ribeiro Sobral.....167
Nazareth Ferrari.....168
Nercy Grabellos.....169
Oriana Tosini.....170
Ovidiu-Marius Bocsa.....173
Paulo Cezar Tórtora.....174
Paulo Luís Ferreira.....175
Pedro Antônio Lima Pereira.....183
Pedro de Barros.....184
Priscilla Dutra.....187
Rafaela Valverde.....191
Reinaldo da Silva Fernandes.....192
Ricardo Ryo Goto.....196
Roberto Schima.....198
Robinson Silva Alves.....202
RodrigoSBA.....203
Rogério Costa.....204
Rogerio Luz.....205
Rosa Maria Soares Bugarin.....206
Rosangela Maluf.....208
Rosangela Mariano.....210
Roselena de Fátima Nunes Fagundes 213
Sigridi Borges.....214
Tauã Lima Verdan Rangel.....215
Teresa Azevedo.....216
Thamires Francisco Bonifácio.....218
Vadô Cabrera.....219
Vagner Dos Santos Pereira.....221
Valéria Vanda Xavier Nunes.....223
Valter Bitencourt Júnior.....225
Vanderlei Kroin.....226
Vitor Sergio de Almeida.....227
Wagner Azevedo Pereira.....228
Wagner Dias Caldeira.....229
Wellington Amancio da Silva.....231
Willian Fontana.....233

Cultura Híbrida.....236
Dany Nacif.....236
Caricaturas.....237
Jamison Paixão.....237
Artista do Mês.....240
Participem da Antologia Gratuita Histórias de Horror Brasileiras.....241
Suplemento Especial da Revista SerEsta 242
Nova edição da Revista Rock Cine.....243
Projeto Cartas para a Vida.....244
LiteraAmigos.....245
Modelo de envio de textos para publicação na revista.....253



Telas

Cristiane Ventre Porcini

São Paulo/SP

O Vira do Minho

uma homenagem a dança portuguesa

A dança do Boi bumba

folclore brasileiro

Casal dançando Valsa

Lereuba Machine

Wellington Amancio da Silva
Delmiro Gouveia/AL

lereuba machine

Fantasia Visual

Roberto Schima

Salto/SP

aBel gOnçalves
São Paulo/SP

Pequenos Holocaustos

essa pontada inaudível no peito,
essa intransigência n'alma,
o dia exausto alimenta o corpo
com o silêncio da morte.
...vamos respirando partículas
de angústias, pelo acalanto dos dias,
cada um em seu senso comum
sombrio e particular.

https://www.recantodasletras.com.br/autores/AbelGoncalves

Adenor Leonardo Bachi

Uruguaiana/RS

Parmênides; ou Das cadeiras fujonas

MICIÃO – Storax! *(Vendo que o criado não responde, inicia-se um monólogo.)* Vou lhe contar uma história que parece ter sido tirada da cabeça de Kafka.

Era um dia rígido de inverno. Parmênides tinha passado o dia inteiro sentado no sofá da sala de sua casa assistindo a programas de auditórios, mas passou o tempo sentado um pouco de mais, a ponto de não se levantar nem para fazer aquilo que podia, como, por exemplo, pegar o controle remoto em cima da cômoda encostada ao sofá. Queria colocar a sua preguiça em dia e não queria mais saber de fazer nada que lhe exigisse esforço para pensar e se mover. Até que uma hora sentiu vontade de ir ao banheiro e precisou realmente se levantar, não vendo outra saída. Porém, algo interessante ocorreu quando ele passou perto da mesa, que ficava próxima ao corredor do banheiro: foi Parmênides se aproximar da mesa que as cadeiras se levantaram e fugiram de perto dele em direção à cozinha numa pressa que é comparável à de uma lebre fugindo do caçador. O homem ficou admirado vendo aquilo – e para ter a certeza de que estava mesmo acordado, foi ao banheiro, fez a sua necessidade e depois entrou no chuveiro com a água fria para ver se estava mesmo acordado ou se aquilo se tratava de um sonho (que era no que preferia crer). Que decepção! Estava mesmo acordado – e a água fria, geladíssima, penetrava no seu corpo com toda a baixa temperatura de uma água quase sólida. Aí, ele desligou o chuveiro e se dirigiu à sala para ver o que tinha acontecido. Teria sido uma miragem?

Parmênides se aproximou, de mansinho, para perto da sala, até que, quando estava quase pisando no aposento, avistou todas as cadeiras no lugar onde deveriam estar: ao redor da mesa, como se nada tivesse acontecido.

– Ora essa! – resmungou. – É cada coisa que os meus olhos veem que eu vou te contar!

Mal terminou de falar, a ação que ele vira antes de ir ao banheiro se repetiu: as cadeiras retiraram-se novamente com os seus pés rápidos, como os de Aquiles, para a cozinha, e pareciam estar bastante assustadas com a presença de Parmênides ali perto da mesa. Ele reagiu, assustado, pulando em cima da mesa e ali se sentando, mas esta, ao ver que tinha alguém sentado nela, igualmente

fugiu, juntando-se às cadeiras. Ele, então, caiu com as nádegas no chão.

– Pessoal, não voltemos logo para a sala! – disse uma voz meiga e feminina, vinda da cozinha (que era a voz de uma das cadeiras). – Ele nela se encontra, todo despido e úmido. Parece que voltou do banheiro. Tales, fuja logo aqui para a cozinha e mostre-lhe que ele passou tanto tempo em cima de você que agora é a sua vez de descansar, pois, sim, os sofás também descansam.

– Descansam e merecem descansar, sim! – respondeu uma voz grossa e chateada, que saía de algum canto dali da sala. – Aliás, Alcmena, o dito-cujo, quando estava sentado de preguiça em cima de mim, ele soltava gases com vontade e força bem perto do meu nariz. Como que eu iria aguentar passar o tempo inteiro assim, inalando esse deteriorado odor? Antes sentisse cheiro de Carolina Herrera…

– Tales, ele jogou muito tempo fora sentado em você para assistir a tolos programas de TV, e tudo isso por causa de ter sido dominado por aquela que é a maior inimiga da Disciplina: a Preguiça. Aquele que é dominado pela Preguiça joga tanto, tanto tempo fora que podia evitá-lo sem desasnar colocando a demanda em dia ou aprendendo mais ao ter contato com a irmã da Filosofia, a Arte através da leitura de um livro, ou escutando uma música, ou vendo um bom quadro ou uma bela escultura ou então assistindo a um célebre filme ou até mesmo a uma grande peça de teatro.

Neste momento, o sofá da sala se levantou e fugiu para a cozinha, e Parmênides descobriu que a voz que saía dali da sala era a do próprio sofá. Mas ele ficou tão abismado e assustado ao se deparar com aquela cena que desmaiou. O sofá aproveitou o momento e correu rápido como uma chita para onde se encontravam a mesa e as cadeiras. Lá chegando, viu que todas as cadeiras precisavam descansar, e as sentou em cima de si. Depois, avisou:

– O Parmênides se assustou ao me ver fugindo para cá e está desacordado lá na sala, no exato lugar onde a mesa ficava.

A mesa, ao ouvir isso, replicou:

– Deixa comigo, pois vou fazê-lo acordar novamente.

Dito isso, a mesa saiu para a sala e foi para o lado de onde Parmênides estava, desacordado, e deixou cair uma de suas pernas, de propósito. O ruído acordou o homem, que, assustado, disse:

– Ué! A mesa está aqui – e com uma de suas pernas desencaixada! Mas ela não tinha fugido? Seja como for, vou consertá-la.

Ele a consertou com toda a atenção do Mundo e, percebendo que, por ter passado tempo demais descansando em cima do sofá e agora tinha que dar lugar a quem precisasse, tentou se deitar em cima da mesa. Ao fazer isso, porém, sentiu a mesa se inclinar: notou que outra perna da mesa se desencaixara.

– Outra perna solta! Que droga!

Parmênides se aproximou do canto onde a perna se soltou, consertou-a (mas não mais com tanta atenção) e se deitou de novo em cima dela. Mas foi de novo se deitar e conseguir se acomodar que sentiu que mais uma perna desencaixara.

– Que anda acontecendo com esta mesa?

Ele saiu de cima dela, aproximou-se do canto onde a perna se soltara e a consertou de qualquer jeito, já perdendo a paciência. Feito o conserto, Parmênides se deitou de novo em cima da mesa e, depois de meia-hora acomodado em cima dela, ouviu outra perna se soltar. Aí, ele soltou os cachorros:

– Vá catar coquinhos por tanto desencaixar pernas!

E, então, agarrou essa perna, segurando-a pela parte de baixo e, irado, lançou-a pela janela. Depois, foi para a rua passear um pouco e se encontrar com os seus jovens amigos.

A mesa, vendo que perdera uma perna após abusar da paciência do seu dono, disse, lamentando-se:

– Nunca exorbite daqueles que nos fazem bem, até porque não conhecemos o verdadeiro caráter das pessoas. Pelo menos o Parmênides aprendeu a não levar a Preguiça ao lado radical… – Depois de uma breve pausa, meditou consigo mesmo: – Parmênides é um jovem, e eu conheço bem a sua personalidade jovial: Hoje entendo o porquê da continuação das demografias decrescentes nalguns países desenvolvidos (como o Canadá e as nações da Europa): é porque os jovens são audazes e corajosos e gostam de fugir para onde há aventuras e para onde a juventude é grande – para curti-la.

DÊMEA (entrando no palco) – Entrou por uma porta,
Saiu por um canivete;
Manda o rei, meu senhor,
Que me conte sete.

Assim que Xerazade concluiu sua história, ela disse: "E, no entanto, ó rei, esta história não é mais espantosa do que a notável história de 'Aladim e a Lâmpada Maravilhosa'."

Agda Céu
Porto Alegre/RS

Agda Lacraia

é sobre agda
kadosh
de hilda hilst

ainda que lacraia
cutucando estrume
esfregando grãos de areia dourada sobre o meu corpo
me digladiando com o corpo
não é sobre kadosh
não é poesia

mas
insisto

escrevo com o corpo
vou e volto
na dança do tempo das coisas
para fazer tudo outra vez
e outra vez
e destruo o falo
para me encontrar com meu corpo

e insisto

em meter o dedo na palavra

pois
não estou
na ordem

das

coisas

céu
já me parece pouco
e agda
escreve no meu corpo

https://ceurrocha.medium.com/

Agostinha Monteiro
Vila Nova de Gaia – Portugal

A palavra

Vive presa na afónica revolta
Reforçada com hábil insistência
Na tortura da minha consciência
Porque a parca palavra não se solta.

Não incorre no risco de mentir
Não incorre no risco de atacar
Falsear, maltratar ou perdoar
Já não detém o poder de ferir.

Palmilha o meu espírito deserto
Desnudado por olhos encobertos
Ferozmente impedidos de falar.

E neste mundo sempre mais incerto
Nos lábios do povo entreabertos
A palavra precisa se refrear.

www.escritacomprazer.blogspot.com

Alana Labin

Maceió/AL

Capa dura

De súbita mudança

Eu agradeço por virar a página

Tão rapidamente

Quanto um interruptor

Porque nunca tive meio termo

Ou estou obcecada pela história

Ou não leio mais.

https://www.instagram.com/metaforices/

Alberto Arecchi
Pavia – Itália

Agadez

Tahoua, última parada antes do deserto do Níger. Daqui em diante, uma única etapa de 400 km nos teria levado a Agadez, a antiga capital de um sultanato tuaregue que controlava o tráfego de caravanas no Saara. Vários anos atrás, Agadez tornara-se um destino de viagens e estadias para turistas em busca de belezas arquitetônicas e passeios nas áreas circundantes, em busca dos restos de dinossauros. As estrelas do entretenimento haviam comprado segundas casas na cidade do deserto e vôos regulares a conectavam diretamente com as metrópoles norte-americanas. Então, a revolta pela independência do povo tuaregue tornou a área insegura.

Eu estava indo com um colega para estudar os planos de salvaguarda e valorização do patrimônio histórico e cultural, oferecidos pela UNESCO à República do Níger. Na capital, Niamey, conhecemos Vittorio, um italiano que se mudara para o Níger havia vários anos, como operador turístico. Como administrava empresas de turismo em Agadez, ele se ofereceu para levar-nos com seu carro.

O pequeno hotel em Tahoua era pouco mais que um alojamento para caçadores, espalhado em várias cabanas. Pouco ar para respirar dentro do quarto e um pequeno ar-condicionado, colocado no alto da cabeceira da cama, que fazia um barulho terrível. Acima desse barulho, porém, os exercícios acrobáticos do casal no quarto ao lado me mantiveram acordado a noite toda, entre um convidado e a próspera senhora que nos havia recebido à noite, na altura da nossa chegada. A senhora também tinha-me lançado um olhar promissor e possessivo, com um significado inequívoco: - Após será a sua vez também! -

Uma promessa que não conseguiu cumprir: na manhã

seguinte, preparamo-nos cedo para aguardar a escolta armada que acompanharia os carros da coluna por várias centenas de quilômetros.

A escolta consistia em três carrinhas, cada uma armada com um canhão de tiro rápido e uma metralhadora. Dez homens ao todo: o capataz, três motoristas, três artilheiros, três metralhadores. Mobilidade máxima, sem armadura. Eram os mesmos meios que os rebeldes usavam. Arranjaram-se um à frente do comboio, outro - com o comandante - no meio e o terceiro atrás, a fechar a cobra composta por cerca de vinte carros.

Quando os militares permitiram, a longa jornada começou. Partimos antes do nascer do sol, para chegar a Agadez antes do pôr-do-sol. Vittorio dirigia rápido, conhecia bem o percurso. Era a única estrada da região, correndo sinuosa entre longos cumes de dunas e colinas, de cujo topo as rajadas de vento levantavam cortinas e bufos de areia, que podiam esconder - como cortinas de fumaça - emboscadas em cada ravina descendo em direção ao vale. Tínhamos que manter uma velocidade de cruzeiro constante e parar prontamente, a cada sinal de buzina da escolta. Só podíamos confiar na competência dos nossos protetores. Dediquei-me a observar a paisagem, perscrutando o perfil das dunas ao longo do horizonte, de onde poderia originar-se uma possível emboscada.

O sol ofuscante atraia reflexos e relâmpagos das dunas a cada mudança de inclinação, cada nuvem de areia, até onde os olhos podiam distinguir as formas. Não percebi nenhum indício de presença humana, até as colinas. Vivíamos na ansiedade de uma espera contínua, de uma incursão que podia começar a qualquer momento, sabe-se lá donde. De vez em quando, não sei se fosse um alarme real ou apenas para "flexionar os músculos", os soldados mandavam o comboio parar e vasculhavam ao redor. Às vezes, uma ou duas das carrinhas iam até as dunas para explorar. A certa altura, um alarme mais importante pareceu disparar. Mandaram os carros parar, dispostos em fila única, juntos, e uma carinha armada partiu para explorar a alta crista de areia. Por algumas dezenas de minutos, ela permaneceu escondida de nossos olhos. Houve uma enxurrada de tiros, depois

silêncio. Depois de algum tempo, a carrinha reapareceu e se juntou a nós e fomos embora. Sem explicação.

Finalmente, pouco antes do pôr-do-sol, chegamos à mítica cidade do deserto. Em primeiro lugar, a surpresa de um grande presente me esperava: estávamos hospedados em um pequeno hotel, construído por Vittorio no pleno respeito à arquitetura local, restaurando uma casa antiga, bem em frente à Grande Mesquita do século XVI, uma das obras-primas da arquitetura do Saara. Íamos ser hospedados ali durante a nossa curta estadia. A janela do meu quarto dava para o minarete monumental: uma torre de terra crua que se estreitava para cima, reforçada por vigas de madeira horizontais, projetando-se em todos os lados, o que lhe dava a aparência de uma almofada de alfinetes. Percebia-se perfeitamente o encanto da grande arquitetura realizada com o barro cru, ao pé daquela majestosa torre pluri-centenária que voltava a ser rebocada todos os anos, após o período das chuvas. Os postes de madeira, além de manter unidas as camadas de argila, serviram de andaime para quem devia restaurar as camadas superficiais. Lamentei que, desde os dias da grande onda turística, tivessem silenciado os chamados noturnos do muezim, a que estava acostumado, como complemento natural das noites saarianas.

Outras descobertas surpreendentes foram: o majestoso Palácio do Sultão e a "Casa do Senegalês", um palácio com uma grande escada em espiral no centro, todo decorado com gigantescas estátuas multicoloridas, modeladas na argila crua. A cada ladeira, a cada patamar, novas ravinas, novas perspectivas eram vislumbradas, descobrindo as figuras dos mitos tradicionais da África Ocidental. A "casa do forno" ou casa de Sidi Ka é uma obra de arte de um tipo particular: em 1917 um padeiro senegalês, de Thiès, deu rédea solta à sua imaginação, cobrindo o interior da casa com altos-relevos de argila vividamente colorida.

Descobríamos aviões, conchas, arabescos incrustados nas paredes, mas infelizmente nos encontrávamos muitas vezes no escuro e a observação das obras decoradas nem sempre era fácil, mas que surpresa fascinante, quando de repente

alguma máscara multicolorida, com dois metros e meio de altura! Do terraço havia uma bela vista panorâmica para o labirinto de ruas abaixo e o interior dos pátios. A cidade inteira conservava traços do passado distante e recente. Nesta casa foi realizada em 1990 uma parte do filme "Um chá no deserto" de Bernardo Bertolucci. A revolta dos tuaregues já durara cinco anos e o número de estrangeiros que chegavam à cidade diminuía constantemente.

Como é normal, nesses sultanatos da área do Sahel, o sultão tinha sob controle tudo o que acontecia no território e principalmente na capital: era ele quem arranjava a propriedade e o uso de todos os edifícios, quem decidia ou permitia os casamentos ou coabitações. Vittorio tinha obtido do Sultão a concessão do edifício que albergava o antigo bordel, com um átrio de grande beleza, construído no estilo das "cúpulas haússa", para transformá-lo em restaurante, mas infelizmente teve que encerrar, devido à fuga dos turistas. A cúpula haússa é na verdade um telhado sustentado por vigas de madeira, apoiado em quatro grandes arcos de terra crua que se cruzam sobre a sala, de um lado para o outro. Uma grande varanda dominava a sala do restaurante, destinada em tempos anteriores à atuação das raparigas da "casa".

Grande parte da cidade histórica fora preservada, embora os prédios precisassem de manutenção e restauração. Tive o prazer de visitar uma casa comprada e restaurada por um astro do cinema americano pouco antes do início da revolta. A casa não estava habitada, mas encontrava-se em ótimo estado de conservação, pois o proprietário havia deixado o trabalho remunerado de guarda e manutenção para uma família de tutores. Até o jardim e a piscina estavam bem cuidados, como se os proprietários tivessem de voltar a qualquer momento. Confesso que sonhei em ser o jardineiro daquela casa no meio do deserto.

Após alguns dias de cuidadosas observações do patrimônio histórico da cidade, partimos com o pesar de não ter podido fazer uma das clássicas excursões no deserto, em busca dos vestígios de dinossauros. Desde os primeiros dias da revolta (cerca de dez anos antes) isso não era mais possível, para não correr o

risco de um seqüestro. Retomamos a estrada de volta, sempre em comboio de carros protegidos pela escolta armada. Não houve acidente nenhum, nem mesmo no caminho de volta.

Quarenta anos atrás, por volta de 1980, o estudo da arquitetura vernacular fez descobrir um cinturão de cidades saarianas fascinantes e ainda relativamente bem preservadas: Chinguetti, Ualata, Timimoun, Tombuctu, Gao, Agadez, Zinder, Ghadamès, Siwah. Parecia que, graças ao turismo, a riqueza das comunidades locais pudesse renascer da recuperação desses centros urbanos, testemunhos da antiga riqueza comercial que se baseava nas rotas das caravanas.

Como acontece com a maioria dos projetos de cooperação para o desenvolvimento, nosso estudo sobre a herança cultural do Níger nunca começou. Obteve todas as autorizações de financiamento necessárias, mas entretanto um dos muitos golpes de estado perturbou a estrutura do país africano, anulando todos os acordos feitos com os dirigentes dos vários ministérios.

Hoje, esse mundo está mais uma vez fechado ao estrangeiro, como nos séculos passados, mas não tem mais nenhuma riqueza, nenhum recurso para crescer. Naquela época foram os tuaregues que decidiram tornar a área insegura, perdendo assim sua principal fonte de crescimento econômico e desestabilizando a segurança do estado do Níger, então outro tipo de terrorismo atingiu toda a região. Na histórica cidade de Tombuctu, outra das obras-primas do Saara, os túmulos monumentais de um passado glorioso foram destruídos e muitos livros do patrimônio islâmico, preciosos e insubstituíveis, foram saqueados.

Será que algum dia veremos aquelas esplêndidas cidades florescer novamente, como nos dias em que recebiam milhares de camelos em seus caravançarais?

https://www.liutprand.it

Alexia Nunes Couto

Carapicuíba/SP

Haiku/Haicai

Ipê floresce

A cidade ganhou cor

O vento dança

Sol se esconde

Mente pede pausa

Fecho os olhos

@descrevendo_pensamentos

Allan Caetano Zanetti
Bento Gonçalves/RS

Contemplação

O que tu me entregas é tão pouco
Mas não me imagino sem ter isto
Eu não apostaria no nosso futuro
Só que por algum motivo insisto

Quando vejo teu riso espontâneo
Sou transportado a anos dourados
Com a mágica que nos torna livres
E prontos para os dias ensolarados

É um milagre contemplar a beleza
Quando a realidade fecha portas
Erguendo barreiras em sequência
Nos afastando das melhores rotas

Como eu gostaria de tê-la uma vez!
Por um minuto, em tom de despedida
A ponto de confundir com uma ilusão
Doce que nem a mulher mais querida.

https://www.pensador.com/autor/allan_caetano_zanetti/

Alline Souza

Rio de Janeiro/RJ

Um amor que floresce ao luar

Quando eu era criança e olhava para o céu imaginava que a Lua era um imenso queijo que às vezes era mordido por algum bicho. Um bem grande, claro. Acredito que todos em algum ponto de sua infância pensaram algo assim com relação ao nosso satélite natural. Ou variações da mesma lenda. Talvez a magia que envolva a Lua venha do fato de que nós, seres humanos que não vamos vestir um traje de astronauta e dar um passeio lá em cima, jamais tocaremos ou sentiremos sua poeira escorrer pelos nossos dedos. Conhecê-la de perto. Por isso o mistério, a fascinação, e tantas canções e poemas rendidos em sua homenagem: linda por si só, parece ter consciência disso e foge de nós todos os dias. E como qualquer um, tem seu lado oculto, que ninguém ousa explorar. O que será que ela está tentando esconder?

O nosso romance começou assim, no capô do carro dele, deitados admirando a Lua. Conversando sobre ela e toda a sua beleza. Seus enigmas e possibilidades. E naquela noite o céu estrelado foi expectador do início de uma história que atravessaria o espaço e o tempo.

O trabalho de David o levava a viver entre cidades, mas eu soube disso desde o princípio. Suas pesquisas eram importantes e eu me orgulhava de ter alguém ao meu lado que fosse tão focado e apaixonado pelo que fazia. Quantos de nós podemos dizer que trabalhamos com o que amamos, ou que nosso ofício é, de alguma forma, relevante para a sociedade de um modo geral? O dele era. E eu ficava babando igual a uma boba.

Além das viagens, os horários fora do padrão poderiam me assustar. A intensidade dos treinamentos, das aulas, do preparo, era tudo muito desgastante para ele. Acabava não se alimentando direito, e não tendo o mínimo de cuidado consigo mesmo além do que lhe era exigido. Nosso namoro estava indo muito bem, estávamos nos conhecendo, e como existia a possibilidade de ele se ausentar por um longo período acabamos antecipando nosso destino. Passamos a simplesmente morar juntos e a loucura dos horários dele virou a minha loucura, que eu conciliava com os meus e com uma

rotina o mais saudável possível para nós dois.

Eu sou escritora, trabalho com prazos e atrasos. O "glamour" de eventos — de 20 pessoas no máximo, a quem eu quero enganar — e sessão de autógrafos, palestras e entrevistas se divide com a luta diária de forçar-me a sentar e escrever. Já fazia algum tempo que eu havia lançado um "sucesso" e estava naquela fase em que nada ia para frente, nenhum projeto ganhava continuidade. Procrastinação à parte, eu tenho a liberdade de escolher qual a melhor hora do dia para trabalhar e geralmente é a mesma que David está fora.

A primeira vez que ele precisou ficar meses ausente eu tive medo de que nossa relação esfriasse, que a distância fosse impor todo o peso de sua gravidade sobre nossos ombros. A decisão final de ir foi tomada em conjunto comigo. Se eu pedisse para ele ficar, não tenho dúvidas de que David ficaria. No entanto, o custo seria seu sonho, e eu não poderia permitir isso. Se os papéis estivessem invertidos eu gostaria que ele me apoiasse, por isso ele teve meu total suporte. Mas isso não significa que eu não tenha morrido de saudades, que não roí as unhas enquanto acompanhava sua partida e só fiquei tranquila quando vi sua imagem chegando na estação. Seria um longo período sem David, e ao mesmo tempo teríamos a chance de fortalecer nosso amor e eu de me reencontrar em minha escrita.

Por algum milagre ou — o que estou mais propensa a acreditar — por pura tentativa de fuga da realidade terminei meu livro em sua ausência. Quando David voltou, a prosa virou poesia e meu coração voltou a se aquecer. As estrelas pareciam mais brilhantes, o jardim reinava colorido e a vida bem mais leve. Problemas, sim, quem não os tem, mas de mãos dadas caminha-se por maiores distâncias.

Um espacinho se abriu entre as nuvens e os raios brilhantes do Sol se derramaram sobre o teclado do meu antigo laptop, com suas letras oscilantes e seu testemunho em primeira mão de todas as minhas dificuldades de encarar a tela em branco e o cursor piscante: para minha surpresa meu livro tocou alguns corações. Alcançou estrelas, boas críticas e resenhas e me rendeu momentos bem agradáveis. O glamour veio com tudo e desta vez fui eu que deixei nosso lar e voei rumo aos meus sonhos. David flutuou sorrindo ao meu lado.

Oportunidades não costumam bater à porta duas vezes, e se ela vem, é preciso responder. A minha chegou. Um serviço de streaming comprou os direitos para transformar minha história, aquela ideia que eu tive lá atrás enquanto servia um café e pensava em como equilibrar as contas naquele mês, em uma série de oito episódios. Todo o processo de produção, criação, filmagem e edição seria realizado em outro país e eu era

peça chave no roteiro. Eu mal acreditava. Em certo ponto dessa caminhada cheguei a pensar em desistir e a voltar ao meu antigo emprego. Mas persisti, e David foi essencial para isso.

Foram alguns meses indo e vindo, encontrando e desencontrando, e onde quer que eu estivesse o amor me ancorava para não me perder em meio a tanto caos calculado.

David também ouviu uma batida à porta: o grande sonho, a chance de sua vida, o objetivo de tantos anos de dedicação, esforço e sacrifícios estava ali, esperando para que ele respondesse. É claro que ele atendeu, e se dependesse de mim David partiria aquele dia mesmo.

Difícil descrever a sensação de apreensão que aquela jornada dele me causava, e junto dela a felicidade de vê-lo indo tão longe! Era perigoso e por isso a ansiedade me pegava de jeito. Decidi jogar-me no trabalho. Era o meu refúgio, meu escape. Sem ele eu jamais haveria sobrevivido àquelas incontáveis batidas do coração que cismavam em brincar de pular amarelinha.

Naquele dia eu não pude estar próxima para vê-lo partindo. Talvez tenha sido melhor assim. Acho que nem todo calmante do mundo me aquietaria.

***

A produção da série decidiu acompanhar o evento da década no bar próximo ao local das gravações. Era um momento histórico. Tantos anos, dólares, teorias da conspiração e perdas depois o homem voltava a pisar na Lua. O pequeno passo era dado novamente, quem sabe desta vez para ser gigante em unir a humanidade.

Os astronautas desceram, fizeram sua pose para a câmera, cada um teve seu momento de dizer a frase que apareceria nos livros de história da próxima geração e depois disso a vida da maioria das pessoas voltou ao normal.

O aperto no meu peito aos poucos foi desafrouxando.

Não pude ficar o tanto que eu queria acompanhando a cobertura. Apesar de ter virado a noite acordada pulando de canal em canal, meus personagens queridos me chamavam para ajudá-los a fugir das páginas e saltar para o desconhecido da vida real.

No meio do dia, no entanto, uma chamada urgente ofuscou os programas culinários, as fofocas e filmes, e teve sua imagem congelada nas televisões, na internet e na minha mente.

Na Lua não há vento, é o que diz a ciência. A bandeira não pode tremular e os rastros dos astronautas ficarão pelo chão por toda a eternidade.

David, em seu traje completo, enquanto buscava recolher amostras lunares para pesquisa, decidiu deixar sua marca no nosso satélite natural. Não apenas pegadas: um pedido.

A câmera do drone que exibia passo a passo da viagem estava posicionada entre alguns montículos, em uma área aberta, onde uma única

frase poderia ser lida, rabiscada a dedo na poeira do solo lunar:

"Angela, você quer se casar comigo?"

Eu acho que fui ao céu e voltei. David sim, já estava lá, mas também estava ali no meu coração, me convidando a fazer parte de sua vida — ainda mais — e a dividir a riqueza e a pobreza, a alegria e a tristeza. Naquele momento eu era toda alegria.

Sua pergunta repercutiu o mundo. Jornalistas, celebridades, todos se questionavam quem seria a sortuda Angela. Eu sorria. Poucos sabiam. Mas muitos descobriram. Não era difícil, na verdade.

Vivi dias de paparazzi, de sair com chapéu e óculos escuros e a olhar para todos os lados à procura de uma câmera para me esconder. Não queria dar entrevistas. Não enquanto não respondesse ao pedido de David pessoalmente.

Sua viagem à Estação Espacial Internacional, a primeira grande separação nossa, tinha me dado um gostinho do que era estar louca de vontade de estar junto, de abraçar, de sentir o cheiro e não poder. Me ensinou a resiliência, a paciência e me fortaleceu para o que viria a ser nosso maior desafio.

Eu esperei. O mundo observava fascinado todas as descobertas e promessas que aquela viagem — o rascunho de uma base lunar — traria para a humanidade. E algum tempo depois David voltou. E quando fui até a zona de pouso recepcioná-lo ele se ajoelhou. O mundo filmou. Ele repetiu a pergunta — e antes disso teve coragem de indagar se eu tinha visto o recado que ele deixara para mim — e eu respondi para os quatro cantos ouvirem:

— Sim. É claro que sim!

Vidas tão distintas unidas pelo sentimento maior que existe.

A cerimônia não foi na Lua — seria catártico, porém meu estômago não aguentaria a jornada, para dizer o mínimo — mas apesar disso foi sob a sua luz. Ali mesmo, no campo onde estacionamos tanto tempo antes para observá-la enquanto notávamos um ao outro, em meio às flores da primavera, selamos nossa união.

Não sei o dia de amanhã. Nem o final do de hoje, na verdade. O que tenho certeza é que para sempre nosso amor estará gravado em solo lunar. E nas fotografias, na aliança, no coração. O que de mais verdadeiro existe entre nós.

Que nosso sentimento inspire casais por todo o planeta a tomarem coragem de dar o primeiro passo rumo à felicidade. Ele é gigante.

O amor é maior que tudo, e será sempre o porto seguro da minha vida. Esteja ele escrito na Terra, na Lua, ou quem sabe um dia, nas terras vermelhas de Marte.

FIM

https://linktr.ee/allineescreve

Ana Flávia Alves

Fortaleza/CE

No caminho do tempo

Apreciar a brisa leve
que traz as asas da borboleta
Contemplar o voo da pétala
da flor de Bogari pelo jardim
Perceber o aroma do perfume
sussurrar uma fábula

Escutar a voz de um querubim
Falar de sonho e da lua em movimento
Sorrir junto ao som do bandolim
Chorar de rir e regar o dia com alento

Abraçar o momento do casulo
Ter paciência na seda do desafio, fio por fio
Acreditar no espírito da lagarta
Perseverar a tempo
nas andanças da vivência

No caminho do tempo...

E-mail: ana.fba@hotmail.com

https://www.facebook.com/anaflavia.alves.33/.

@ana.fba

Ana Maria Fázio de Freitas
Assis/SP

Nossa Senhora Aparecida

Oh, Nossa Senhora, Mãe Aparecida,
Velai por nossas vidas e nos guiai.
Curai nossas dores, as nossas feridas,
Sob o vosso manto, ó Mãe, nos guardai.

Livrai-nos dos males e da violência,
Livrai-nos da mentira e da traição.
Norteai nossos passos Mãe de clemência,
Salvai-nos do vazio e da solidão.

As nossas famílias, Maria, abençoai
E defendei as crianças da exploração.
Protegei os idosos e os consolais,
Levai os nossos jovens a conversão.

Aos padres, os seus filhos prediletos,
Com amor de Mãe, oh Virgem, exortai,
Mostrai-lhes o caminho e o rumo certo,
O povo de Deus ao céu encaminhai.

Virgem Morena, vê quanto pavor,
Teus filhos sofrem, sem teto, sem pão.
A desigualdade espalhando a dor,
E o Brasil submerso na corrupção.

Tantas violências a terra assolando,
Mães angustiadas e desiludidas.
Lutas, conflitos, homens se matando,
Venha socorrer-nos, Mãe Aparecida.

Sodoma! Gomorra! Só violação!
Os humanos esqueceram o amor.
O sangue de Abel a banhar o chão.
Virgem Maria, venha em nosso favor.

André Eitti Ogawa
Florianópolis/SC

Contra a corrente

Numa matinada do mês de agosto
enquanto os tetéus retocavam o seu ninho
Roberto despertou muito disposto
e tomou logo cedo o seu caminho.

Viu um besouro peregrinando pelo chão.
Colheu do pé um fruto mélico da estação.

Distraiu-se com o sol nas copas cintilantes.
Viu um colibri descansando por um instante.

Sentiu no rosto uma leve brisa quente
e um límpido conforto despertou em sua mente.

Mas num espasmo de lucidez
daqueles que nos acometem de quando em quando
Roberto refletiu com nitidez
e logo tudo perdeu o seu encanto.

Então veio a imagem de um biguá
repleto de petróleo.
Os povos da floresta com todo o seu espólio.

Um tapirucu enroscado em uma máscara facial.
Uma reserva trocada por canavial.

Uma baleia numa rede sufocando
Um papagaio de gaiola definhando.

"É, a consciência só repousa tranquilamente
Para os tolos, ingênuos e indiferentes"

E seguiu o seu caminho,
andando sempre em frente,
roteando contra a corrente.

André L
Recife/PE

A Rede Social

Mandei mensagem e me postei no aguardo...
a ansiedade pede uma resposta.
Se não vier vou me sentir um bosta,
se for visualizada vira um fardo.

E aquela opinião que eu não tardo
em tornar viva e na rede ver posta,
uns leem como fosse lei imposta
e dão resposta em forma de dardo.

O fraco se faz forte com a distância,
a turba espera a réplica com ânsia,
que vem pra saciar também meu ego...

e aquela musa que eu só conheço
de fotos, deu seu like, já um começo!
Em pixels lá vou eu fazer-me cego…

https://www.instagram.com/el.andre.l/?hl=pt-br

Ariane de Medeiros Pereira
Caicó/RN

Tarde fantasiosa e tempestuosa

Não era tempestade que devastava
Mais a alma que acalmava
Aquele coração que vivia acamado
Não sabia como se comportava

Diante daquela sensação que o colocava em êxtase
Naquele vai e vem de águas tempestuosas
Que do nada se transformava em embalos
Tocantes, afáveis, carinhosos, mas, misteriosos

O raio que cortava aquela emoção
Transbordava para os confins da alma
E gritava em sensibilidade e apego
Por aquele outro coração consolador

Não demorava e a magia acontecia
Em meio aquela quimera que queimava em simbologia
Os dois corações se tocavam a enamorar
Os olhos latejavam daquela emoção que despontava

Da alma a se estilhaçar naquela paisagem de amar
Que se encontrava e se eternizava em fantasia
Sorrindo grandemente daquelas almas vivificadas
Na alegria do outro reencontrar!

Arthur Vieira
João Pessoa/PB

A bondade é um ato de terrorismo

As chinelas rascavam o chão sujo de esgoto ressequido e poeira. A lua ocultava-se em pálidas nuvens de uma noite quente. Os grilos decidiram que não estridulariam então. O beco da Tapa decidiu ficar em um silêncio trêmulo. Boda Gaza abriu a porta se pedir e acordou o Irmão e a Irmã sem nenhuma cerimônia.

— Pezin, amarra o Irmão. Irmã, senta na cama e sem pantin. Aqui vai ser jogo rápido, né Irmão?!

— ...

— Se ajudar a gente, a gente sai e vocês nem vão lembrar dessa história, né Irmã?!

— ...

— Vixe, Boda... são calado, né?!

— Só quero saber onde tá amalocado o Cobal? Só isso, beleza?!

As mãos de Boda Gaza estavam cruzadas e para trás. Pezin olhava ao redor e na cintura repousava um facão opaco e de fio bem limado que o fazia se sentir mais foda do que realmente o era.

— A gente sabe que vocês sabe... Ele sabe que precisamos cruzar os bigodes... do jeito que a coisa tá... pra mim num funciona...

- Tá falando do quê?

— Aí... Boda, o Irmão fala também...

— É... bom sabê...

Boda Gaza finalmente mostrou nos braços e em sua mão foi possível ver um cutelo de 7 polegadas que reluziu sob a luz incandescente de uma lâmpada de 4 watts. Os olhos da Irmã faiscaram, os do Irmão arregalaram-se ao mesmo tempo em que Pezin soltou um direto de punho cerrado que o derrubou no chão, no que resultou num barulho abafado de queda. Ao olhar aquela cena, Boda reprovou Pezin apenas com o olhar e voltou a atenção para a Irmã.

- Falei que não queria machucar ninguém, você viu... esse Pezin que é um feladaputa, desconsidera geral...

O irmão gemia e se enrolava de dor no chão queimado de azul à Xadrez.

Os outros dois sentiram certa excitação com o quadro que ajudaram a pintar.

- Cobal! Cobal! Aparece!

- Num adianta, Pezin...

— Esse arrombado! Vai livrá o coro dele, Boda?!

— Tu sabe que não.. tu sabe...

Os olhos da Irmã inundaram, sua respiração se precipitara ofegante, a roupa de dormir denotava nitidamente seus predicados. Boda Gaza trocou respiração com ela ao se aproximar sua cara na da dela. Lentamente, para desespero dela, ele fez do cutelo um pente ao passeá-lo pela selva capilar negra. O coração da moça retumbava nos ouvidos, e logo se transformou em um som agudo que preencheu a sua audição. Ao recolher o cutelo, mostrou os dentes e voltou sua audiência para o Irmão que resfolegava no piso frio.

— Pezin, já que ele não abre a boca... resolve isso...

Ele foi com os pulmões cheios, e sem hesitação. Moeu a cara do Irmão com suas mãos ossudas. A Irmã sentia espasmos a cada murro, não aguentou muito tempo e fechou os olhos que deixaram vazar o líquido salobre. Pezin desengavetou uma iracúndia na pobre carne do Irmão. Aquele saiu de cima deste como se acabasse de devorar um prato de comida quente.

— E aí, Pezin?! Só isso?!

Essas fizeram Pezin reabrir o apetite, que livrou o Tramontina da cintura e partiu na direção do pacote flácido de carne que tomara o lugar do Irmão. Pôs um dos joelhos no pomo de adão, e com indicador e o polegar abriu a boca e com a pinça dos seus dedos puxou a língua boca à fora. E sem nenhum esforço por parte do facão, separou-a do resto do corpo. O sangue fugia do corpo ao passo que engasgava o Irmão que nem força pra gritar possuía. A Irmã sentia, e pressionava com mais violência as suas pálpebras.

O Irmão convulsionava com os braços amarrados para trás e o sangue respingava a esmo em gordas gotas pelo cômodo.

— Irmã... – segurou o queixo dela e virou na direção do corpo tingido de vermelho – só diz pra gente onde tá o nosso Cobal, e a gente sai daqui assim ó... Estalou os dedos sem fazer barulho.

Ela batia os queixos e murmurava algo parecido com o pai nosso, só que não abria os olhos por nada, e seus

dentes rangiam. Boda Gaza balançou a cabeça.

— Pezin, passa o laço...

*

Canal 17. Às 12:33:

- Rapaaaaaizz!

- É! Não tem jeito! Não tem jeito mesmo! Traz a câmera aqui pra mim. Traz aqui, ó, Jatene! Esse Jatene... Esse Jatene... Tô sabendo... Hein...

A câmera balança negativamente.

— Esse Jatene queima!

Um som mecânico faz: "Ueeeeeepa!"

— Não fala isso! (Gargalhadas). Olha, agora vou contar pra vocês um caso que aconteceu na Comunidade do Beco da Tapa. Dois irmãos foram mortos, dizem que era do movimento, sabe... Tá aí... o destino são dois pra quem caminha por essa vida: ou é cana ou caixão. No caso deles, comer um capimzin pela raiz e depois dançar no tacho do Tinhoso! Né, não?!

— ÔÔÔÔÔ se é! Deixa os bixos se matarem.

— É! A polícia, nestes casos, só vai pra levar o saco preto. Deixa que esses papa-fígo se resolvam.... Quem é de bem não passa por essas coisa! Quem é de Deus num vive feito esses animal! Oí, ó, olhas essas imagens... Meu Deus que coisa mais triste, mas esse caminho foram eles mesmos que escolheram. Tô certo ou tô errado, Jatene?

A câmera assente positivamente.

— Claro que tô! A gente devia ter pena de morte, assim esses vagabundos iam aprender a seguir a lei... se não pelo amor, vai pela dor mesmo.

Sonoplastia.

— Agora, vamos falar de coisa boa! Chegaí, chegaí... olha Jatene, que morena linda. Tu num gosta... Ê, lá em casa! A Micheline tem um recadinho importante pra vocês! Manda tu, coisa linda!

— Obrigada! Boa tarde a todos! Estamos aqui pra falar de segurança, e segurança é com a…

Benjamim Franco

Taubaté/SP

O espírito da batata

Desde que minha filha Marília foi estudar na federal, ela ficou com uma série de hábitos estranhos. É óbvio que qualquer filho de cabeça saudável, e que vai estudar fora, não se priva da oportunidade de farrear. Por mais que eu não goste de imaginar os detalhes, gosto de pensar que fui um pai responsável e que criei uma filha precavida, sensata, e com impecável ética, que se divertiria muito e se esforçaria bastante. Até aí, tudo certo: Marília é excelente aluna, e me enche de orgulho. Mas não contava que a herdeira da Embutidos Alaor se tornaria...

"Vegana, pai".

Não entendi no começo, especialmente porque, durante toda a sua infância, ela jamais ousou reclamar de nossos produtos – e inclusive, foi garota-propaganda em uma de nossas peças publicitárias mais famosas. Lembra do comercial em que o Papai Noel dá uma roda de queijo pra uma menina? Era eu o Papai Noel, e a menina, minha filha. E a roda era cenográfica: eu jamais exporia um produto nosso a um set de filmagem.

"E como é que você não... morre?" Os eufemismos me falharam. Francamente, eu estava pasmo, perplexo de não sentir o cheiro de nada que me apetecesse naquela minúscula cozinha. Especialmente porque enviava todo mês uma cesta com nossos mais estimados e bem-sucedidos produtos para o seu novo domicílio.

"Dá pra viver muito bem sem carne! Leite, derivados..."

"Mas você está tão fraquinha", eu disse.

"Eu estou ótima, eu juro!", disse Marília. "E estou preparando algo que vai mudar a cabeça do senhor".

A panela fervia em mil bolhas. No lixo, havia um mínimo de produtos rejeitados: sobras e talos eram desviados para compostagem, e mesmo as cascas tinham destino. Tal demonstração de zelo e de práticas de boa logística me tranquilizavam: pelo menos nisso, ela puxou o pai.

"O senhor tinha um ditado, certo? Sobre o porco..."

"Do porco, se aproveita tudo", comecei.

"Principalmente o espírito", ela completou. "Pois bem. A batata é parecida! Além de ser deliciosa e nutritiva, dá pra usar até a casca..."

"Pra fazer adubo, sim?"

"Também, mas... hoje, o prato do dia é..."

"Torta de casca de batata?"

"Isso! Espere esfriar um pouco. Prova um pedaço. Deixa eu terminar o chá pra nós dois".

O pedaço da torta parecia olhar em meus olhos. Eu francamente não entendia qual era a razão de ser de tal alimento. Meu lado empreendedor não podia deixar de admirar o bom uso de diversos materiais. Mas ainda assim, era aberrante constatar que, dentro daquela torta, não havia sequer uma lasquinha de frango, um grama de queijo. Apenas batata, por dentro e por fora. Nem sequer imagino como é que ela fez essa massa sem usar ovos.

"Já tomou chá de hibisco, pai?" O líquido roxo tinha um cheiro suave, suave até demais. Minha vontade era de tomar um refrigerante.

"Bonito", eu disse. Constatei que seria minha primeira refeição sem algum produto Alaor desde minha internação no hospital.

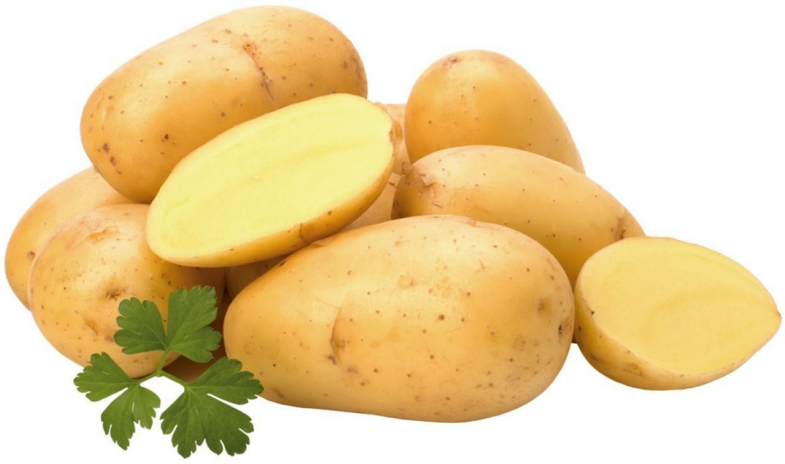
"Prova a torta, pai". A torta se desmanchava no garfo. Não precisei de coragem para mandar pra dentro: mas tive que engolir meu orgulho. E mal foi necessário mastigar: a casca foi uma boa sacada, pois não havia nada além dela que exigisse o uso de meus novos dentes. Carne, só se eu mordesse a língua. Precisei de um gole do chá de hibisco para fazer a massa descer.

Marília me olhava, sorridente, como se lembrasse de uma piada suja. "E aí, pai? Gostou ou não?"

Não tive coragem de dizer a verdade. "Sim, sim! Muito bom"

Estava faltando sal.

https://www.twitter.com/benjamimfranco



Beny Barbosa

Fortaleza/CE

Perucas Mortais

Incentivada por Glória, a sua melhor amiga, Marisa foi ao Vale do Crepúsculo. Ao chegar lá, foi recebida pelas Guardiãs do Templo Sagrado de Pirinaty e levada à presença da Grande Sacerdotisa, que não se deixou identificar. Decidida, disse que cumpriria as Quatro Oferendas à Pirinaty, em troca do sucesso de seu salão de beleza.

Clarice, uma ex-chacrete, finalmente estava se sentido bonita novamente, depois daquela terrível doença que a fez perder todos os cabelos e abandonar a carreira. Ao ver o seu rosto ornado pela peruca comprada no Afrodithe Hair, ela finalmente havia recuperado a sua autoestima. Diante do espelho, passava suavemente a escova nas novas madeixas. Contudo, sentiu um puxão em sua cabeça e em seguida, um gosto amargo e viu que alguns fios de cabelo estavam saindo de sua boca. Ela tentou gritar, mas um enorme tufo de pelos alojou-se em sua garganta, sufocando-a mortalmente.

Em pouco tempo, o Afrodithe Hair havia se transformado no point preferido das mulheres de bom gosto de Lubiânia. Para Marisa, a tristeza que sentira naquela malfadada noite de inauguração era uma tênue lembrança. Agora, podia frequentar os melhores restaurantes da cidade e festas mais badaladas.

Ser convidada para uma festa promovida pela socialite Fernandinha Marques, era o sonho de qualquer alpinista social. Tetê de Assis, que sonhava ascender socialmente, conseguiu um convite para o tal evento. Antes de sair de casa, deu os últimos retoques na peruca comprada no Afrodithe Hair.

Entretanto, logo que chegou na festa, Tetê sentiu uma leve fisgada em sua cabeça, fazendo-a segurar-se com mais força no braço do marido:

—O que foi, minha querida?

—Acho que é uma dorzinha de cabeça.

—Você trouxe aquele seu remedinho?

—Claro que sim.

Depois de tomar um analgésico com meia taça de moet chandon, Tetê foi ao lavabo.

As paredes de mármore branco davam um charme todo especial ao lavabo. Tetê reparou que sobre o espelho decorado de madrepérola haviam dois pequenos punhais de cabos dourados que pareciam ser de

ouro. Àquela altura, a dor de cabeça aumentara; parecia até que o Fred Krueger estava enfiando as garras metálicas em seu cérebro. De repente, um gosto amargo na boca fez com que ela vomitasse. A falta de ar impedia que ela gritasse por socorro e, uma tontura repentina embaçou a sua visão, levando-a ao chão. Antes de cair, agarrou-se ao espelho fazendo com que os punhais se desprendessem da parede e caíssem sobre os seus olhos, ferindo-a mortalmente.

No dia seguinte, a notícia sobre a morte da socialite era notícia e chegou até ao salão de Marisa, que preferiu não valorizar aquele assunto e a todo momento, chamava atenção de suas funcionárias quando falavam sobre aquela morte.

O casamento de Cecília e Douglas foi perfeito. Ter pago caro por aquela peruca do Afrodithe Hair, valeu a pena, pois a cor dos cabelos da prótese capilar, além de combinar o seu vestido de noiva, disfarçou bem as cicatrizes deixadas por aquele incêndio do qual fora vítima ainda criança.

Ao chegarem na suíte, o casal jogou-se sobre a cama e começaram a se beijar. O desejo que emanava dos noivos fez com que aos poucos, fossem tirando a roupa. Cecília, apenas de calcinha e tiara, deixando Douglas enlouquecido. Num ímpeto, ele avançou sobre ela e enterrou o rosto entre os seus seios, fazendo-a suspirar de prazer. De repente, ele escutou um gemido mais alto, e resolveu olhar nos olhos da esposa: ela estava com os olhos esbugalhados e cabelos desciam de sua cabeça, entrando no nariz e na boca. Apavorado, Douglas tentou se desvencilhar, mas foi enlaçado pelos cabelos que pareciam arames cortantes, quebrando-lhe facilmente o pescoço. Em pouco instante, os recém-casados não passavam de dois cadáveres cobertos de sangue sobre o leito nupcial.

Sabendo que a sua filha Larinha era a quarta oferenda à Pirinaty e que chagara o dia de sua imolação, Marisa decidiu que fugir da cidade. Arrumou rapidamente as malas, mas antes de chegar no carro, deparou-se com Glória, que vinha fazer-lhe uma visita. Demonstrando preocupação, a amiga quis saber o que estava acontecendo. Marisa, sentindo-se pressionada, resolveu contar-lhe tudo e disse que não estava disposta a sacrificar a própria filha. Glória, incrédula, achava que Marisa estava tendo um surto e as duas passaram a discutir. Naquele momento, um vulto cruzou a estrada, ela perdeu o controle do veículo e chocou-se contra uma árvore.

Quando Marisa recobrou a consciência, viu que estava de volta ao vale do Crepúsculo e que naquele momento, a Grande Sacerdotisa dava início ao ritual de imolação:

–Ó deusa Pirinaty, deusa da vaidade e da prosperidade, diante de vós ofereço-te o sexto cordeiro!

Sob o comando da Sacerdotisa, as guardiãs trouxeram Larinha. Ao ver a filha, Marisa tentou em vão, desvencilhar-se da cadeira na qual estava presa.

A sacerdotisa retirou o véu lilás que até então escondia a sua identidade e, para o seu espanto, Marisa reconheceu Glória.

—Chegou a hora de sacrificarmos o cordeiro ofertado por aquela quem o pariu.

—Por favor, Glória, não sacrifique a minha filha!

—O sacrifício à Pirinaty não é morte, mas sim, vida eterna!

A sacerdotisa conduziu Larinha ao altar onde seria imolada.

—Glória, mate-me, ao invés dela!

A Sacerdotisa se aproximou de Marisa e disse:

—Veja a sua criança pela última vez. Ela será preparada para assumir o posto de Grande Sacerdotisa, aquele que já foi ocupado por sua mãe. Aquela revelação caiu sobre Marisa como uma bomba, pois nunca soubera que ela fosse ligada àquela seita.

As Guardiãs se aproximaram de Marisa e começaram o ritual: rasparam o seu cabelo e em seguida, deram-lhe para beber, um líquido escuro e amargo que foi a deixando inconsciente. A sacerdotisa pôs uma peruca sobre a sua cabeça e em pouco tempo, cabelos afiados desceram por seu pescoço, entraram por seus olhos, nariz e boca, matando-a sufocada.

—Está consumado! – disse a sacerdotisa, quando viu Marisa sem vida sobre o altar sagrado de Pirinaty.

Em seguida, pegou Larinha nos braços e a levou para dentro do templo.

@benybarbosa_

https://www.facebook.com/benimar.oliveirabarbosa.3/

Bruna Laís Rocha
São José do Rio Preto/SP

Zona de conforto

Nunca havia passado tantas horas olhando o céu
Em minha inércia vi a lua ganhando tamanho
As nuvens se movimentando
Senti a brisa tocar o meu rosto

Nada existia entre mim e a imensidão
A não ser uma certa nuvem
Que hora ou outra escondia a lua
Mas logo se compadecia e a devolvia

Quanto mais o tempo passava
Mas difícil ficava sair de lá
Tornei-me dependente daquele lugar
E das sensações que me proporcionava

Decidi não resistir
Deixei que o tempo se encarregasse
de me resgatar
Torcendo para que eu fosse esquecida
Por enquanto, tenho tido sorte.

Cacá Matos

São Paulo/SP

Desconstruída

Às vezes tenho vontade de me partir ao meio, de rasgar o peito e deixar tudo sair de dentro de mim. Tenho vontade de arrancar os pedaços, de deixar o sangue correr livre pelo chão, de me desfazer... Não, eu não quero me matar ou me machucar, quero romper os ciclos que me feriram, quero me limpar do que dói, quero recomeçar sem sementes do mal, sem nada que me faça voltar a me sabotar de novo.

Quero me fragmentar, me desconstruir, recomeçar do zero, refazer minha fortaleza do início, tijolo por tijolo, não posso mais ser essa versão ultrapassada de mim...

Quero recomeçar sem arrependimentos, sem receios de que devia fazer mais ou menos, quero saber que fiz o meu possível naquele dia, quero errar sem me condenar por isso...

Sei que mereço um recomeço, sei que tenho sido deveras exigente comigo, controlando, criticando e me sabotando...e agora mais do que nunca mereço gentileza para seguir um caminho com menos espinhos, eu preciso disso. Estou me curando de mim mesma e todo amor que dei e não foi retribuído, voltarei com toda força para esse reflexo cansado que vejo no espelho.

Eu me amo, eu me basto e estou aqui, crua e despida, desconstruída, mas chorando de alívio e alegria, com minhas navalhas caídas…

Poetisa sentimental

Eu quero tocar os corações alheios. Quero deixar minha marca nesse país inteiro, no estrangeiro, quero me espalhar por aí. Como sementes levadas pelo vento e pela boca dos pássaros, quero levar minha poesia para as mentes dos artistas e de todas aquelas pessoas que anseiam pelas artes em suas vidas.

Minha escrita consola, motiva, inspira, mas ela também dói, desagrada, traz conflito. Somos isso! Inconstância emocional, paradoxo sentimental. E não me atrevo a escrever apenas coisas bonitas. Sou infinidade em poesia e tudo cabe

nos meus versos eternos.

A dor me veste todos os dias e dela eu dreno rimas e prosas, faço hora, crio histórias, se sinto, sentimento vira pauta no papel.

Eu sou meu universo poético e no meu corpo não cabe essa imensidão artística, é aí que eu me desmonto e me espalho em poesia, prosa e poema e como vale a pena essa desconstrução!

Eu quero emocionar, quero ficar na mente, na lembrança, quero mostrar que sou tão humana e todos sentimos demais. Alguns demonstram menos, outros mais, eu sou exagero, excesso e nesses versos eu quero dizer que ninguém está só. Levo minha rima autoral, transito entre o amor e a dor visceral. Entre milhares de sentimentos que expresso, componho minha história, sou errante, sou amante das artes, sou poetisa sentimental.

Reinicie

Parece o fim agora. Você só quer deitar a cabeça no travesseiro e chorar até o cansaço mental te fazer adormecer. Se é que conseguirá dormir com tantos pensamentos torturando sua cabeça e coração, você se sente aflita agora e não vê à sua frente nenhuma solução.

Sente aqui e eu te direi uma coisa: por mais que tudo esteja desabando agora, eu estou com você, na chuva ou na escuridão, eu te dou a minha mão. Você não está sozinha, não precisa carregar a dor do mundo em seus ombros.

Eu sei que tem dias que queremos nos livrar de tudo que nos causa dor e depois? Como é que fica? Só resta nós para nos montar de novo...

As doenças mentais sufocam, chegam silenciosamente, por isso não se fale, seus problemas não são bobagem ou menos importante do que os outros. Se você se sente assim é porque precisa de ajuda e eu estou aqui pra te ouvir, a todo dispor.

Tudo passa, a ferida sara, cicatriza e eu cuidarei delas pra você, vai florescer e mostrar que você aguentou firme. Não tenha medo de começar de novo, escreva um novo capítulo em sua vida, para todo fim, aperte o botão, reinicie...

@poetisa_sentimental96

Cândida Carpena
Jardim Botânico, Brasília/DF

Portais das cidades

Uns coloridos, outros brancos - de metal, madeira, concreto, com formas geométricas, símbolo ou nome do lugar. Avistamos os portais das cidades durante todo o percurso na estrada, é raro não ter. Alguns são como um convite a passar por ali, e nem sempre conseguimos aceitar embora a vontade esteja presente. Viajantes, com prazo de validade, têm dessas coisas, porém temos uma lista de desejos para breve.

Há ocasiões em que atravessamos os portais. Aliás, ocorre seguido e, pensamos serem necessários uns 3 dias para conhecer esse lugar e participar do viver dele. Sempre paramos em praças, em geral, a igreja está em frente, ou seria a praça em frente à igreja? Taí uma ótima pergunta e um motivo para pesquisa. E quanto menor o município, mais vida se percebe: cães, jardineiros,

pessoas nos bancos conversando, lendo - de máscaras, alguns -, caminhando no sol, vendendo e comprando produtos.

Entre uma dessas passagens, pelo "seja bem-vindo" e "volte sempre", comentamos sobre a representação dos Portais, também, em nossas vidas, sendo mais específica, em nós mesmos. Cada um tem seu portal de entrada/saída. Fazendo uma analogia, uns são mais coloridos, agitados; outros, neutros, tranquilos, num formato flexível; outros, resistentes. Com frases amistosas, como um convite a conhecer, ficar; às vezes, com um "proibido a entrada". Portais humanos que fazem história no contexto, cativam, causam desejo de ficar, vontade de voltar.

Como visitantes, também, temos formatos de portais em vários lugares que passamos, natural, né? E a estrada favorece reflexões (autopensamentos), momentos mágicos de viajar fora do asfalto. Eis que essa constatação gerou uma pergunta pessoal: temos dado atenção aos nossos portais? Cuidado e renovado nosso cartão de visita?

Pode parecer, literalmente, uma viagem - pesamos que não – e, depois de um bom papo, cheio de argumentos, encantamentos e risadas, seguimos viagem. Mais uma vez, com a sensação de termos adquirido, tomado posse de novas coisas, levado algo desses locais e ter deixado um pouco de nós. Afinal, embora haja outros retornos, nunca seremos os mesmos, jamais será igual. Até um dia!

@candida.carpena

https://www.facebook.com/candidacarpena

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere - Baião – Portugal

Sulcos

A face é um livro todo aberto
Em que se esculpem no maior primor
Sinais dos tempos, crus, a descoberto,
Em nobres tatuagens, com fulgor!
Sinais lavrados com pincel de artista
Que o tempo é assim mesmo, farsante
E subtil mas vai deixando a pista,
Desgasta e não passa de um pedante.
Adoro esses sulcos no teu rosto
Que as intempéries teimam em gravar
Gerando uma tela fascinante!
Quisera não parar de contemplar
O brilho tão puro e transbordante
Que emana desse todo a meu gosto.

Carmem Aparecida Gomes
Ipameri/GO

Brasileiro É Mesmo Povão

Quem já ouviu falar que povo brasileiro é o povo do 'jeitinho', ou o povo de que tudo acaba numa rodada de pizza. Muitos já ouviram no sentido de maracutáia, fraude e rolo por baixo dos panos.

Brasileiro é povão... Sim! No sentido de povo guerreiro, criativo e quiçá o jeitinho sim, o jeitinho em ser solidário, o jeitinho em orar a Deus e todos os Santos em favor do outro, correndo os dedos nas contas do sagrado Rosário.

Brasileiro é mesmo povão!

Brasileiro ganha as disputas nos jogos, supera tudo e vai para a terra distante com a sua simplicidade e humildade na bagagem e lá arranca aplausos, lágrimas e largos sorrisos ao bailar no ar, desafiando a lei da gravidade ao som de "Baile na Favela".

Quem não viu e sorriu com saltos e piruetas de uma menina que faz parte do "brasileiro é mesmo povão"!

E lá da terra do sol vermelho, na frente dos cinco anéis entrelaçados, e da maior união de povos e raças trouxeram no peito as "grandes moedas" conquistadas na luta e na garra.

Brasileiro é mesmo povão no sentido de POVO GRANDE.

Parabéns aos atletas brasileiros que participaram das Olimpíadas 2020/2021* na terra do grande Sol Vermelho.

Caroline Cristina Pinto Souza
Botucatu/SP

Eu sou Malala

Juvenis propósitos à defesa
D'uma Didática globalizante e justa;
Disparos na mente paquistanesa -
Direito ao feminil Ensino em luta

Com os militantes do Talibã,
Vândalos à regalia educativa
Irrestrita reverência à lei Islã -
Pânico em censuráveis tentativas.

Rebeldes... hostis! Anseiam silenciar
O interesse pelo conhecimento
Porém, livros e lápis a lançar
Virtuosos lecionandos com fomento!

Friso que terrorismo algum me cala,
Brigo pelo saber, eu... sou.. *Malala!*

Catarina Dinis Pinto
Amarante Portugal

A espera...

A espera…

A espera… irmã da incerteza…

A espera de tudo e do nada…

A espera da vida que brota em segredo na natureza.

A espera do sempre,

A espera da eterna alma…

E eu que pensava que a espera era inercia…

Enganei-me

A espera é nada menos nada mais,

Do que a vida que corre sem cessar…

https://www.facebook.com/catarina.dinisramos/

César Aquino Bezerra
Parintins/AM

Terceira manhã

Eu gosto de uma música de Alceu
Em que canta da primeira manhã
E da segunda manhã que a perdeu
E eu sinto o peso daquelas palavras

Ficava pensando sobre essa sensação
Aliás, a certeza de quando sabemos
Que perdemos alguém
Algo aconteceu e deu início
A um processo que desconfigurou tudo

E a pergunta - como consertar?
Mas se não tiver jeito?
Se não sei onde errei até ser tarde demais?
E quando souber, essa sensação
Da primeira manhã que te perdi
E de acordar na segunda manhã
Sem poder de mudar nada
Nunca voltará a ser igual
O que poderei fazer agora
Cantar na terceira manhã

http://www.facebook.com/PseudopoetaCAB/

Charles Burck
Rio de Janeiro/RJ

A ovelha-fera

Eu vejo a fera num dia de repouso,
Eu sou como a loba

Limpando e afiando os dentes,

Um olhar condescendente às ovelhas que parem e se alimentam no campo

Estou cansado dos rebanhos e das pastagens sem flores

Eu fiz tantos filhos sem pais, e frutos do meu amor por mim mesma Eu tenho frutos maduros não ofertados

Amor sem leis e sem regras dispostas nos cenários que pintei

Enquanto as nossas feras descansam eu posso falar de amor

Ser como as outras quaisquer pessoas, gente do povo, o coletor de centeio cabisbaixo, o poeta admirado com seus versos fazendo festa no ar

Dizem que as ovelhas vivem à espera dos lobos,

O destino fatal implantado nos olhos mansos

Enquanto o grito não morre nos lábios, vivo da intenção, do som dos arados rasgando a terra, e do serrilhado dos dentes sendo afiados,

Afasto os cabelos dos olhos para ver mais longe

Recolho as sementes plantadas e me alimento do medo dos sorrisos nervosos,

A linha divisória foi violada, a fronteira do curral remarcada a arena está aberta a todos

Da minha boca atrevida flui ao desejo da loba

O manejo das friezas caninas, as presas rangidas e os delírios para saciar sua sede natural

Somos nós os odores dos medos de crescer e ferir, mas rugimos esgares estranhos a nós,

Somos nós do rebanho e da casta, o pastor atacado pelos dentes das ovelhas,

Rio ainda porque minha mente é hábil, busco os cantos a apreciar o que sou, observo, admiro o gosto da surpresa, o arregalo dos olhos, o sangue correndo todo para o cérebro

Dou asas aos meus sustentos, e aprendo com os ventos sobre os voos, me atiro em voos cegos e profundo

Quem souber sobre os voos solitários me siga

Eu sou como a loba.
No cenário que se abre na noite

Luz rasgando a escuridão e ela nua, sentada sobre a lua

Gemendo, gozando

Quem será que a desafiará?

Chico Milla
Fortaleza/CE

Apoptose

"A man who doesn't detest a bad government is a fool"
- Ursula K. Le guin

Quando o Apocalipse Zumbi começou, ninguém moveu um dedo sequer.

A mãe acordou no mesmo horário de sempre, com uma serenidade de invejar e dar nos nervos. Seguiu o script de todos os dias até aquele, que poderia ser o último; coçou os olhos enquanto passava em frente à Santa Ceia no corredor, ajeitou o moletom, desceu as escadas e fez café para toda a família. Óbvio, tudo no piloto automático, pelo menos até o instante em que acendeu a luz do celular e sentiu os olhos doerem.

Abriu o Instagram, ignorou os grupos de família no WhatsApp e desceu o feed do Twitter sem ler nada por inteiro. Apagou, ignorou e marcou como lidas todas as mensagens enviadas pelo Governo Estadual sobre uma catástrofe ambiental (mais especificamente, fúngica) que havia estourado e que todos deveriam se esconder e tentar, a ferro e fogo, sobreviver até que novas instruções fossem dadas.

Apática, a mãe pôs o café na garrafa térmica e encheu sua caneca. Três dedos e o resto de leite sem lactose. Já a levava até a boca quando, em um susto repentino, deixou-a escapulir no chão. O barulho de porcelana invadiu seus ouvidos. O motivo do susto? Uma pessoa sendo dilacerada por um zumbi do lado de fora da casa, o sangue sujando o vidro da janela junto dos berros de desespero. Uma garota implorava por ajuda, mas a mãe não fez nada. E até fez: maldisse os cacos no chão da cozinha, pegou uma nova caneca dentro do armário e a encheu de café. Óbvio, três dedos e o resto de leite sem lactose.

O pai foi o segundo a descer, já de terno, sorriso amarelo e o cabelo lambido com SBY, um gel tão caro quanto duradouro. Conseguira aquele pote na promoção por cento e oitenta reais. Também seguiu o script; perguntou à esposa se as crianças já tinham acordado (algo que poderia ter conferido, já que também passava em frente aos seus quartos), pôs uma xícara de café, duas colheres de açúcar mascavo e ligou a televisão da cozinha.

Testemunhou algumas fotos de pessoas sendo comidas vivas no metrô e vídeos simultâneos de crianças correndo de zumbis em grandes avenidas. Encarou a âncora do jornal que, aos prantos, não conseguia esconder a vontade de estar com a família em uma crise daquelas proporções. Acompanhou tudo com aqueles olhos de filtro, marcando na cabeça as coisas que não poderia deixar passar. Foi quando viu o diretor do jornal entrar ao vivo, pedir à mulher para se retirar e colocar no lugar um homem jovem e corajoso (ao menos, foi o que o pai supôs).

As crianças desceram enquanto o Presidente fazia um anúncio decretando Estado de Guerra. A garotinha deu bom dia, o adolescente não. A mãe perguntou o que estava acontecendo. O pai pediu silêncio, ouviu a notícia e fez alguma anotação no seu jornal impresso. Na televisão, o Presidente emburrado e de braços cruzados com um dos Ministros do STF do lado. O jurista, apoiado em meias-verdades e meias-palavras, explicava que era cada um por si e Deus por quem fosse religioso. No fim, até desejou sorte aos ateus.

As cenas de tripas fora dos seus corpos e zumbis famintos seguiam como foco das notícias enquanto a filha, menor, falante e com certeza mais esperta, abraçava o pai e perguntava o que tinha de diferente nele. A resposta veio junto de um sorriso largo, de orelha a orelha, se gabando do novo gel para cabelo.

O filho se sentou como sempre se sentava; jogando a mochila em uma cadeira, fazendo barulho com as correntes no pescoço e deixando bem na cara com suas roupas, pretas da cueca à jaqueta, o quanto odiava o mundo e julgava a vida uma completa perda de tempo. Depois, como se não se cansasse da mesma fala toda santa manhã, perguntou se

ainda tinha achocolatado Lonny na geladeira. A mãe disse que sim.

O marido foi rápido ao avisar que precisava chegar cedo ao serviço e a mãe mais rápida ainda ao entender o recado. Colocou a mesa; tirou da geladeira o suco de laranja e o leite, mas esse com lactose. Depois, foi veloz para que não fosse cobrada pela segunda vez; cortou uma fatia do bolo de cenoura com chocolate e a colocou para a filha, jogou dois achocolatados no colo do garoto, arrumou as bandejas de presunto e mussarela junto da margarina e pegou dois copinhos de iogurte light de frutas vermelhas.

Foi então que perguntou como estavam as notas do filho (que resmungou de pronto que, como sempre, estavam cravadas na média mínima) e quando o marido consertaria a torneira do banheiro de baixo (ele respondeu no susto que ligaria à noite para uma agência que fazia aquele tipo de serviço). Até cogitou perguntar sobre as notícias e novidades do telejornal, mas foi interrompida pelo comentário de que as coisas estavam iguais, paradas. Isso, óbvio, em um tom que deixava nítida a insatisfação e desesperança com a economia.

Com os quatro à mesa comendo e os sons das mastigações preenchendo a falta de assunto, a vida seguia de praxe. Ao que parecia, o caos causado por um fungo invadindo, controlando e destruindo cérebros de milhares de pessoas a cada minuto não conseguiria invadir aquela casa. Óbvio, os muros e cercas-elétricas daquele condomínio já não eram mais obstáculos para os mortos-vivos, porém, as portas eram. Por elas, feitas de um material tão resistente quanto leve, nem tiro passaria. Sem falar no forro à prova de incêndio e invasões, as paredes feitas sobre vigas metálicas e, como se isso tudo não bastasse, uma dispensa enorme com prateleiras lotadas de mantimentos (comida, recicláveis, etc.).

Era, na melhor e pior das hipóteses, um café da manhã com as cores e os cheiros de qualquer outro da semana ou do mês. Se apelasse um pouco para a memória, dos anos.

https://twitter.com/ChicoMilla_7

Cleidirene Rosa Machado
Catalão/GO

Ode aqueles que já se foram vivos

Muitos usam negras roupas
Estão de luto... as vezes loucas.
Se cobrem em dor por aqueles que respiram.

Eles se vão... Mas, ainda vivem
Como pétalas de rosas vermelhas ao chão.

Muitos pedem em oração
Pede a Deus pelas almas que vivem,

Muitos querem que encontre a paz que junto a sí não existiu...
Eles se foram... Não voltam mais, mas, ainda respiram

Jaz eternamente o luto, por aqueles que ainda vivem...

Clélia Jane Dutra
Contagem/MG

Materna

Alguns acreditam ainda hoje, que Deus criou a mulher com o único objetivo de perpetuar a espécie. Para isso, ela teria que ser dotada de uma doçura maior, mais compreensão e ter um sentido a mais. Se durante alguns segundos da sua vida, parar e pensar, você chegará à conclusão de que, a gravidez, só pode ser obra Divina, alguém ter alguém morando dentro de si, sentindo as mesmas coisas, estreitando as relações. Para mim, a mulher nasce ou não com o dom para ser mãe. Como aqueles que têm aptidão para pintar telas, tocar piano ou cantar maravilhosamente. É uma questão de vocação que às vezes percebe-se já na infância.

As mulheres da minha família nasceram com essa vocação. Mesmo a Lúcia, minha irmã, que nunca passou por um parto, é mãe. Maria, minha mãe, olhos azuis, pele curtida pelo sol, sempre foi doce. Poucas vezes perdia a cabeça, rodeada por oito filhos. Nessas horas distribuía uns beliscões torcidos, nada além. Com tantos afazeres, arrumava tempo nos finais de tarde, para contar histórias, sentada no banco de madeira ao lado da cisterna, debaixo do pé de manga. Já naquela época, eu viajava nos contos onde as bruxas tinham verrugas no nariz. Podia até sentir a água cristalina onde a princesa prisioneira ia encher seu pote de barro. Por causa desses momentos preciosos, hoje, sempre que posso, carrego um livro que é seguido pelos olhos e sentidos. A capacidade de infiltrar na história não me abandonou. Ao ler “As Brumas de Avalon”, tinha vontade de comer as maçãs cozidas no creme, preparadas no reino do Rei Arthur.

Kate, minha irmã caçula, apresentou o dom da maternidade ao ganhar a sua primeira boneca. Menina de olhos verdes e sensibilidade à flor da pele chorava e amolecia, ao falarmos que ela tinha uma barata pregada na bundinha (ela tem uma pinta preta, do tamanho de uma azeitona, nesse lugar).

Como nós duas éramos as meninas mais novas da família, brincávamos juntas. A diversão maior era no parquinho que ficava no quintal da frente de nossa casa. Nele, o papai construiu, com madeira, um escorregador e um balanço. Embaixo cobriu com areia, para amortecer as

inúmeras quedas. Mamãe pintou tudo com tinta azul e verde.

É difícil saber se a proporção das brincadeiras era maior do que a das brigas. Lembro-me de uma vez, em que durante a Semana Santa, no Domingo de Ramos, fui à Capelinha acompanhando a Dinha Rita, mãe da mamãe. Dinha Rita, sempre mansa, era pequena e falava baixinho. Os cabelos grisalhos eram presos em um coque, preso com grampos grandes, meio abertos, um tanto gastos. Usava saias compridas e casaquinhos de mangas com algibeira (bolsos) para carregar os cobres (dinheiro). Dizia que eu era uma pimenta malagueta, enfezada. Mas, me tomava como companhia em seus passeios. Ela morava próximo à nossa casa. A outra avó, Dinha Aurora e a tia Preta, viviam conosco. Quando voltamos da Missa, com os galhos de Palmeiras, me desentendi com a Kate, por um motivo fútil. Empurrei-a de encontro à cristaleira da copa e bati nela com os ramos bentos. Sei que não foi uma “surra santa”.

Durante a infância, tivemos muito tempo para mostrarmos nossas afeições por nossas “filhas”. De um lado eu com minha boneca, Márcia, e do outro ela com seu bebê gordinho, barrigudo de cabelos encaracolados. Não me recordo do nome dele.

Mãe zelosa, a Kate não abandonava a filha para quase nada: no banho, na cama, na mesa e nem quando tínhamos que buscar água para abastecer a casa. A água era um problema. Existia uma cisterna no quintal. Naquela época o fornecimento de água tratada pela Copasa era deficiente. A cisterna supria nossas necessidades. Porém, como nossa casa ficava nos fundos da Avenida Amazonas, em um declive, ao chover muito, a enxurrada descia e caía na cisterna. Não podíamos, então, usar a água do poço. Todos, exceto o Clemir, que era muito pequeno e a Dinha Aurora, mãe do papai, tínhamos que buscar água. O líquido precioso era cedido pela fábrica de laticínios Itambé, a única que possuía poço artesiano.

Para nos abastecermos de água, podíamos seguir dois caminhos que nos levavam à fábrica Itambé. Ou subíamos cerca de cinco quarteirões da Avenida Amazonas e virávamos na esquina da distribuidora de Biscoito Piraquê ou passávamos pelo mato do campinho. Kate, eu e o Cleiton levávamos uma lata de alça, daquelas que servem para acondicionar tinta de parede. A tia Preta, com sua trança negra, carregava uma lata grande, na cabeça, protegida por uma “rodilha” de pano. Ia rebolando, orgulhosa de não

desperdiçar nenhuma gota, com o vai e vem dos seus quadris.

A Kate e seu bebê iam derramando toda a água pelo “campinho” salpicado de pétalas alaranjadas. Às vezes, colocávamos as latas no chão e prendíamos flores nos cabelos. O Cleiton ria e dizia que o que tinha nascido feio, não tinha jeito de consertar. Com raiva, eu o chamava de “Pão molhado” e a Kate chorava.

Quanto mais a Kate derramava lágrimas, mais o Cleiton se divertia. O menino destilava ciúmes por todos que rodeavam a Kate, desde que o colo da sua mãe foi usurpado por ela. Quando a Kate nasceu, o irmão tinha onze meses incompletos, um bebê ainda. A tia Preta, parecida com índia, assumiu o papel de mãe, para o único filho que teve na vida.

O Cleiton percebeu que a boneca da irmã seria a sua maior fonte de prantos. Nas raras vezes em que encontrava o bebê sozinho, pegava a faca e cortava um dedinho até ficar dependurado, um em cada dia. Quando via, a Kate chorava e fazia tudo para que o dedo não caísse. Em vão. Ao mexer, o dedinho descolava da mão. Nessa hora, por perto sempre estava o irmão mal feitor, dizendo que o bebezinho estava com muita dor. Lembro-me dos olhos verdes da minha irmã, inchados e circundados de vermelho, sofrendo por sua cria. Eu também não sabia que era ele quem decepava os dedinhos. Assim foi, um a um, até que ela ficou apenas com as mãozinhas. Foi um desalento.

O que o Cleiton mais gostava era de pão com manteiga, molhado no café. E de fazer água brotar dos olhos da Kate. Bastava uma oportunidade e o ladino botava seus planos em prática com a cumplicidade do caçulinha, Clemir. Quando era descoberto em flagrante em suas maldades, muitas vezes não podia ser castigado, pois em sua defesa, surgia a tia. Ela carregava-o para o seu quarto. Ali ele permanecia em território que ninguém ousava invadir, até que a poeira baixasse.

O pior das crueldades aconteceu em um dia de São Pedro. O papai sempre fazia uma grande festa. Lembro-me dos preparativos: as bandeirinhas de seda coloridas, os balões de papel dobrado, o amendoim torrado, a canjica desde cedo fumegando no fogão a lenha da Dinha Aurora e da grande fogueira de troncos que arderia por toda a noite.

No dia, todos trabalhavam. Dinha Aurora soprava as casquinhas dos amendoins e fazia paçoca. Papai arrumava os troncos secos em forma de pirâmide no centro do terreiro. Mamãe cozinhava o gengibre para o quentão. As crianças passavam grude nas bandeirinhas e os tios as pregavam em um varal de cores.

Com tantas tarefas e distração, o Cleiton teve tempo de sobra para sequestrar o bebê da Kate.

Ao perceber o sumiço da filha, que há pouco tempo estava a seus pés, Kate se desesperou. O choro começou de manhã, chegou à tarde, emendou com a festa, foi iluminado pela fogueira e molhou o travesseiro de espuma sobre o colchão de palha seca. No outro dia, ao acordar, o choro retornou com a canjica requentada e o sofrimento tomou proporções que envolveu toda a família, exceto uma pessoa.

Todos procuravam. Talvez alguma criança que ajudou na festa teria levado a boneca para brincar, alguém disse. O Cleiton, então, chegou sério perto da Kate e disse: “Ela morreu. Perdeu os dedos. Estava doente e morreu.” O golpe foi fatal. Nunca pensei que minha irmã tivesse tanta água por dentro. Ficamos perto dela, a Márcia e eu, dando apoio. O Clemir ficou também, com os olhinhos verdes piscando, piscando... até que falou: “O Cleiton enterrou a boneca na areia debaixo do escorregador e do balanço de madeira que o papai fez para brincarmos, eu ajudei.”

O Clemir traiu a confiança do seu “chefe”, pois percebeu que não existe nada maior do que o amor de uma mãe.

Conceição Maciel
Capanema/PA

Brevidade

Um sorriso aflorou
No rosto cansado
Um misto de encanto
Um riso cantante
Um rasgo na noite
Ainda fresquinha
Nos olhos sem sono
Um quê de ternura
Um olhar de brandura
E o canto ecoou
Na brevidade noturna
Uma lembrança vagou
No corpo cansado
Uma saudade despertou
No coração tão amado
E o sono amparou
A ilusão do momento
Assoviando se foi
Pelas ruas que dormiam
Desmaiadas das horas vividas.

Cristiane Ventre Porcini
São Paulo/SP

Janelas da Alma

Machado de Assis, em suas obras, descreveu os olhares de suas personagens femininas. Ele também fez uma análise do ser humano destacando seus defeitos e qualidades.

No livro Dom Casmurro (publicado pela primeira vez em 1899), Machado de Assis assim se refere a personagem Capitu:" cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra" (...) "olhos claros e grandes (...) os olhos pareciam olhos de resseca"."Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que

arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca." O personagem Bento se sentia tragado talvez pelos olhos de ressaca de Capitu.

Leonardo da Vinci (1452-1519), pintor e um dos maiores gênios de seu tempo disse: "os olhos são janelas da alma e o espelho do mundo."

É no olhar, então, que se revelam as vontades, paixões, ódio, etc.

Tem olhos que levam a calmaria; outros, um mar revolto, agitado pelas ondas altas. O poeta Manuel Bandeira assim definiu em versos os olhos da cantora Maysa: ”dois oceanos não pacíficos”.

Ainda há olhos muito fundos, verdadeiras covas, que revelam a desesperança, a fome e a doença.

O olhar de uma pessoa expressa muito do que vai na alma.

Conheço pessoas que parecem sorrir com os olhos, ou quem sabe pedir com eles.

É também nos olhos que se traz toda a ternura, a compaixão. E há quem diga que um olhar diz mais que palavras. O olhar sério de um pai coloca limite, educa o filho.

No cinema, renomados artistas conquistaram o público com seus olhos expressivos.

A atriz Bette Davis (1908-1989) brilhava em meio a tantas outras atrizes de sua época com seus grandes olhos amendoados e sua interpretação de personagens fortes.

Charles Chaplin (1889-1977) diretor, ator e compositor, no cinema mudo, conseguiu emocionar grandes platéias com seu olhar e personagens verdadeiramente inesquecíveis.

O escritor português Eça de Queiroz (1845-1900) também revela “o não querer olhar”, no contexto de sua obra literária remete a cegueira da sociedade onde os indivíduos por vezes não querem olhar para os seus próprios defeitos, mas são rápidos a apontar os erros alheios.

A Bíblia diz que os olhos são a candeia do corpo, e que se nossos olhos forem bons, todo o nosso corpo terá luz.

Dandara Brandão
Feira de Santana/BA

Essência de Mulher

De corpo e alma, toda mulher exala potência
Escreve poesia no toque de seus passos e beleza
Cobre toda terra com a sua essência
Sua nobre presença engrandece a natureza

Em suas mãos, elas carregam riquezas
Espalhando pelos ventos, sementes da vida
Em seus olhos, carregam certezas
Desvelam sua confiança destemida.

Sem ela, não há qualquer harmonia
Seu sorriso é uma chama de alegria
Que nos protege nas madrugadas frias
Sem ela, tu não existirias.

Toda mulher está acima da razão
Nem se presume em apenas emoção
Sua essência, de tamanha grandeza,
Sempre será uma agradável surpresa!

https://www.instagram.com/poetisa_cosmica/

Daniel Cardoso Alves
Belo Horizonte/MG

Da janela do quarto

Em interna clausura, contempla o fim de tarde, o sol se põe e vai

As reminiscências chegam e a bela paisagem aos olhos esvai

Na alma, a sensação do efêmero retrai

A solidão vem, a dor massacra e a tarde cai

Decaída, deixa de ser dia. Chega a noite, vestida de melancolia. Por que meu Pai?

A tristeza se instala e a consciência trai

Traída, o mau pensamento sobressai

Na fuga, se ilude, distrai

Devaneios não bastam! Cai na real, suplicai

Grita mudo por socorro, fecha a janela, cerra a cortina, se prostra

E sai

@danielcalves_

Daniela Genaro
São Paulo/SP

Que seja um dia de festa!

Queria virar esta página
como tu viras estrela.
Com toda a graça do mundo,
queria escrever-te um poema.

São teus os gestos precisos,
tão leves e tão ritmados.
Junto aos teus passos meus versos
parecem improvisados.

Mas é com eles que venho
desejar-te Parabéns.
Que seja um dia de festa
e dances alegre também desta vez.

Dany Nacif
Brasília/DF

Cartas de amor são ridículas

Escrever sobre cartas de amor, ainda existe? Não acredito! São ridículas! Nas épocas romana, medieval e vitoriana sim. As pessoas tinham uma forma de demonstrar, galantear, com sutileza e intensidade singela, respeitosa.

Os românticos sempre as escreviam para a amada distante, aguardava a chegada da carta como um tesouro, a ansiedade era tanto dele como dela. Será que recebeu? Sou correspondido? Suspiros, pensamentos sobre como será a pessoa, seus sentimentos mais profundos e singelos.

Mas não era apenas esse romantismo, as estratégias emocionais para conquistar o partido ideal , eram minuciosamente articuladas nas cartas de amor. Cartas que eram o único meio de comunicação, até a chegada da tecnologia com telégrafo, telefone, fax e o boom da internet.

As cartas de hoje são o whatsapp escrito ou vídeo. São tantos emojis, a facilidade para falar, ouvir e ver pelo celular, às vezes deve enjoar (para os grudentos), é muito fácil. Amores distantes fisicamente, mas sem empecilhos para a internet. O psicológico se contenta com vídeos de cartas digitais.

Agora para terminar o relacionamento, basta uma chamada de vídeo ou uma mensagem mesmo. Cartas de amor são ridículas para os “modernos” que as utilizam o tempo todo nem percebem.

@danynacif

David Ehrlich

Curitiba/PR

O Brilho do Ouro

Meu avô era professor de literatura. Mas não apenas qualquer professor: Um *excelente* professor. Quando pequeno, eu me lembrava de andar com ele e ver ex-alunos cumprimentando-o na rua e agradecendo-o por tê-los inspirado a ver a poesia com uma perspectiva diferente, ou então os ensinado a conhecer-se melhor através da literatura e expressar seus sentimentos de forma mais autêntica.

Por melhor que meu avô fosse como professor, porém, ele ganhava pouquíssimo com isso. Para complementar a renda, costumava nos tempos livres escrever roteiros de cinema, que ocasionalmente conseguia vender a algum produtor por um preço razoável.

O problema foi quando um desses roteiros virou um filme que fez enorme sucesso. De repente todos os principais produtores do país queriam que escrevesse roteiros para eles, e meu avô percebeu que, se largasse seu emprego de professor e se dedicasse em tempo integral como roteirista, conseguiria dar à sua família a vida que esta merecia. Isto foi uma decisão muito dolorosa para ele: Meu avô até gostava de escrever, mas verdadeiramente *amava* ensinar. Ao final, porém, acabou saindo das salas de aula. Isto o deixou muito infeliz, uma infelicidade tão inconsolável que minha avó, não aguentando mais, acabou abandonando ele... O que apenas o deixou *ainda mais* infeliz. Os roteiros dele faziam sucesso, mas meu avô os escrevia como uma máquina, sem realmente pôr seu coração em história alguma.

Por boa parte da minha infância, sequer cheguei a vê-lo sorrir. Portanto, me lembro nos mínimos detalhes da primeira vez que vi isso acontecer.

Eu tinha ficado doente, porém naquele dia meus pais tinham que sair para trabalhar, portanto pediram para que meu avô ficasse em casa para cuidar de mim. Ele passou a maior parte do dia em frente à máquina de escrever – afinal, meu avô era "das antigas", e se recusava a escrever roteiros no computador -, tentando escrever a adaptação de um livro chamado "O Brilho do Ouro", de um autor americano cujo nome jamais consegui escrever corretamente.

Digo que meu avô estava tentando porque, em uma das raras ocasiões em que isso acontecia, ele estava passando por um bloqueio de

autor. Ele reclamava para mim que aquela era uma obra difícil de ser adaptada para filme. Afinal, era um livro com mais de quinhentas páginas, e, segundo meu avô, cheio de reviravoltas e monólogos interiores.

Naquela época eu ainda era novo demais para meus pais me deixarem ficar sozinho em casa doente, mas já tinha maturidade suficiente para entender alguma coisa sobre roteiros. Portanto, vendo o desespero do meu avô, veio-me uma ideia:

- Vovô, me leia então a história do livro. Se você conseguir lê-la inteira para mim ainda hoje, talvez já seja um passo para adaptá-la, não?

Meu avô ficou surpreso com a proposta, mas depois teve que confessar:

- Por que não tive essa ideia antes?!

E assim, meu avô pegou o livro, que ele mantinha ao lado da máquina de escrever, e começou a ler para mim "O Brilho do Ouro". Conforme lia em voz alta, ele pulava capítulos que achava desnecessários, ou cenas que considerava "impróprias para minha idade", porém no geral manteve-se bastante fiel à obra.

A história se passava no final da 2ª Guerra Mundial, e o protagonista era um estudante recém-formado em História, chamado Adam. Adam, por algum motivo, tem poderes psíquicos, e constantemente tem visões do passado e presságios do futuro – por isso seu interesse em História. Em um presságio horrível, ele vê que seu pai, um eminente arqueólogo judeu – e que também se chama Adam - que foi à selva amazônica em busca de El Dorado, está em perigo. Adam Filho procura então a ajuda de uma detetive mais velha que ele para descobrir o que aconteceu com seu pai. Juntos, eles descobrem que Adam Pai está na mira de um assassino nazista que, além de seus ideais políticos, é também um fanático religioso que tem como objetivo matar sete judeus que, para ele, mais representem os Sete Pecados Capitais – e ele vê a busca de Adam Pai por El Dorado como o cúmulo da ganância. Assim, Adam Filho e a detetive saem em busca de Adam Pai para salvá-lo, e durante a busca começam a se envolver em um caso amoroso. Após uma série de aventuras e desencontros, Adam Pai, Adam Filho e a detetive chegam a El Dorado, e decidem se abrigar em um templo isolado. O templo, porém, é habitado por uma presença espiritual maligna, que influencia Adam Pai a um comportamento cada vez mais violento, que culmina em ele matando a detetive, e Adam Filho sendo obrigado a matar o próprio pai para sobreviver. Ele foge de El Dorado em um avião, mas na fuga este é abatido pelo assassino nazista. Adam Filho sobrevive à queda, mas fica gravemente queimado. O livro termina com ele sendo tratado por uma jovem enfermeira parecida com a detetive, enquanto tem flashbacks de tudo que lhe aconteceu.

Assim que terminou de me contar a história, meu avô arregalou os olhos e suspirou:

- Não é a toa que estou tendo tanta dificuldade em adaptar este livro: A história é péssima!

Eu também tinha percebido isso enquanto ele a lia para mim. Mesmo com meu avô se esforçando para explicar algumas coisas, a história era muito confusa, e quase tudo eu tinha a sensação de já ter visto em algum lugar antes, apesar de ainda ser criança.

E ainda assim, resolvi perguntar:

- Mas por que, vovô?

E meu avô começou a falar. Falou sobre como uma boa história deve ser clara e coerente, sobre construção de suspense e o que ele chamou de "encheção de linguiça", e como tudo isso se encontrava ou não no livro. Explicou também a diferença entre se inspirar em outras obras e plagia-las, e até fez uma lista de histórias clássicas que "O Brilho do Ouro" tinha plagiado. Vendo que eu não conhecia a maioria delas, os olhos do meu avô brilharam e ele começou a me contar a respeito delas, e o que as tornava clássicas...

Pois sim, os olhos dele brilhavam. Foi só naquele momento que percebi isso. Até então só o conhecia como um senhor infeliz que passava dia e noite escrevendo, mas enquanto ele me ensinava sobre todos aqueles assuntos – sim, me *ensinava* -, pude ter uma visão de como ele devia ter sido em seus tempos de professor. E pela primeira vez, entendi porque tantas pessoas vinham cumprimenta-lo quando andava na rua.

Quando ele enfim fez uma pausa em sua pequena aula particular, tomei coragem e disse:

- Vovô, que tal se, quando eu melhorar, você me ler então esses clássicos? Aí podemos falar a respeito deles ao invés de uma história ruim.

Meu avô devia ter passado a última hora inteira falando quase sem parar, mas ao ouvir aquilo ele não hesitou:

- Quando você melhorar?! Meu neto, eu vou te ler alguns clássicos é agora!

E ele sorriu. Pela primeira vez, eu não o via como uma mera máquina de escrever com carne e osso, mas sim como um verdadeiro ser humano.

Quando perguntam ao meu avô o que o fez voltar a dar aulas de literatura na escola após tantos anos, ele sempre diz que foi após ter lido novamente este ou aquele clássico. Eu fico quieto. Não quero ferir o orgulho dele e dizer que foi um livro tão péssimo quanto "O Brilho do Ouro".

https://www.facebook.com/david.ehrlich.52/

Débora Araújo

Irecê/BA

Erva Daninha

— De hoje não passa – ela diz, sentando ao seu lado.

Tira a mão do bolso casaco, segurando um frasco com algumas pílulas dentro.

Ele olha como se nunca tivesse visto aquilo antes, embora sua mãe tomasse duas daquelas todas as noites para conseguir dormir.

— Você foi à farmácia? — é a única coisa que consegue perguntar.

Ela assente com a cabeça e leva a mão ao outro bolso do casaco. Pega um cigarro e o coloca entre os lábios, aproxima o isqueiro, mas têm que pressionar o botão umas três vezes até que ele acenda.

Ele se lembra dela no estacionamento da escola, anos antes disso tudo acontecer, rodeada de colegas, o cigarro sempre aceso na boca. Até então ele pensava que as únicas pessoas que fumavam era gente velha, quando já não tinham o menor ânimo para viver. Sabia que havia formas mais rápidas de se tirar a própria vida, mas a maior parte da população preferia métodos mais lentos e dolorosos, como bebidas, cigarros e se afogar numa rotina de trabalho e pagamento de contas. Ora, o próprio fim do mundo não foi um grande suicídio coletivo, lento e doloroso?

— Estou aliviada de ter encontrado isso. – Ela o desperta dos seus devaneios. — Aquelas giletes estavam enferrujadas demais para o meu gosto. Também não sei se conseguiria fazer direito. Sem internet é meio difícil, sabe — fala, enquanto fixa os olhos no cigarro preso entre o dedo indicador e o médio.

— Sempre achei que você gostaria de um fim mais teatral — ele brinca e ela dá uma risadinha.

— Você é minha única plateia e é meio apático, na verdade.

É importante que ela diga “é”, ao invés de “está”, ele observa. Sempre achou que o fim do mundo traria grandes mudanças, porém enquanto aguarda o pôr do sol no maldito pós-apocalipse, ele percebe que é o mesmo que esperava sua mãe colocar um prato de comida à sua frente todas as noites na hora da janta.

— Você... deveria esperar mais um pouco — ele diz hesitante, porque da última vez que falou algo parecido, as coisas terminaram com ele dizendo que era dever deles repovoar a terra e ela berrando, possessa que nem a merda do fim do mundo a faria transar com alguém com o único objetivo de procriar e que ele deveria tratar o seu complexo de Adão e Eva. Se ele não tivesse tão assustado com ela, teria rido, porque a droga de um terapeuta é exatamente a coisa mais urgente quando o planeta está dando seus últimos suspiros. Bem, ela não se matou, entretanto sumiu por três dias e foram os três dias mais agonizantes para ele.

No entanto, dessa vez ela apenas lhe dirige um sorriso triste.

— Mas não há o que esperar. Será isso todos os dias — fala baixinho e é um daqueles raros momentos em que ela aparenta assumir ter consciência da situação em que se encontram. Talvez seja a primeira vez que ele perceba que a ideia de se matar não é algo verdadeiramente divertido para ela, foi só uma piada mórbida que criou na tentativa de ter algum plano, quando não há mais nada para se fazer. — É estranho, mas eu gostaria que a gente tivesse se aproximado antes — ela diz timidamente.

Ele franze o cenho. Não gostava dela na época que estudavam juntos, era problemática e arrogante, porém, olhando para trás, ele não era melhor que ela: chato, tentando fazer tudo tão absurdamente certo. Não se recordava de ter se divertido uma única vez, entretanto, tinha sorrido um monte desde que a encontrou andando sem rumo nas ruas vazias.

O sol começa a se pôr e é um dos seus momentos preferidos. O laranja do céu tem um tom diferente agora, ele não conseguiria descrever, mas é uma das coisas mais lindas que ele já viu. Muda de ideia, segundos depois, quando olha para o lado e repara nela. Os cachos de seus cabelos estão bagunçados como de costume. Ele sabia que toda manhã ela tentava desembaraça-los com os dedos, contudo perdia a paciência e deixava pela metade. Uma brisa passa e traz alguns fios de cabelo para o seu rosto iluminado pela cor alaranjada do céu, os quais ela tira meio brava, como se não quisesse perder um segundo das poucas coisas bonitas que existe nessa Terra. É, ele também não quer.

Ela deve ter sentido os olhos dele pousados nela, porque vira para encará-lo. Assim ele pode ver seus olhos, seus grandes olhos castanhos iluminados pelo restinho de luz solar, nota ainda que o olhar dele está causando um leve rubor em suas bochechas.

— O que foi? — ela tenta soar com raiva, contudo o sorriso de canto de boca entrega tudo.

— Estamos no maldito fim de tudo e a única coisa que me faz

perder o sono é quando você senta aqui do meu lado e diz que vai ser hoje.

As palavras saem numa urgência que o surpreende. É de se imaginar que quando tudo ao seu redor vai chegando ao fim, se tenha pressa para as coisas. Não foi o que aconteceu a ele. Não sentiu muita coisa quando seus amigos morreram, quando seus pais se foram, quando o que conhecia acabou. Talvez se manter anestesiado foi o que fez com que conseguisse passar por tudo e hoje não fizesse parte dos corpos que se acumularam em cordas nas árvores, nos silêncios apavorantes das casas, nos carros horripilantemente ocupados e ao mesmo tempo abandonados nas ruas.

No entanto, a iminência de perdê-la nessa altura do campeonato pareceu despertar alguma coisa nele. Era possível falar de amor em um período onde quase nada mais florescia? Pareceu-lhe que este tipo de sentimento conseguia nascer nos momentos mais adversos, como uma erva daninha que consegue passar por todo o concreto e chegar à superfície.

Ela ainda está olhando para ele, parecendo ler sua mente.

— Se te serve de consolo, acho que seríamos um casal de merda, mesmo em tempos normais. — Ela para, pensando um pouco. — Principalmente, em tempos normais.

Os dois riem.

— Mas adoraria ter dado tão errado com você — ela fala com uma expressão séria.

Ele segura sua mão e é o primeiro contato físico que eles têm. Já tinha estado com outras garotas e sabia que na vida dela existiu um rapaz, porque ela contou na noite em que acharam vodca. Mas as mãos dos dois, suadas e juntas... Nossa, que momento delirante é para ele!

Ficam ali até que findo o último raio de sol e não ligam que suas mãos estejam tão encharcadas.

Na volta para casa não falam nada, ela entra no seu quarto e ele no dele.

Fica deitado, sabendo que não vai dormir. Nunca passa por sua cabeça impedi-la quando ela fala que será hoje, não concretamente. Secretamente, imagina-se indo até seu quarto, implorando que não o deixe, que fique mais um pouco, que a vida com ele pode ser boa, mesmo que tudo esteja apontando para o contrário. Mas ele nunca vai, assim como também não vai agora. Para ele o fato de não impedi-la não significa que não a ame. Muito pelo contrário. Deixa-la ir é o ato menos egoísta nesse momento.

Pergunta a si mesmo quanto tempo ficará aqui depois que ela se for. Não quer ficar por muito tempo, mas não irá fazê-lo imediatamente.

Ela merece que alguém sofra pela sua ausência por algum tempo. Irá acumular em si a falta de todos que ela conhecia, sentiriam do seu sorriso.

A porta do seu quarto se abre. Ele se assusta e sobressaltado se senta. É ela. Está segurando uma vela em frente ao rosto e está nua, mas a primeira coisa que ele procura são sinais de choro, não há, apenas um semblante sério. Ela fica parada e demora para ele perceber que ela quer ser olhada, então ele olha.

Ela se aproxima e senta na beirada da cama, colocando a vela sobre o criado mundo.

— Não será hoje então? — ele sussurra.

— Pode esperar — sussurra de volta e o beija.

Nesse momento ele não quer saber se o "pode esperar" significa ainda naquela noite ou dali a alguns dias, ele só a traz para junto de si.

Lá fora o mundo continua a ruir.

Denis Roso

Londres, Inglaterra

Meu Nome É Raissa

(Para Raissa Da Silva Cabreira,
Que não morreu não, seus bobos)

Eles me intoxicaram
E pensando bem
Ainda bem
Porque o que veio depois
Só fora de mim.

Todos os cinco
Titio dando as ordens
Me bateram
de vara e tudo
Cada um com seu fedor
Me violentaram,
E aproveitaram que eu desmaiei
Pra me jogar de um penhasco.

Mas meu nome é Raissa
E só de teimosa
Não morri não
(Aquele caixãozinho enterrado por um coveiro e mais ninguém
Tinha um corpo
Mas não me tinha)

Espalhei sementes para muito além de nossa prisão,
E Raissa na primavera vai brotar por todos os lados,
Porque agora que entendo,
Não foram eles que fizeram isso não,
Foi o Brasil
O que eles chamam de Brasil.
O Brasil que não contém árvores.

08/09/21

Dias Campos

São Paulo/SP

Gira, gira, engrenagem

"As fontes da grandeza e felicidade de um povo, a indústria, o comércio, as artes, as ciências e as mais luminosas instituições da sabedoria, não podem prosperar senão no seio da paz e da confiança."

Quando li essa afirmação de D. Raimundo de Seixas, senti alegria e tristeza. Aquela, porque com ele concordo, em gênero e número; esta, porque a omissão ainda grassa sobre o planeta azul.

Aqui, abro um parêntese, tal qual fez o nosso sempre Machado: "Sei que não tens nada com as minhas mazelas, nem eu as conto aqui para interessar-te; conto-as, porque há certo alívio em dizer a gente o que padece."

Mas se me senti triste, o desenrolar desta crônica seguramente me aliviará.

Observa primeiro, amigo leitor, este estorvo à obtenção da paz, e que foi muito bem exemplificado por Scott Fitzgerald, quando do diálogo travado entre Rosemary e Tommy Bardan, em *Suave é a noite*:

"- Vai para casa?

"- Para casa? Não tenho casa. Vou para a guerra.

"- Que guerra?

"Que guerra? Qualquer guerra. Não vi nenhum jornal, ultimamente, mas creio que há alguma guerra por aí. Sempre há."

Com efeito, e como cantava Elis Regina, em *Alô, alô marciano*, "Pra variar, estamos em guerra..."

Ao que parece, concluiriam os pessimistas, os terráqueos jamais deixarão de seguir as sandálias empoeiradas de Marte. – Neste ponto, faço questão de esclarecer que, por guerra, não me refiro apenas à beligerância em sentido estrito, mas, também, a todo e qualquer meio por que se busque tomar um poder legitimamente constituído, sejam as revoluções, os atos terroristas, a corrupção institucionalizada, etc.

Já os pragmáticos talvez se espelhassem em Remy de Gourmont, para quem "Tem-se a paz, quando se pode impô-la". – Ah! Essa *pax romanorum* que volta e meia ressuscita!...

É por essas e por outras razões que muitos acabariam concordando com o poeta Luís Murat: "Paz, em

verdade, só há na morte." – E *Requiesce in pace*, arrematariam, de boa-fé, os sacerdotes.

É óbvio que o viver na Terra não é nada fácil. Temos inúmeros problemas, e eles continuarão a nos desafiar.

No entanto, se o pessimismo sobrepujar a esperança, se o pragmatismo for a via mais percorrida, se a resignação deixar para além do sepulcro o que clama a Humanidade, o deus da guerra terá muito a nos agradecer, pois sem dúvida estaremos dificultando, atrasando a nossa evolução!

Mas, então, o que fazer? como deveremos agir?

De primeiro, nunca poderemos deixar de observar, e de aceitar, os nossos próprios limites. Afinal, super-homem só existe no cinema.

Não obstante a nossa singela realidade, cada um deve se compenetrar da sua importância como verdadeira engrenagem na sociedade.

Daí que, se por vontade própria essa pequenina peça dentada se recusar a girar (omissão), não se imprimirá o necessário movimento ao relógio social, o que acarretará demora na consolidação da paz universal.

Mas se cada um fizer a sua parte, mesmo que mínima; se cada ser humano aderir de bom grado a este objetivo divino, então, leitor amigo, ninguém conseguirá impedir que a paz reine um dia sobre todo o orbe.

Neste sentido, que não deixemos de soltar balões e pombas brancas, de caminhar vestindo alvas camisas e empunhando velas acesas, de contribuir com a ajuda humanitária, de participar das campanhas de caridade, de orar, de tolerar, de perdoar, de revidar o mal com o bem!...

E que prossigamos, ó irmãos de ofício, comemorando os dias 21 de setembro por meio das nossas belas letras, tecidas em prosa ou em verso.

Que alívio!

Douglas Domingues
São Paulo/SP

Caminhão de Lixo

Eu sou humano, racional, mas eu sou bicho
E te asseguro que há uma ansiedade
Que só se acaba quando o caminhão de lixo
Leva embora o saco preto e se evade

Pra mim parece algo, assim, da natureza
Como a noite e o dia que não cessam
Não saberia viver em tempos antigos
Em que seu lixo é todo seu e não o levam

Não que lá tenha algo que eu me envergonhe
Pode até ter, mas esse aqui não é o caso
Tá bom, confesso, algo lá me compromete
Nada específico, é que o chorume nunca é raso

Eu jogo fora evidências dos meus vícios
E meus dejetos, que completam os meus rastros
Então espero até o momento que os resquícios
Vão lá embora e não sobrem mais registros

Eu não reciclo, jogo fora tudo junto
Pois tenho medo que um xereta me descubra

Que se remonte sobre mim meia verdade
Pois só o lixo é que vai ter quem elucubra

Tudo que exponho é o que eu deixo que fique
Eu seleciono muito bem indicativos
Acham que sou alguém real, mas é pastiche
E na verdade no imundo é que eu vivo

Aquele lixo é a minha interação
Eu me espalho pelo mundo com detrito
E o que me sobra é um eu tão incompleto
Não me conhece quem não mexeu no meu lixo

O caminhão me tranquiliza a existência
E alimenta sempre em mim a esperança
Quando eu for um lixo sem alegoria
Quero que levem o que restou na caçamba

https://www.douglasdomingues.com/

Edgar Borges

Boa Vista/RR

Sabores da noite passada

Meu hálito nesta manhã me lembra um pouco das alegrias e sabores da noite passada. Bebemos, rimos, cantamos e, sinceramente não tenho certeza, mas acho que também usamos alguma coisa levemente ilegal para adoçar ainda mais a madrugada.

Começamos cedo, com um happy hour que buscava espantar as dores de um dia pesado de trabalho para ambos. Eu não te conhecia. Não, eu já havia te visto uma ou duas vezes por aí. Sim, isso mesmo. Ontem os amigos nos apresentaram formalmente, começamos a falar de filmes, livros, política e jardinagem. Chope vai, tira-gosto vem, desafinamos algumas músicas no karaokê, discordamos sobre os rumos da economia, concordamos em detestar alguns políticos, sorrimos muito e, se não me engana a memória, trocamos uns beijos no estacionamento do bar.

Quando a mesa começou a ficar vazia e iniciativas mais decisivas passaram a ser exigidas pelo horário, te fiz uma pergunta fundamental para definir os rumos daquela noite:

— Dorme comigo?

Então você abriu um sorriso, encostou tua boca em minha orelha e me disse, antes de mordê-la:

— Claro. Só estava esperando o convite.

Ainda bebemos mais um pouco e trocamos ideias sobre o futuro da nação antes de chegar em casa. Por sorte, meu companheiro de aluguel havia encontrado lugar melhor para passar a noite e ficamos à vontade para passear com os nossos corpos sem roupa da sala até o quarto. Redesenhei com a língua cada uma das tatuagens e sinais da tua pele enquanto lembrava de um som que ouvia quando era moleque:

"Y yo que nunca tuve
Más religión que un cuerpo de mujer
Del cuello de una nube
Aquella madrugada me colgué"

Pendurado em tuas nuvens estava quando você falou que provavelmente não amanhecerias ao meu lado. Algo como um compromisso logo cedo com o trabalho, amigos, namorado, não sei... Confesso que naquele momento eu só pensava em sentir o teu gosto e isso afetava o meu raciocínio. O depois ficará para depois, pensei.

Já é um novo dia e cá estou, olhando para o teto do quarto, cantarolando em minha mente a mesma música da madrugada. Me acompanham o teu cheiro

grudado em minhas mãos e uma mensagem no celular, na qual dizes ter gostado da noite e prometes um dia talvez repeti-la.
Enquanto tomo uma xícara de café preto antes de ir para o trabalho, sorrio e penso em como promessas de noites boas são fundamentais para aguentar os dias cheios de rotina.

https://linktr.ee/borgesedgar

Edna Coimbra

Rio de Janeiro/RJ

Valorize a dor do seu irmão!

O que nos iguala ao outro não é o conhecimento
o que nos iguala ao outro é a dor.
A dor não tem cor
no preto ou no branco
dor é dor.
A dor não escolhe semblante
no feio ou no bonito
ela é impactante.
A dor não se preocupa com status
seja pobre ou seja rico
pela dor são nivelados.
A dor não se importa
com a religiosidade de ninguém
no que crê em Deus ou no que é ateu
a dor não discrimina ninguém.
A dor é impar, é individual
mas tem uma característica que é gradual
pois a dor que atingiu o meu irmão hoje
amanhã do mesmo modo me atingirá.
O luto que bateu à sua porta
amanhã em frente à minha se posicionará.
A desdita que o afetou
da mesma forma me afetará
então valorizemos a dor do nosso irmão!
Porque em se tratando de dor
seja física ou emocional
social ou espiritual
A dor que o meu irmão sente hoje
amanhã eu sentirei igual.

Edweine Loureiro
Saitama – Japão

O Japão Esquecido

É natural que se tenha a imagem de que, em um país economicamente desenvolvido como o Japão, não existam moradores de rua. Mas, sim, há também miséria e sofrimento nas ruas japonesas — principalmente em Tóquio, que, como qualquer grande centro, possui seu quinhão de mazelas sociais.

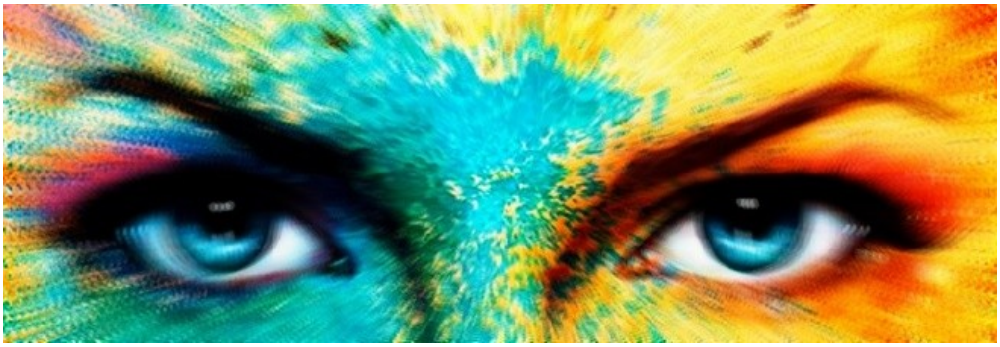
Lembro-me de que foi uma das coisas que mais me surpreenderam quando aqui cheguei em 2001. Como muitos estrangeiros, minha imagem a respeito do Japão era o da perfeição em todas as áreas da sociedade. No entanto, na primeira viagem que fiz a Tóquio — ironicamente para assistir a uma conferência organizada pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) —, fui tomado de surpresa quando, chegando à famosa estação de Ueno, vi vários sem-teto: basicamente um grupo composto por senhores de meia-idade (até hoje, não presenciei a existência de "moradoras de rua" no país), dormindo no chão ou remexendo as lixeiras. Os transeuntes, por sua vez, passavam apressados e indiferentes. Uma cena que, apesar de comum em qualquer parte do globo, parece ter em Tóquio um grau de frieza maior do que em outras grandes cidades do Japão. Por exemplo, quando morei em Osaka, de 2001 a 2005, pude testemunhar uma maior solidariedade dos transeuntes ao depararem-se com um semelhante caído no chão: fosse um morador de rua, um bêbado ou uma vítima de um mal-estar. Em Osaka, aliás, não era raro ver pessoas se aproximando até para oferecer ajuda aos perdidos que, como este que vos escreve, não conseguem achar um local nem com o auxílio do GPS. Em Tóquio, porém, são poucas as mãos estendidas para ajudar o próximo.

Saitama, onde moro atualmente, já se parece, nesse sentido, mais com Tóquio do que com Osaka: o que é natural, dada a proximidade geográfica daquela com a capital japonesa. E em Souka, o bairro de Saitama no qual resido, há também

um morador de rua. Não sei nada a respeito de sua história de vida, nem, claro, o que o levou àquela situação; mas sempre que passo por ele, todas as manhãs, saúdo-o com um "bom-dia" (*ohayou-gozaimasu*, em japonês... sem piadas, por favor). Quando fiz isso pela primeira vez, ele pareceu assustado com o meu gesto: muito provavelmente porque não costumava receber tais palavras, ainda mais vindas de um estrangeiro. Porém, refazendo-se do susto, logo correspondeu à minha saudação. E, desde então, sempre temos nos cumprimentado. No verão passado, aliás, cheguei mesmo a comprar-lhe um refrigerante, o qual, dessa vez, ele aceitou sem hesitação. Creio que, com essas pequenas atitudes, mais do que refrescar-lhe a garganta, pude trazer também um certo alívio a seu sofrido e desconfiado coração: que deseja, como qualquer um de nós, não ser tratado com desprezo.

***

https://www.facebook.com/edweine.loureiro



Efepê Efe Oliveira
Conceição do Mato Dentro/MG

Sinais

Os teus olhos são assim
olhar de fera acuada,
de quem me queres a mim
alma pura, desarmada.

Feitos dois lindos faróis
à terra a sinalizar,
são flores de girassóis
meus caminhos a enfeitar.

Iluminam o meu olhar
dão vida ao meu viver.
São luzes a me apontar
caminhos do amanhecer.

Duas pérolas que são,
pedras das mais preciosas;
prometem-me ao coração
as visões mais dadivosas.

https://alfarrabiopoetico.blogspot.com/

Elza Melo

Capanema/PA

Viva sua vida

Viva a sua vida
E seja feliz...
Seja risos escancarados
Abraços apertados
Sol e estrelas
Seja noite enluarada
Brisa da madrugada
Dormindo ou acordada
Seja feliz...
Seja banho de chuva
De praia e de rio
Seja seu amor que nunca sentiu
Seja você e não as pessoas
Seja uma canção que ecoa
Um olhar avassalador
Um toque de carinho
Um bilhete de amor
Seja o brilho que a tua alma espalha
A paz que dela não separa
Seja teus melhores sonhos
Melhores risos
Melhores desejos
Seja o que faz tocar tua alma
E se for pra voar
Seja borboleta
Para a vida transformar.

Eni Ilis
Campinas/SP

Decisão?

A moça de cântaro e seu
gesto essencial: dar água.
(Orides Fontela)

Decisão tomada?

Talvez.

Sim, estamos nos tempos do Talvez, caminho do meio do sim e do não, pois não?

Decisão tomada, fato.

Diluir-me-ei em água, muita água, tanta água que renderá muitos e muitos goles em muitos copos. Tantos!

Diluir-me-ei em água, muita água, tanta água que ficará sutil, diáfano, leve, tênue.

Extremamente suave, tão suave que insípido, tão suave que insosso.

Há o perigo de me afogar? Importa?

Há que correr risco, pois não?

Decisão tomada.

Diluir-me-ei em água, muita água, tanta água que ficará insípido, insosso, fácil, fácil de engolir, tolerar.

Está bem assim? Talvez.

Não incomodará, não engasgará mais.

Está bem assim? Pode ser.

Diluir em água.

Saciar a sede.

Água incorporada, sede saciada.

Água encarnada, sangue.

Não beberão o sangue, beberão a água com o muito diluído, lembram?

Decisão tomada.

Água insípida.

Água insossa.

Será veneno, será cura esse sangue que reverbera permanente sutileza?

Sangue não dilui, circula, oxigena. Segue na trilha, escapa na ferida, mas não dilui.

Decisão tomada nesses tempos de Talvez.

Haverá outras decisões em outros tempos.

Haverá quem compartilhe o sangue, pois não?

Por enquanto, talvez; mas já há os que sabem e respondem: haverá.

Fernanda Junqueira
Ribeirão Preto/SP

Lavrador

A palavra é um arado
a revolver o seio dos anseios
Das camadas mais fundas da alma
chega à superfície o bálsamo da vida.
A pá lavra
o cio da semente,
livra o solo
das tentações das trevas.

Pelos tremores do tempo
sou o grão expulso do ventre,
longe de ter um espírito rasteiro
que não conhece as grandezas do coração,
o que em mim germina
é esta ânsia de escrever luz,
de ver em cada palavra lavrada
a pedra romper-se em ternura
nas pétalas de minhas próprias mãos

Francisco Loureiro
Lisboa, Portugal

Viver

Tantos vivos à procura
E tantos mortos no cemitério.
A religião pensa ser a resposta
P'ra esta vida que é um mistério.

A morte não é uma despedida
Nem sequer um fracasso,
É aquilo a que se tem direito
Depois de tanto cansaço.

Há tanto respeito pelos mortos
Que pelos vivos nunca vi,
Espero um dia renascer
P'ra sentir o que nunca senti.

Peço à natureza
Que me dê uma chance,
Peço com toda a delicadeza,
Que antes que chegue a minha vez
Me deixe sentir a beleza d'um romance.

https://francisllloureiro.wixsite.com/troppipensieri

Gedeane Costa

Recife/PE

O mundo sem o brilho do amor

Sem o brilho do amor,
não existiria a irmã Dulce,
nem a Madre Tereza de Calcutá,
nem a luta de Mandela,
nenhum motivo para lutar...

Todos com amor, fizeram história
e perpetuam na memória.
Alcançou Maria com seu bebê,
em seu ato de fé e coragem
através do seu Filho
salvou vidas,
sem a todos conhecer.

O amor brilha adiante
se agiganta em bem fazer
no repartir do pão
para aquele que em frio dorme
num surrado papelão.

O amor brilha mais que diamante
aplacando as feridas,
atravessa os tempos,
as grades do frio e da prisão,
ecoando triunfante vem
transformando a vida
no mais cobiçado bem.

https://paginasinfinitas.blogspot.com/

Geraldo Ramiere
Planaltina/DF

Versos em Diásporas

A poesia é uma imigrante ilegal
Fugindo de guerras ou da pobreza
Com medo de morrer, de ser presa
Ao passar escondida numa fronteira
É quem enfrenta cercas e muros
Ou a criança que morreu afogada
Quando tentou atravessar o mar
Junto com a família inteira

O poema é um imigrante ilegal
Fugindo para não ser deportado
Tentando recomeçar a vida
Numa hostil terra estrangeira
É alguém em trabalho escravo
Enganado por falsas promessas
Ou quem sofre com a intolerância
De uma sociedade em cegueira

Nós somos versos em diásporas
Refugiados pelo mundo afora
Sobrevivendo e se encontrando
Cada qual a sua maneira
Mas a maioria se esquece
Que todas as palavras já migraram
Nem que seja em suas origens
E de imigrantes são herdeiras

https://ceussubterraneos.blogspot.com

Gibson João
Moçambique

Cinzas do Tempo

Andei sob pegadas
em meu íntimo
buscando a gota
em lágrimas do tempo

A poeira, na lente
do pranto e o fogo
da fome nas chagas da boca

Ante a morte
que tece a pólvora
rasgando a voz ausente

E no luto,
no holograma do abismo
e os olhos da idade
mergulhadas em alma.

Gisela Peçanha
Niterói/RJ

AR DE

Lábios derretem

Entre seios: os meus

Grandes e brancos.

Açúcar, isopor

Cheios como bolhas

Nuvens flutuando

Sugando, incessantes:

Amamentando

A fome, a sede

O deserto, o fogo:

Labareda dos amantes.

A saliência e a rasura

Completude da alma

Crua e nua.

Colostro de beijos

Licor dos desejos...

Te amo

Aguada

Ardendo

Molhada

De branco

Vermelho

O vinho

O leite

Das flamas

Morro:

— Na fogueira do instante.

Gislene da Silva Oliveira

Paragominas/PA

Desenlace

Comecei a fumar aos dezessete anos. Ainda recordo com exatidão o primeiro maço comprado. Estava de férias na Ilha do Cotijuba-PA, na companhia de amigos, pedi um trago, mas eles, todos fumantes, recusaram-se a ser mal exemplo e não entregaram em minhas mãos o objeto do desejo adolescente. Ainda ouvi um sermão, fundamentado no que minha mãe poderia falar.

Fiquei chateada, ofendida até. No ego da minha imaginada *adultice*, ferida como uma criança. E foi então que, tal uma criança malcriada, fui até o bar mais próximo e cheia de pose: "Moço, venda-me uma carteira de cigarro, por favor!". Acho que nunca mais na vida usei o verbo vender com a mesma entonação. Era o poder da compra do desejo negado.

Naquele tempo, as propagandas de cigarro eram convidativas ao poder e à liberdade e não havia leis de restrições de vendas para menores. Quando criança, ia com frequência a tabernas e quitandas comprar cigarros para meus pais. E até sabia as marcas mais conhecidas Minister, Continental, Hollywood, Malboro e Cônsul. A que comprei não lembro, mas sei que voltei para a roda de amigos de cabeça erguida, exibindo o troféu em forma de carteira de cigarros, acomodei-me junto ao grupo, que tocava violão e, cerimoniosamente, acendi meu primeiro cigarro.

A tragada inicial veio adocicada pelo gosto da realização, mas foi seguida pelo ardor fumegante que me rompeu o peito e sufocou a garganta de tal forma que os amigos vieram ao meu socorro, pois eu padecia de uma tosse engasgadora, falta de ar e uma incontrolável vontade de expulsar pela boca todos os órgãos internos do meu corpo. Humilhada e lacrimejante, eu parecia um vulcão prestes a entrar em erupção, soltando anéis de fumaça pelos sete buracos da minha cabeça.

Depois do auxílio inicial, é lógico que os meus amigos, não iriam perder a oportunidade de terminar o sermão e fazer aquela chacota básica que somente os bons e verdadeiros amigos sabem fazer. Fiquei suando frio, pálida, resfolegante, ouvindo-os cantar em minha homenagem "A tonga da Milonga do Kabulete", especialmente os versos: "Você que fuma e não traga... E que não paga pra ver".

Não me dei por vencida. Acordei cedo para caminhar na praia, peguei a bolsinha de crochê e, pasmem,

coloquei dentro a caixa de fósforo e a carteira de cigarro, orgulhosamente adquirida na anoite anterior. Juntei-me aos amigos e, lá fomos caminhar pela praia do Vai Quem Quer, na época praticamente inabitada. Um mundão de areia e água, um paraíso exclusivamente nosso. Em meio a conversa animada do passeio, acendi o segundo cigarro da minha vida. À primeira tragada, nada de sufoco, tosse ou o desespero da tentativa anterior. Soltei a fumaça educadamente pela boca, com o glamour cinematográfico dos anúncios dos anos 80. É verdade que ainda não sabia tragar, mas já me sentia tão charmosa com o cigarro aceso nas mãos, que nem percebi quando a praia começou a rodar e areia fugiu aos meus pés. E de repente, não mais que de repente, tudo escureceu.

Segurada pelo amigo que estava mais próximo, não cheguei a cair, porém faltou-me a visão e a noção de espacialidade por alguns segundos. Sentei-me na areia, a cabeça rodava e o enjoo da noite anterior reapareceu. Eu não conseguia entender por que nas propagandas ninguém passava mal ou não havia uma legenda dizendo que não se deveria fumar muito cedo e em jejum. Pensei com meus botões, talvez o cigarro não seja para mim ou eu não seja para o cigarro.

Abandonei-o sem culpa, afinal nossa relação não tinha começado muito bem. Como nunca fui propensa ao amor à primeira vista, meses mais tarde entre um gole de cerveja e outro (vício também recém iniciado), sentia-me novamente atraída pelo seu charme, sua elegância, seu cheiro. Ao som de Beto Guedes, Flávio Venturini, Ney Lisboa e Raul, tentei equivaler-me ao espetáculo do momento, desapercebidamente, pedi um cigarro ao companheiro do lado. Não digo que o contato tenha sido propriamente uma calmaria, veio um tanto áspero, unhando a garganta com pequenas garras afiadas. Segura de mim, pigarreei uma ou duas vezes e logo, embalados pela música e ativados por mais goles de cerveja, vieram outros e mais outros que já não eram sentidos pela língua amortecida. Enveredei pelo vício e me tornei uma fumante perita.

Levei-o comigo, durante anos após o reencontro. Inúmeras foram as vezes que busquei o desenlace. Os motivos eram variados, cuidados com a saúde, algum namorado mais implicante, duas gravidezes, filhos que detestavam cigarros. Tudo inútil. Até conseguia passar algum tempo distante, contudo a reconciliação era certa. Estar longe dele três ou mais dias era como tentar degustar um prato cujo sabor é indefinido e de tempero incerto. Nesses pequenos períodos de abstinência, minhas mãos desajeitas iam mecanicamente aos lugares onde costumava guardá-lo e pareciam ociosas, pois lhes faltava algo. A vida perdia a graça.

Convivi bem com ele durante 27 anos. Chegava a fugir daqueles que o abandonaram. Vias de regra, não há humildade na fala de ex-fumante,

pois, do alto de um pedestal, trazem um sermão tão pronto que beira a chatice. Oh, coisa chata é papo de ex-fumante! Nossa convivência era tão dependente, que pela manhã só conseguia coordenar as ideias, fazer-me produtiva e inteligente, após o primeiro cigarro. Sem nenhuma intenção de fazer apologias, ele me relaxava, era fiel e confidente escudeiro nas horas más. Tê-lo entre os dedos era como um talismã da sorte que daria segurança aos planos e às grandes decisões.

Com ele vivi horas certas do meu dia e intensas madrugadas. Papos com amigos, trabalhos da graduação. Correção de provas. Projetos e dissertação de mestrado. Internação de parentes e amigos. Momentos em que se fazia presente, como companheiro mais assíduo e tolerante ele sempre estava lá. Contudo, como disse o poeta, "que seja eterno enquanto dure". Foi intensa, porém há três anos nossa relação chegou ao fim.

Um dia tomei a decisão de desvencilhai-me dessa dependência. Fumei a última carteira que tinha em casa (sempre adquiri em maços) e disse a mim mesma que não compraria nenhuma mais. Hoje convivo com amigos fumantes com tranquilidade, já não sinto as gengivas doloridas e perdi o cheiro constante, que sequer percebia em mim. Os alimentos desfrutam de mais sabores e não me irrompe uma frequente rouquidão. Como ex-fumante não carrego sermões nem receitas prontas. O cigarro é uma paixão do passado, que não mais arde em meu peito. Se me perguntam como deixei de fumar, recorro ao personagem Chicó, conto minha breve história e, sorrindo, termino "Não sei, só sei que foi assim".

https://www.facebook.com/gislene.oliveira.56/

Giulianno Liberalli

Nova Iguaçú/RJ

Segundas Chances

Duas horas da manhã, Antônio subia um viaduto do centro do Rio de Janeiro para se suicidar. Meses atrás teve covid, durante a quarentena seus pais também pegaram, eram só eles três da família na cidade e quando Antônio se recuperou, eles pioraram. Chegou a levá-los para o hospital, mas foi tarde demais, a namorada o deixou durante o isolamento e os amigos tiveram medo de se aproximar devido à doença, nada mais parecia ter sentido na sua vida, mesmo seu trabalho no desenvolvimento de um aplicativo para médicos que promete ser revolucionário conseguia trazer-lhe ânimo. No alto parou em frente à mureta e olhou para baixo, ficou observando o asfalto por alguns minutos, então subiu nela decidido, encarou o céu estrelado e deu um passo rumo ao esquecimento… E foi puxado para trás. Caiu sentado no chão, olhando para cima viu a moça que havia acabado de impedir que se matasse.

— Pare! Você não vai querer fazer isso! — Ela olhava para ele baixando sua máscara, sua pele era clara, os cabelos dourados, olhos azuis claros e penetrantes que o analisavam enquanto se levantava.

— Moça, o que está fazendo aqui? — perguntou ajeitando a camisa na calça. — Tem ideia de como essa área é perigosa? Espera… Tem mais alguém com você?! Vão me assaltar?

— Ha! Ia se matar agora a pouco e está preocupado se sou ou não uma assaltante? É sério? Não sei por qual motivo ia fazer isso, mas está errado, suicídio é um pecado.

— Você não me conhece, não sabe pelo que estou passando e nem o que houve comigo.

— Verdade, eu não sei. Então nós vamos tomar um café, pois está frio demais e aí me conta seu motivo. Como é o seu nome?

— Antônio.

— Sou Suzana, muito prazer. Vamos. — Decidiu acompanhar sua salvadora, ficou muito curioso com a presença dela ali, pois tinha total certeza de que estava sozinho no viaduto deserto. Sentaram em uma mesa de cafeteria e pediram duas xícaras grandes de café, por alguns minutos se olharam até ele decidir quebrar o silêncio:

— O que estava fazendo lá no viaduto? — Perguntou um pouco acanhado pelo olhar dela.

— Moro aqui perto, mas estou esperando a *sua* explicação. — Ela tomou um gole de café, pousou a xícara e apoiou o queixo nas mãos.

Ele respirou fundo, suspirou e contou sua história. Quando terminou ela o olhava com empatia.

— Sinto muito. A culpa não foi sua. — Ela segurou sua mão — Até as piores situações podem trazer algo de bom. Vá para casa, reflita bastante e o amanhã será melhor. Não vale a pena querer tirar sua vida.

— Não sei se consigo acreditar muito nisso agora, mas vou tentar.

— Ótimo, estarei orando por você.

Antônio ficou um pouco mais, pensando, e foi para casa ao amanhecer lamentando ter se esquecido de pedir o telefone dela. Mesmo refletindo nas palavras de Suzana, os dias ainda passavam de forma lenta e dolorosa para ele, quase não tinha concentração para trabalhar, a tristeza e a sensação de culpa pela perda dos pais o oprimiam demais. Um dia selou todo o apartamento e abriu a válvula de gás do chuveiro, sentou na sala para aguardar a morte chegar. Passados alguns minutos começou a sentir um leve adormecimento, o gás estava trabalhando, morreria logo. De repente um barulho de vidro quebrando, logo uma bola de futebol quicava na sala diante dele, estouraram sua janela. Um pouco tonto ainda, levantou e foi até o vidro quebrado, alguns garotos olhavam da rua em sua direção.

— O que estão fazendo? Quebraram minha janela! — Gritou tossindo por causa do gás.

— A culpa não foi nossa! Uma mulher pegou nossa bola e jogou aí, do nada! Maluca! — um dos garotos lhe respondeu.

Voltou para dentro, fechou o gás e tirou o vidro do chão. Desceu e foi pedir ao garoto que descrevesse a tal "mulher maluca" e era exatamente como Suzana! De volta ao apartamento acessou a internet e passou toda a noite pesquisando sobre tentativas de suicídio interrompidas de formas estranhas, leu relatos sobre seres especiais que apareciam para impedir os suicidas de acabarem com suas vidas e por aí vai, enquanto isso uma ideia doida se desenvolvia na sua mente: Como ela chegou na hora de impedi- lo nas duas vezes? O viaduto? Coincidência, talvez. Mas quebrar a janela? Não mesmo, algo mais estava acontecendo… Depois de dias lendo sobre o assunto, decidiu testar sua teoria. Amarrou uma corda ao ventilador de teto, subiu na mesinha de centro e colocou o nó de enforcar em volta do pescoço e pulou apenas para cair sentado, Suzana estava de pé ao seu lado segurando a outra extremidade da corda arrebentada.

— Pode ter certeza de uma coisa, Antônio: Essa foi a última vez. Se tentar de novo, vai conseguir. — A raiva dela era clara, ele exclamou tirando a corda do pescoço:

— Sabia! Aparecendo do nada para me impedir de me matar três vezes como que por mágica, você não pode ser humana! Quem é você? Qual seu interesse em mim?

— Bom, agora não tenho outra escolha a não ser me revelar. Sou uma de muitas entidades que tem a missão de ajudar pessoas com tendências suicidas na Terra, falei antes que é um erro e a punição no mundo espiritual pode ser horrível, você tem um propósito e é importante que cumpra, consegui te impedir nessas três vezes e infringi regras por isso. Agora está por sua conta, estou partindo.

— Me conta quem é você, isso é muito louco para a minha cabeça e preciso saber.

— Está bem. Eu fui Shoshannah Beatrice e nasci em Pompéia, ano 59 D.C., vinte anos depois o vulcão Vesúvio explodiu e eu não tentei fugir. Ao invés disso matei meus filhos e me suicidei. Acordei com um anjo me explicando que teríamos conseguido escapar, ainda viveríamos muito mais, no desespero cometi esse pecado, não lutei pela vida e fui condenada a ser eterna, vagando pelo mundo com o propósito de impedir que outros interrompam seus destinos antes do tempo.

— Isso é terrível, pode ter certeza de que não tentarei mais, eu quero muito viver. Quase dois mil anos que faz isso, meu Deus. Salvou centenas, não?

— Sim, perdi a conta, mas você me tocou como nenhum outro, nunca dei tantas segundas chances assim e nunca revelei quem eu sou para ninguém. Fico feliz que escolheu viver, significa que consegui salvar mais um e poderei partir. Depois

que eu passar por aquela porta você se esquecerá de mim e sua determinação de viver estará mais forte do que nunca. — Ela se virou para ir embora e ele a abraçou.

— Fique. — Ele pediu, mas com um toque dela em sua testa Antônio ficou adormecido e ela partiu. Chegou ao limbo se sentindo vazia e solitária, de repente o anjo veio ao seu encontro.

— Saudações, Shoshannah. Fique feliz, ele foi seu último e poderás descansar dessa missão, conseguiste seu perdão.

— Finalmente... — Ela respondeu, porém um pouco triste porque realmente havia se apaixonado por Antônio. — Estou pronta para atravessar.

— Espere. O Criador lhe determinou outra missão e creio que irás gostar dela, nosso amigo ainda precisará de apoio para alcançar seu futuro, é tanto destino dele como o vosso. Adeus.

O anjo pôs a mão no rosto dela e tudo virou luz. Semanas depois Antônio estava na mesma cafeteria daquela noite, trabalhando no aplicativo quase concluído, quando ia tomar seu suco uma voz feminina o assustou:

— Pare, não vai querer fazer isso. — Disse-lhe uma moça alta, morena e muito bonita ao seu lado.

— Como? Desculpe, não fazer o quê? — Teve a nítida impressão de que aqueles olhos castanhos que o encaravam ficaram azuis por uma fração de segundo quando ela falou.

— É que comprei muito café e queria dividir, aceita?

Ele concordou e sentiu um *deja vu* agradável passar por sua mente, como se tivesse reencontrado algo perdido por muito tempo e a voz dela lhe dava uma sensação de paz.

— Quer dividir a mesa junto com o café? Sou Antônio, muito prazer.

— Sou Bia, e o prazer é todo meu. — Respondeu estendendo-lhe a mão.

https://scriv.com.br/giulianno/

Guilherme Luz

Rio de Janeiro/RJ

Opostos pelo vértice

— Quando duas retas são concorrentes, elas formam quatro ângulos, como num "X". Se olharmos dois a dois, é possível perceber que esses ângulos ou estão lado a lado ou só têm um único ponto de contato, que coincide com o de contato entre as retas. Os ângulos dessa segunda opção que eu falei são chamados de ângulos opostos pelo vértice. Eles são congruentes, ou seja, têm medida igual, embora apontem para lados opostos. Já os ângulos dispostos lado a lado, são conhecidos como adjacentes e são suplementares: somados formam 180º.

Sempre que Nelsinho dava essa aula, ele lembrava de Carlos. Sempre não, mas, pelo menos, de um ano pra cá, quando os dois assumiram o relacionamento.

Ambos eram professores em uma escola estadual. Ele de matemática e o outro de artes. Ele de capricórnio e o outro de câncer. Ele com ascendente em virgem e o outro em peixes. Ele pretendia construir família assim que se tornasse professor universitário e o outro sonhava com isso desde o primeiro beijo. Apesar de serem como os ângulos opostos pelo vértice, tinham uma adjacência, uma suplementariedade, das mais afinadas.

Enquanto ainda eram colegas de trabalho, estavam sempre do mesmo lado nas discussões, nos conselhos. Nos almoços entre professores, geralmente confraternizações que Nelsinho detestava na mesma medida inversa que Carlos amava, concordavam nas discussões políticas, sociais e até em assuntos banais. Um argumentava com dados, estatísticas, resultados de pesquisas e outro mostrava o lado humano das situações, a filosofia, a entrelinha. E assim eram imbatíveis.

Ambos eram engraçados, um completava a piada do outro, dando um toque especial que os levava aos 180º.

Foi natural, tanta similaridade e tanta oposição não poderiam ser desperdiçadas assim: se apaixonaram.

Na razão do matemático, o custo-benefício da relação lhe geraria lucros emocionais, sociais e - o mais importante - profissionais, ou seja, estando casado, ele teria mais estabilidade pra enfiar a cara nos livros, pois o concurso para professor substituto da Universidade Federal se aproximava.

Na utopia do professor de artes, Nelsinho, apesar de pouco expressivo, seja com palavras ou com atitudes, preenchia todos os requisitos: trabalhador e ambicioso, educado e inteligente, caseiro, cozinha bem e, o principal: era tão sujo no sexo quanto seu ateliê ficava após as aulas pras crianças.

Eram, como os elementos dos seus signos, terra e água que, aquecidos pelo calor da cama, tornavam-se lama.

A turma, quando na aula de Nelsinho, mais parecia um velório: fixadas no quadro e na explicação, as crianças não davam um pio. Já Carlos se irritava com quem não falasse, cantasse, dançasse. Ele entrava nas aulas ordenando que arrastassem todas as cadeiras pros cantos e sentassem como quisessem. Nelsinho odiava dar aulas em horários pós aula de artes. Mas, com a doçura e maleabilidade aquática de Carlos, Nelsinho sedia e recolhia seus chifres de pedra.

Por incrível que pareça, tiveram ótima convivência depois que casaram. Ambos respeitavam muito o espaço do outro. A adjacências eram superiores às oposições, portanto pouco brigavam.

No entanto, depois de três anos, as oposições começaram a forçar o desequilíbrio do sistema milimetricamente planejado por ambos, cada um do seu jeito. Tanto o artista quanto o matemático eram controladores.

A quase psicose de Nelsinho pela vaga na Universidade federal e a "tranquilidade de cigarra" de Carlos transformaram esses ângulos opostos pelo vértice de agudos para obtusos, obtusos até demais.

Separaram.

Ficaram mais dois anos indo e vindo: sentiam falta das adjacências e das congruências. Mas as oposições se tornavam mais fortes conforte ficavam mais separados.

Um dia, há mais de oito meses que o casal não se encontrava, deram de cara no meio do aeroporto de Guarulhos. Nelsinho ia cursar o doutorado no sul de Portugal e Carlos faria um curso de verão no sul da Espanha.

A viagem acabou se tornando um sonho: voltaram.

Chegando ao Brasil, no final do doutorado de Nelsinho, tentaram morar juntos mais de três vezes. Não adiantava: as oposições gritavam incontestáveis quando passavam todos os dias juntos.

Nelsinho não aguentava mais tinta guache espalhada pela casa. Carlos não admitia o outro com a cara enfiada nos livros e sem dar atenção ou jantar à mesa. Só se entendiam mesmo no sexo e, talvez, só isso mesmo ainda os unia, como o único ponto de contato das retas concorrentes.

Um dia, bom... um dia, dando aula sobre ângulos, finalmente Nelsinho entendeu o que repetia há quase duas décadas. Nesse mesmo dia, em uma exposição, Carlos viu um quadro que o tocou: misturava cores opostas e as separava. Uma acendia ao lado da outra. Longe, entretanto, se apagavam.

Resolveram tentar mais uma vez: havia um ponto de congruência e o resto eles precisariam aprender a lidar, afinal, só há oposição se há, de alguma forma, união. Ainda que apenas em um ponto.

Foi então que, depois de quase vinte anos lutando contra, casaram-se, ou melhor, aceitaram as amarguras da alteridade. Entraram para a faculdade juntos, por amor pelo estudo: estudaram filosofia.

E até ficarem velhinhos, entre números e cores, Carlos foi o melhor canceriano que um capricorniano poderia querer e vice-versa.

Quando Nelsinho morreu, aos sessenta e nove anos, teve um ataque súbito de coração, Carlos já havia se aposentado e começava a vender suas obras para exposições. Voltando do enterro, pintou uma tela que chamou de "Opostos pelo vértice", inspirada nas anotações matemáticas do marido, as quais remexia para intensificar o sentimento de dor, de perda. E que impressionavam pela precisão no traço das retas, círculos e polígonos.

Ganhou todos os prêmios daquele ano. Morreu no mesmo dia que o marido, sendo que um ano depois: aneurisma cerebral.

Rio de Janeiro, 29.03.21

Ilton Aparecido de Paiva
Fortaleza/CE

Corvo

CRÁª>

>---------- O corvo crocita ----------<

Lento, triste e agourento

Que prece maldita!

/ \

^ ^

Iraci José Marin
Caxias Do Sul/RS

Em Busca do Tesouro Enterrado

Contava-se que, num lugar muito distante, havia tesouros enterrados. Eram moedas de ouro que os índios tinham escondido em panelas de barro, antes de serem atacados e exterminados pelos exércitos invasores.

A história chegou onde morava a família de seu Jorge. Quem contava ainda dizia que alguns aventureiros tinham enriquecido com a descoberta. Mas chegar até lá era difícil.

Os dois filhos de seu Jorge decidiram enfrentar os perigos e procurar aquele lugar. O esforço seria recompensado: livrariam a família da miséria em que vivia.

Num certo dia, então, Lúcio e Alfredo montaram em seus cavalos e, levando os alforjes com comida, instrumentos para cavar a terra e outros apetrechos, se puseram a caminho. Andaram vários dias até que enfim, no meio de uma tarde, viram terra amontoada ao lado de buracos abertos no meio de um grande campo desabitado.

Passaram por entre os buracos e escolheram um local próximo a um bosque, num espaço amplo e intocado, cercado de taipas de pedras, e se puseram a cavar a terra. Havia por ali algumas cruzes caídas.

Fizeram pouco naquele dia.

Já era noite quando abriram uma lona velha sobre os galhos das árvores, limparam o espaço, acenderam uma pequena fogueira, comeram e dormiram.

Cedo, recomeçaram a escavação.

O sol se escondia por trás das árvores quando, ao invés de um cofre com moedas de ouro, encontraram ossos. Pularam para fora do buraco e se acomodaram no acampamento.

— Acho que o tesouro está embaixo desses ossos – Lúcio falou.

— Pode ser – respondeu Alfredo. – Botaram os ossos ali pra enganar.

Confiantes na sorte, adormeceram.

Na madrugada, um vento fraco balançou a lona e uma leve

luminosidade clareou o acampamento. Levantaram num pulo e viram uma figura branca sobre o buraco que tinham feito. Assustados, empunharam seus facões. Tremiam de medo do fantasma que pairava no ar. Depois de breve tempo, o vento parou e a figura foi esmorecendo, até desaparecer.

Ficaram olhando para o escuro. Caminharam um pouco ao redor do acampamento, corajosos e temerosos ao mesmo tempo. Não viram nada, nem ouviram qualquer barulho. Acenderam novamente a fogueira e ficaram acordados até o amanhecer.

Desistiram de cavar o buraco. Repuseram terra sobre os ossos e começaram a abrir outro em lugar mais afastado. Trabalharam muito. No final do dia, encontraram ossos novamente. Pularam rapidamente para fora do buraco.

Na madrugada, novamente um vento soprou na galharia das árvores e outro vulto branco apareceu em cima da cova. Eles se levantaram com os facões em punho e ficaram na espreita. O vento e o vulto desapareceram vagarosamente.

Dormiram pouco naquela noite.

— Este lugar é amaldiçoado – disse Lúcio. – Vamos adiante, pra lá – e apontou o dedo na direção norte.

Era um campo extenso e desabitado. Pararam sob um majestoso umbu. A poucos metros dele, havia uma grande pedra preta.

Lúcio comentou que aquela árvore isolada no meio do campo podia servir de marco para indicar onde os índios tinham enterrado o tesouro.

Logo se puseram a cavar por ali. Mas de novo nada encontraram.

Entardecia e eles sentaram numa raiz da árvore para descansar. Foi quando apareceu um cavaleiro, que os saudou amigavelmente. Vendo que era homem da região, contaram o que faziam. O cavaleiro respondeu:

— Muita gente veio procurar tesouro enterrado nestes campos. Mas ninguém encontrou nada. E não existe mesmo. É só lorota.

Fez uma pausa, olhou ao redor e concluiu:

— Dizem que muita gente viu fantasma, principalmente lá pros lados do cemitério dos índios. Mas acho que também é lorota.

Lúcio e Alfredo se olharam e ficaram calados. O cavaleiro tocou a aba de seu chapéu, disse "adeus!" e seguiu caminho.

Como anoitecia, abriram a barraca, acenderam uma pequena fogueira, comeram e dormiram.

Na madrugada, um vento leve começou a soprar. Eles acordaram e viram uma luz nascendo da pedra. Pouco depois, o vento cessou e a luz foi descendo devagar para dentro da terra.

Lúcio exclamou:

— Isto é um sinal!

Removeram a pedra. Cavaram e cavaram. Perto do meio-dia, bateram em algo oco. Era uma panela de barro. Olharam-se e sorriram. Eles a desenterraram, levaram para fora do buraco, quebraram a tampa e incontáveis moedas de ouro reluziram. Mergulharam suas mãos no metal salvador, sentiram o valor do ouro em sua pele, dançaram de alegria e riram como se tivessem ganhado o céu.

Isabel Cristina Silva Vargas

Pelotas/RS

Não Mais Mulheres De Atenas

As mulheres do início do século passado, ainda eram mulheres tolhidas de exercerem sua cidadania.

Foram autorizadas a votarem em 1932, depois de 40 anos pleiteando tal direito.

Os trabalhos eram mais limitados, pois a mentalidade à época não era favorável ao trabalho feminino. Faziam trabalhos domésticos, artesanais, e as que podiam trabalhar tinham como profissão tacitamente aceita, ser professora.

Aquelas sem melhor grau de instrução trabalhavam como operárias de fábrica. O trabalho na área artística, musical e teatral era discriminado e as mulheres obrigadas a terem carteira sanitária como as prostitutas.

Naquela época as mulheres tinham mais filhos pois o uso de anticoncepcional não era política pública, o que dificultava o trabalho fora de casa. As famílias eram maiores, as mulheres ficavam com a responsabilidade de procriar e educar a prole.

Hoje, outro século, as mulheres obtiveram grande avanço pois existe, desde a segunda metade século passado a obrigatoriedade de manutenção dos filhos na escola, tanto meninos como meninas, sob pena de intervenção do conselho tutelar pelo abandono escolar.

Existe conscientização da necessidade de estudo como condição primordial para galgar novos patamares na sociedade sendo o estudo e o trabalho a condição mais legítima de ascensão social. Claro que isso na sociedade ocidental, onde, felizmente a mulher pode optar pela profissão que desejar.

Há uma infinita possibilidade das mulheres se instruírem, quer na escola pública, quanto nas escolas particulares. Quem não consegue estudar em tempo regular o governo possibilita nas escolas públicas o EJA-Ensino de jovens e adultos para os que estão fora da idade regulamentar para o ensino Fundamental e o ENCCEJA que é um exame para certificação de competências para o ensino de jovens e adultos que possibilita homens e mulheres a obterem a certificação para entrarem em uma faculdade.

Destacamos os créditos e bolsas disponibilizados para o ingresso nas faculdades privadas também para homens e mulheres se capacitarem para o trabalho.

Há o programa criado no Ministério do Trabalho, hoje Ministério da Economia para o menor aprendiz se

inserir no mercado de trabalho com o incremento de jovens portadores de deficiência e cuja idade foi ampliada para jovens não menores.

Embora existam famílias carentes, desigualdades sociais, em decorrência de situação geográfica, financeira, e as interferências de ocorrências imprevisíveis, como a pandemia, os motivos que outrora existiam e impediam as mulheres de estudarem, de crescerem como cidadãs livres e respeitadas, de ascenderem socialmente e desempenharem com eficiência e respeito as mais altas posições na esfera econômica social não têm mais a mesma relevância.

As mulheres estão em todos os postos imagináveis no mercado de trabalho, no magistério superior, nas reitorias, na política, na magistratura, na advocacia e nas múltiplas profissões liberais existentes como médicas, dentistas, engenheiras, arquitetas, biólogas, nas plataformas em alto-mar, e nas várias profissões técnicas de nível médio, de grande valia e relevância social.

Lembremos, também, de outras tantas que são empreendedoras e trabalham tanto quanto os homens como autônoma, microempresárias para se sustentarem bem como à sua família.

Vale salientar que mesmo sendo eficientes, nas empresas privadas, na mesma função ganham salários inferiores aos dos homens.

No serviço público, cujos servidores ingressam por meio de concurso público, não existe esta disparidade em decorrência de sexo pois tal é proibido por lei.

Apesar de tudo isso, as mulheres ainda morrem vítimas de feminicídio, porque muitos homens ainda as consideram como objeto, como propriedade sua, embora tenha a Lei Maria da Penha para protegê-las, mas este é outro assunto a ser tratado.

Ivo Aparecido Franco

São Bernardo do Campo/SP

Lápide

Em meio à noite fria, triste e lucífuga
Morri
Juntei-me a lembranças relevantes
E a memórias que simplesmente esqueci

Jogar-me-ão na cara: morreu cedo
Mas pergunto-te: para que queres viver
Tanto
Para quedar-se na ignomínia e no medo¿

Saberes, os levo com minha alma
Prazeres, os deixo com meu corpo
Por isso transes, leias, liberte-se!
Assim o lume humano, nunca será morto

Compêndio de tua vida:
O silêncio que por aqui impera
Mesmo com tanto por dizer
Foi, a vida inteira, tua regra

Em tua busca pelos jardins do Éden
Deixaste que arruinassem
De maneira infeliz e inglória
Das latifoliadas às angustifólias

Reunistes com os teus
A fim de celebrar a vida eterna
Em tardes de domingo opacas
Enquanto a vida uterina, real

Corroeu-se pela química mundana
(Das empresas que tanto admirastes)
Converteu-se num angustiante nada!

Aceitastes de bom grado ser estéril
No consumo de uma vã felicidade
Galfarro do agrotóxico e da química
Agora ostentas a infertilidade

Enfim, jamais andaremos lado a lado
Pois da vida, amigo, tanto não viu
Outra parte compreendeste errado

Nunca iria servir pra nada mesmo
De minha parte, ter muitos anos mais
Se só para, como ti, desenvolver
Impressões tão comezinhas, bestiais

De hoje para sempre
Ausência é regra
Silêncio, desde então
O nosso mantra

Que não seja pela falta de palavras
Pois as teria até mesmo proutras
Campas

Contudo, mesmo aqui pra todo sempre
Inda sim, improdutivo, teu silêncio
Noutras lápides só a foto e algum nome
Que ostentaram toda vida feito nêncios!

Jade Shehera

Recife/PE

Contramão

Viajava com a família de Rubens quando ele fez o pedido. Os pais de dele já lhe chamavam de filha, por isso, quando ele abriu a caixinha de veludo e lhe mostrou o anel dourado com a pedra solitária vermelha e ela lhe disse "não", ninguém entendeu.

Todos os namorados de Melina haviam lhe pressionado com aquele assunto. A palavra "casamento" já era o suficiente para lhe deixar em pânico desde criança, ao ver a mãe entupida de antidepressivos por causa das traições do pai e da sua incapacidade de acabar com um *voto sagrado* como aquele. Sua vida com Rubens era um eterno namoro, até aquele anel dourado estragar a relação. Tudo se transformara numa grande ausência, então. De gestos, palavras e reações. Rubens se apagara da sua vida e por oito meses inteiros Melina também se apagara do mundo.

Procurava por uma palma de bananas sem manchas no mercado quando ouviu a voz dele. Os dois se entreolharam por muito tempo sem dizer nada. Ela aguentou até onde pôde e lhe ofereceu a palma de banana, a única sem manchas que havia encontrado. Ele aceitou e sorriu. Afinal, a mania de escolher as frutas impecáveis era dele, e não dela. Dali, saíram para tomar um café e conversar, porque mesmo depois de todo aquele tempo, ela ainda escolhia as frutas sem manchas. Rubens não podia ignorar aquilo.

No mês seguinte, Melina estava dormindo no apartamento dele de novo, sentindo-o entre as suas pernas ou agarrado na sua cintura. Estava tudo bem.

Barulho de moto na avenida. Alguém com o som ligado no prédio. Melina acordou com Rubens beijando a sua nuca. Ele fazia aquilo pela manhã para descobrir se ela estava com vontade de fazer sexo antes que ele fosse tomar banho. Antes que ele levantasse da cama, Melina virou-se o beijou. O movimento despiu-os do cobertor e Melina traçou uma linha de beijos pela barriga dele até se posicionar entre as suas pernas. Rubens não tirou os olhos do seu rosto enquanto ela alisava delicadamente com a ponta do dedo a cabeça do membro que endurecia. Não demorou para que com os beijos dela, Rubens crescesse completamente entre os seus lábios. Melina encheu-o de saliva e moveu a mão para cima e para baixo enquanto o chupava, encarando-o com os olhos

semicerrados. Quando ele começou a gemer, Melina escorregou uma mão para dentro da calcinha e se masturbou até senti-lo gozar. Ele colocou a mão no lugar da sua e terminou o serviço, penetrando-a com o dedo médio. Era uma boa maneira de começar o dia.

Suados e despertos, os dois correram para o chuveiro. Era uma sexta-feira. Nas últimas semanas, os dois não se viam muito nos fins de semana. Rubens postava fotos com a família e Melina entendia a distância. Apesar de tudo, não se sentia pronta para voltar a ver aquelas pessoas cujo coração ela também derrubara num chão duro.

— Mel, pega um sabonete pra gente? — Ele pediu enquanto lavava o cabelo. Melina se enrolou na toalha e voltou para o quarto.

Só o veria novamente na segunda-feira agora. Já sentia saudades.

— No armário? — gritou.

— Não, acho que esses acabaram. Pega o da minha saboneteira de viagem mesmo, está na bolsinha que eu levo na mala.

Melina procurou pela *nécessaire* na mala que ficava embaixo da cama.

— Toma, cuidado pra não esquecer. — Alertou ao entregá-lo a saboneteira. Ele agradeceu. Melina acabou o banho antes dele e voltou para colocar tudo de volta no lugar, mas se atrapalhou e derrubou a *nécessaire* no caminho. Junto dela, caiu também uma caixinha de veludo. Seu coração acelerou.

Ela abriu a caixinha. O anel dourado com o rubi continuava lá. Esperou pelo pânico e pela vontade de chorar, mas encontrou apenas surpresa. Era chocante que Rubens mantivesse aquele anel. Uma joia daquelas podia ser vendida por um ótimo valor e lhe ajudaria a trocar o estofamento antigo do carro e fazer uma nova pintura, coisa que ele queria já há alguns meses. Só havia um motivo para ele guardar aquilo. Melina respirou fundo. Dessa vez, não teria forças para lhe dizer não.

Ela sorriu. Dessa vez, ela *não queria* dizer não. Melina guardou o anel de volta na mala, onde Rubens o escondera tão bem. Diria sim. Não conseguia acreditar no tamanho da sua sorte.

Quando Rubens saiu do chuveiro, Melina já estava vestida. Não queria que ele soubesse que ela sabia. Assistiu enquanto ele se vestia. Era o homem mais bonito do mundo. Escolhera uma camisa branca que deixava a sua pele cintilando e lavara o cabelo, o que o deixava cheio e com os cachos balançando ao redor da cabeça. Rubens sentou na cama para calçar o sapato, observando-a. Depois de muito tempo, sorriu. O silêncio não a incomodava mais, mas ela perguntou do mesmo jeito.

— O que foi?

— Estava pensando que você é linda. Vai ter filhos lindos.

Melina escondeu o rosto. Filhos. Era tudo real, era tudo possível. Já

podia ver as crianças com os cabelos cacheados dele e os seus olhos azuis.

Desceram as escadas fazendo piadas sobre o elevador quebrado. No meio do caminho, Rubens voltou e pegou a mala. Iria direto do trabalho para a casa de praia encontrar os pais.

Melina estava dez minutos atrasada quando Rubens parou na frente da agência de marketing e publicidade em que ela trabalhava. Deu-lhe um beijo rápido antes de sair, pensou melhor, voltou e lhe deu outro mais longo. Ele sorriu. Ainda estava na calçada quando ele lhe chamou da janela para lhe entregar alguma coisa.

— Deixasse teu brinco cair. — Ele disse, jogando a bijuteria para ela. Melina o apanhou no ar e agradeceu. Correu pela portaria do prédio pedindo para que segurassem o elevador. Ainda cabia mais uma pessoa. Ela se esgueirou pelo meio dos colegas até chegar nos fundos, colada no espelho. Desceria no último andar.

Melina rolou o brinco entre os dedos. Alguma coisa perfurou a sua pele e ela abriu a mão para vê-lo. Era um brinco prateado, pequeno e simples, em formato de estrela.

Seus colegas desceram do elevador lhe dando bom dia. Melina não respondeu. Pensava nos filhos que teria um dia, sem cabelos cacheados. Pensava no anel exibido num dedo mais fino do que o esperado que o faria escorregar naquele fim de semana. Suas duas argolas douradas estavam na orelha. Nunca tivera um brinco prateado em formato de estrela.

JAX

Brasília/DF

Um Pé Perfeito

Um dia, casualmente, Ananias repara no pé da secretária do patrão, calçado na ocasião com bonita sandália de couro. Impressionou-se com a delicada perfeição do seu formato, nem gordo, nem magro, belos dedos de tamanho proporcional e harmônico, pele de coloração levemente morena que exalava suavidade. Em síntese, o exemplar mais bem acabado de quantos membros da espécie ele vira antes.

Os pés de D. Andréia constituem, na verdade, o ponto de partida para a beleza que vai subindo e envolve a eficiente companheira de escritório. Seus diminutos 1,60m compõem-se de pernas bem torneadas, quadris que justificam a parada do ônibus da admiração, cintura fina, seios de tamanho suficiente para destacar-se na paisagem corporal e um rosto de traços finos e discretos, cujos sorrisos vinham sempre na medida certa para cada situação. Os olhos, geralmente firmes e serenos, pareciam sorrir e cobrir-se de meiguice quando ela falava ao telefone com o namorado.

Ananias aprecia a maneira como D. Andréia se comunica com todos os colegas da empresa. Trata o pessoal com simpatia e respeito, dificilmente alterando ou erguendo a voz para explicar eventuais deslizes na execução do serviço. "Seu" Osório, o dono da firma, sabe da capacidade da moça, confia em seu bom senso e até lhe pede conselhos na presença de quem estiver por perto.

É um prazer cotidiano assistir ao desempenho da secretária de tipo "mignon" (Ananias aprendera esse termo recentemente). A pequenina levanta e apura informações como poucas pessoas, seja em contatos pessoais, seja por meio da Internet. Tem sempre tudo pronto e conferido para levar ao chefe ou a outrem. Verdadeira gigante num pequeno frasco de perfume. Ah, sim! Faltou dizer que a menina é muito cheirosa.

Em sua função de contínuo, o rapaz procura fazer o melhor que pode para atender a todos, inclusive à D. Andréia. Vez por outra, tem oportunidade de também com ela trocar informações de caráter mais pessoal.

Como naquela tarde em que ele lhe contou haver interrompido seus estudos na universidade para começar a trabalhar e ajudar a irmã e o irmão a sustentar a mãe. O pai

morrera repentinamente e, mesmo em vida, nunca foi homem abastado. Custeou os estudos dos filhos com certa dificuldade, especialmente os do caçula Ananias, que só conseguiu ingressar em universidade privada. Como a mãe jamais trabalhara, o dinheiro que ganhavam os irmãos ficou curto, o que obrigou a contar com arrimo adicional na família.

Tal situação já leva quatro anos, sem que o esforçado contínuo encontre maneira de retomar seus estudos. O importante, para ele, é desempenhar-se satisfatoriamente e saber que nada falta à genitora.

Por sua vez, D. Andréia contou também ser a caçula de sua família, bem como a única a deixar sua cidade para vir trabalhar no Rio. Formou-se dois anos atrás e logo surgiu a oportunidade de trabalhar na empresa do Sr. Osório, na qual se sente satisfeita. Mencionou seus planos, porém, de estabelecer futuro negócio próprio, em parceria com o namorado.

As conversas entre os dois colegas de escritório compreendem, igualmente, atividades de lazer de sua preferência, como cinema, música e literatura. Ambos descobriram que coincidem no gosto por algumas obras de Bruno Barreto, Chaplin, Milton Nascimento, Liszt, Fernando Sabino e Gabriel Garcia Marquez. Para seu deleite, o rapaz vem a saber que a moça, assim como ele, torce pelo magistral Fluminense.

Eis que, numa segunda-feira, Ananias percebe que o olhar da colega se revela sombrio. Não resistindo à curiosidade, pergunta-lhe o que há e ouve a resposta de que ela terminara o namoro. Compadecido, e valendo-se de uma tarefa de rua, o rapaz traz para a amiga uma caixa dos bombons de que ela dizia mais gostar.

A partir de então, os dois passaram a conversar mais e a encontrar-se, depois do expediente e nos fins-de-semana, para assistirem a sessões de cinema, a shows musicais e a outras atividades do gênero.

A amizade não demorou muito em naturalmente evoluir para o amor. Estimulado por Andréia, Ananias finalmente encontrou tempo e disposição para concluir seu curso universitário.

Após sua formatura, "seu" Osório convidou-o a exercer outras funções na companhia. Tão bem se saiu que, em breve tempo, aperfeiçoou seus conhecimentos com novos cursos, galgou posições e chegou ao cargo de diretor na área de sua formação. Seguiu, por assim dizer, os passos da namorada, que também veio a chefiar outra diretoria da firma.

No curso dessa trajetória ascendente, Andréia e Ananias casaram-se, em cerimônia simples, com a presença de poucos familiares e colegas, além, claro, dos padrinhos, Osório e sua esposa. O casal ainda usufruiu da convencional lua-de-mel na paradisíaca cidade praiana de

Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro. Corrija-se, em tempo, grave omissão destas linhas: ambos são naturais do mesmo estado, ela, nascida em Petrópolis, ele, no distrito de Anta, em Sapucaia.

Sentado à sua mesa de diretor, Ananias é pura satisfação.

"Tomei pé na vida!" Pensa consigo, a um só tempo divertido e feliz.

Também pudera! Afinal de contas (ou deste conto), D. Andréia tem um pé perfeito.

Julho 2021.

Escrivaninha, Recanto das Letras (JAX)

https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=191885

Jeane Tertuliano
Campo Alegre/AL

Nunca Mais

Entre quatro paredes,
a solidão perene ecoa
e o vazio destoa a voz
que, chorosa, sufoca
l e n t a m e n t e.
Toda a gente padece
um pouco maia
a cada manhã dorida
de verdades fingidas.
Nada mais tem valor
no vão ostensivo
que reluz incolor.
Empatia é sonora
nos lábios sem amor
de homens e mulheres.

Eu sempre me questiono:
o que eles pretendem
falando do que não sentem?
Mentiras há muito contadas
desfilam encorpadas nas ruas,
nos lares e nos corações frios.
Apenas eu divago adoidado
sobre os nossos temidos vazios?!
Ignorar a escuridão à janela
não apagará as sequelas.
Nada mais será como antes!
Deitada em minha gélida cama
escuto o crocitar da ave medonha
que sobrevoa o alto do meu ser...

"nunca mais" — eu a ouço dizer.

https://instagram.com/jeanetertuliano/

Jeferson Ilha
Santa Maria/RS

Decisionismo normativo

Forjamos o pensamento a acreditar em uma hierarquia racial
Ao mesmo tempo em que direcionamos o conhecimento e a história
A uma visão universal.
Entretanto, o universal mascara o que realmente é, unicentral.
O que centraliza o conhecimento como poder ditado a ser seguido.
E esse poder, já que universal, institui-se como verdade.
Destrói culturas porque sobrepõe a sua cultura universal
Transformando-a em una.
Com isso naturalizamos a inferiorização de todas as outras culturas
Que são diversas ao seu etnocentro.
Legitimar a dominação do outro justifica a sobreposição da superioridade,
Um ilusionismo que anula e desvaloriza o ser diverso
Em prol de sua designação de ser civilizado,
Restringindo o seu universal a uma cultura etnocêntrica civilizatória.
Civilizar para colonizar e dominar para fortalecer um único poder.
Universal, o ser civilizado.

https://www.facebook.com/jeferson.ilha

@jeferson_ilha

Jéssica Mariana Andrade

Paripiranga/BA

Nudez

Se luz que toca sua pele em nudez
E da pouca iluminação que tomar
Tons de cinza com traços claros
Da sua palidez

Ao descer da cena
Tudo pode que ser visto
O rosto em perfil
A cicatrizes que a vida trouxe
Pode ser visto
As curvas da mulher que antes insegura
Agora segura a vontade de sua nudez

Pode ser que agora
A nudez tabu também forma
Arte, vulgar de quem julgar mal
A nudez dela a torna arte que em
Boas mãos se torna prazer a vida

O tabu dos meios e contextos do corpo de uma mulher
Que ao se transformar percebe que
O medo da sua nudez aprender a ser quem não é

A nudez de corpo e de alma
Observo sem pudor
O poder da mulher que está livre
E livre habita o seu próprio lar.
Despida de preconceitos inseridos sem saber.

Dessa arte nua
De perfeitos sentido

Pode ser sua e ser dela
Pode estar em pinturas, retratos
E no escuro do quarto

Nudez mal julgada
Pode ser desejada
É apreciada por quem sabe se orientar em meios as curvas dessas pela de pintura.

https://literatura20linguistica.blogspot.com/?m=1

Joalison Silva
Solânea/PB

Dia de Vacina

Saiu de casa cedo. Cinco horas, o sol ainda dormindo. Deduzia: porque assim acaba mais rápido. Chegou no posto de saúde minutos depois, pegou uma ficha e, estava só e o tédio consome o solitário, passou a observar quem chegava. Muitos já chegados, uma mulher alta, bonita, rosto oculto pela máscara, e era bonita de verdade, ficou nela, ignorou o resto até um casal num Corsa cinza, todos os Corsas eram cinzas? Não, uma vez viu azul. O casal parou perto, bem ao lado na calçada, saíram e se encostaram no carro. Moveu-se, de pé há horas, lembrou, as pernas doíam de ver o casal encostado, voltou a fitar a mulher alta e bonita, a mais alta, dúvida se a mais bonita também, cabelos pretos e que corpo, um mulherão! Outros mais chegaram. Começou a chover, acuando um grupo acumulado de vontade: vontade de ir embora. Uns entraram no posto de saúde, aglomeração. Foi para o outro lado da rua onde tinha espaço de sobra. Foi seguido pelo resto. Encostado na casa, questionou se valia a pena. A vida vale a pena? Um homem parou de moto atrás do Corsa, não era o do casal, apesar de igualmente cinza, pintura padrão talvez, o azul era símbolo de rebeldia, e o homem vestido de trabalhador entrou para pegar a ficha, errou o caminho e entrou na sala visada, o local de desejo. Vontade de ir embora. Voltou com um tufo de algodão no ombro: os trabalhadores tinham prioridade? São privilegiados, precisam retornar ao posto, ganhar dinheiro, o privilégio dos privilegiados. Um princípio de revolta pulsou dentro dele, forte como a vontade. Ouviu um murmúrio contido na entrada do posto. A revolta ligeira se espalhava. As fichas seguiam nas mãos, seus números ainda nas bocas. Outra vez, apareceu trabalhador. Uma

jovem de uniforme na garupa de uma Honda, o piloto filho do dono de um supermercado, gente importante, portanto, ela era bonita. Buscou a mulher alta, bem mais bonita, viu a jovem entrar no posto e trincou os dentes. O grito irrompia do estômago. Ela errava o caminho, saiu rápido. E a coisa toda degringolou: a massa de trabalhadores aumentou, tanta gente tinha trabalho naqueles tempos? Os não privilegiados exigiam tratamento igual. Encostado na casa, esperava o número, um dos primeiros porque não fora o primeiro, enquanto ao longe, lá no longínquo universo da rua oposta, as pessoas diminuíam, quem chegara antes e depois. Precisava e largou o conforto da parede, entrou no posto: disseram que o lugar virou um cabaré, esqueça a ficha, agora é na fila. Entrou na fila, esperou. Vontade de ir embora e mais tarde voltar, controlou. Se fosse, não voltava. Entediou-se. Novamente, se pôs a olhar. Reclamação na ponta da fila: se usassem as fichas estariam todos em casa, a loira que chamou o posto de cabaré dizia. Encontrou a mulher alta três pessoas a frente, e nem era tão alta, tinham a mesma altura, nivelados a perfeição, mas era bonita. Um mulherão! Uma agente de saúde, bem menor, saiu da sala desejada, viu a fila: aglomeração. Jesus! Vamos organizar, santa incompetência! Viva a burocracia! Metade entrem nessa sala: entrou dez, menos da metade. Sentou aliviado. Esquecera, mas as pernas doíam. Os dez sentados não falavam nem se viam. Fitavam a porta quando uma senhora de idade entrou acompanhada dum rapaz, moço tímido, ficou encostado na parede. Sentado, sentiu simpatia pelo rapaz de cabeça baixa. A agente lembrou das fichas, não, foi alguém, ouviu alguém, a moça loira da boca suja é um cabaré, foi ela quem avisou e a agente berrou quem tinha ficha, quem tinha ficha, quem tinha ficha, todo mundo tem? Tem! Quem é o número menor? Número um? Quem é o número um? Não tem, já foi, próximo, pularam para o dez. Era o onze. Saiu da sala e ficou na porta desejada, mas de longe, duas mulheres nos lados, a alta a direita. Evitou olhá-la. Como era bonita! Faltava uma pessoa para se separar dela e até nunca mais. Sentiu-se triste, chegando em casa, antes do dia acabar, ficaria com a cabeça nela.

Pensando então, a agente menor chegou mansinha: tem um menino especial, vocês entendem, não é? Assentiu, assentiram. O garoto não tinha privilégios, que fosse primeiro, embora não o primeiro. Depois, a mulher do lado e entrou, finalmente. Os três agentes de saúde de caras lisas faziam anotações. A enfermeira no canto, jovem e entediada olhava o nada porque não havia gente para se ver ali. Pediram cartão, deu. Nome da rua, deu. O braço a mostra, mostrou. Doeu, não muito, pouquinho. Sentiu-se mais homem pela dor, estufou o peito e para a mulher alta, sairia como um vacinado, era homem forte vacinado livre e o agente, único homem de saúde do posto, invejoso e portador das más notícias, avisou que voltaria em três meses, noventa dias de liberdade. Saindo da sala abatido, nem fitou a mulher feita de sonhos. Apenas andou. Ouviu já fora a loira desbocada reclamando. Noventa dias, de novo. No caminho de volta, tarde para o almoço, o braço pesou, ombro dolorido, encontrou um amigo: ia tomar a vacina também e perguntou se tinha muita gente. Não mais. Já tomasse? Já. E aí? Vi uma mulher lá, respondeu desanimado e animou-se. Homem, fiquei doído. Foi mesmo? Se tô dizendo... só tu vendo, homem, só vendo mesmo. E se animou de verdade. Veria ela de novo. Em só noventa dias, era um mulherão!

https://catarseliteral.blogspot.com/

João Barros Martins

Jardim Botânico III, DF

La Petite Mort

Madrugada em São Sebastião-DF.

Saindo da Praça do *Raggae*, abraçados, um casal sobe a rua com destino a um prédio no bairro São Francisco.

Ela veste um vestido curto e decotado. Leva uma bolsa pequena. Calça um elegante salto alto. Seus cabelos e seus olhos são negros como azeviche. Sua pele é parda e radiante. Seus lábios vermelhos carmesim. Todos os itens do seu vestuário são pretos, como o próprio luto.

Ele veste uma camiseta branca, larga e amarrotada, bem como um jeans azul em situação similar. Está descalço. Castanhos, crespos e em tamanho inadequado, seus cabelos e sua barba estão desgrenhados. Seus olhos são pretos e tristes. Seus lábios grossos e sofridos. Sua pele é negra; sua vida é pesarosa.

– Lembro-me de quando a vi pela primeira vez – ele fala, olhando fixamente para a companheira, enquanto ambos continuam a caminhada. – Você era tão velha, feia e desajeitada. Assustou-me. Pensei que você era uma bruxa, e não uma deusa.

– Lembro-me desse dia – ela responde, agora apoiando o rosto no ombro do companheiro. – você era uma criança tão cheia de vida, alegria e espontaneidade. Encantou-me. Pensei que se tratava de um pequeno príncipe caindo da árvore. Não queria vê-lo sofrendo.

– Mas logo percebi que, embora estranha, você não parecia querer me fazer mal. Pelo menos, não tão cedo… Sempre tão distante e silenciosa. *Aprendi a ignorar a sua presença sem ignorar a sua presença*.

– Já eu percebi que, embora novo, você já era capaz de me notar. Isso sempre foi e sempre será estranho para mim… Você era um molequinho tão radiante. Embora muito curiosa, resolvi não me aproximar.

De repente, ambos param.

Ele começa a apalpar os bolsos da calça. Tira a carteira de cigarros e um isqueiro. Acende. Começa a fumar.

– Que indelicadeza a minha – ele diz. – Aceita um também?

– Não precisa pegar outro – ela responde. – Podemos dividir esse daí.

Ele tira o cigarro da própria boca e entrega a ela.

Elegantemente, ela dá uma longa tragada. Depois, sopra a fumaça em direção a lua.

– Como você ficou tão jovem, tão bonita, tão sexy…? – ele pergunta, ao admirá-la.

Ambos voltam a andar, compartilhando o cigarro em silêncio por alguns minutos.

– Lembro-me de quanto você começou a fumar – ela fala no meio da caminhada, quebrando o clima taciturno. – Foi na faculdade. Você falava e gesticulava, e todos prestavam atenção. Daí você tirava um cigarro, acendia e tragava displicentemente, como se estivesse pensando na complexidade do mundo. Ficava assim por alguns minutos. Tão intelectual! Depois, voltava a falar e a gesticular, segurando o cigarro entre os dedos indicador e médio da mão direita…

– Lembro-me que você aparecia um pouquinho mais nessa época. Ficava no grupo, nas conversas, mas fazia pouquíssimas intervenções. Para mim, você já não parecia uma bruxa tão velha. Inusitadamente, *você assumiu a aparência de uma velha menos velha*, sem encantos, porém, estranhamente, com ares professorais.

O casal chega ao prédio.

Ele joga longe a bituca e começa a apalpar os bolsos da calça de novo. Dessa vez, tira um chaveiro. Escolhe uma chave e abre o portão menor. Estende a mão direita, apontando para o interior.

–*First ladies*– ele fala.

Ela entra.

Ele para sob o umbral e, sem motivo aparente, começa a chorar.

– É estranho te ver assim – ela diz. – Cadê aquela sua alegria?

Ele termina de entrar e, em ato contínuo, seca o rosto com as costas das mãos, ensaiando um sorriso de canto de boca.

– Esquece isso – ele fala, justificando-se. – Eu mesmo não entendi até agora o que aconteceu comigo nesses últimos meses…

– Sem elevador, sem porteiro… – ela diz, olhando em volta.

– Pois é, não cheguei muito longe na vida.

Ela tira os sapatos, para carregá-los com a mão direita.

Eles se abraçam e começam a subir as escadas.

Em um dos patamares, a luz está com defeito.

Acende, apaga, acende, apaga.

Eles começam a se beijar e a trocar carícias, como se não houvesse mais ninguém no prédio ou na face da Terra.

Os fluidos corporais aumentam. O tesão lateja.

– Mole, quente e molhada – ela fala no momento em que encontra um espaço entre os beijos. – Ainda falta muito para o seu apartamento?

– Tá quase – ele responde. – Vem.

Ele puxa a mão dela.

Ambos sobem mais um lance de degraus e param em frente ao apartamento.

– É este – ele fala, procurando uma chave no chaveiro.

Abre a porta.

Ambos entram.

O apartamento não é pequeno, mas, certamente, a ausência de móveis consegue deixá-lo ainda maior. Ao fundo, vê-se uma cama, com um colchão sem lençol; na parte da frente, uma pia, um tanque, um fogão e uma geladeira.

O banheiro se encontra atrás de uma porta ao lado da cama.

No meio do apartamento, um vazio que poderia ser ocupado por um sofá, televisor ou outro indício de conforto (ou normalidade), mas onde alguns livros se encontram empilhados de forma desorganizada.

– Minimalista – ela fala sorrindo.

– Só um minutinho, porque tô apertado – ele fala, indo para o fundo. – Pode ficar à vontade – conclui, fechando-se no banheiro.

Ela fecha a porta do apartamento atrás de si. Joga os sapatos e a bolsa em um canto. Depois, senta-se na cama. Testa o colchão com sentadinhas. Sorri. Escuta o barulho da urina dele caindo na água do vaso sanitário. Em seguida, o som da descargada, o chuveiro ligando.

Ela levanta e vai em direção à geladeira.

Dentro, não há nada além de uma garrafa de vinho pela metade.

– Você continua um romântico – ela fala em voz alta.

– Quê? – também em tom elevado, ele pergunta do banheiro.

Ela volta para cama bebendo direto da garrafa. No caminho, nas paredes, nota as marcas de quadros recém-tirados; no chão, percebe sinais de móveis recém-levados. Senta-se na cama, bebendo o vinho em pequenos goles.

Ele sai enrolado em uma toalha branca. Senta-se na cama ao lado da companhia, encostando as costas na parede.

Ela se levanta em seguida.

– Minha vez – ela diz, entregando a garrafa e, em seguida, entrando no banheiro, mas sem fechar a porta.

Suspende o vestido, abaixa a calcinha, senta no vaso e faz xixi. Fica em pé, sobe a calcinha e, rebolando, abaixa o vestido para o lugar.

Ele se excita ao ver a cena. Coloca o vinho de lado e tira a toalha.

Ela volta, sobe o vestido de novo, coloca a calcinha de lado, senta e cavalga.

Depois de alguns minutos de suor, saliva, unhas, arranhões, odores característicos, vestido jogado, calcinha rasgada, olhos virados, olhos fechados, mordidas, gemidos, suspiros, tapas, enforcamentos, cabelos puxados, abraços apertados, línguas se entrelaçando, línguas entrando, dedos entrando, vai e vem, cama batendo, colchão ensopado, carne batendo, ele explode como nunca antes havia explodido na vida.

Ela grita.

Ele olha no fundo dos olhos dela. E lá dentro, em alguma região do espaço-tempo, ele é atraído pelo

magnetismo daqueles dois buracos negros.

Ambos estão flutuando sobre a Terra agora. Abraçados e ofegantes, contemplam o contorno dos oceanos e dos continentes. Vêm a lua. Ao longe, admiram o brilho do sol.

Ele caia.

Ela fica e sorri.

Ele cai ainda mais rápido e apaga, como um morto.

No dia seguinte, ele acorda nu no chão ao lado da cama.

Sobre o seu peito, um bilhete assinado com um beijo carmesim.

"Não tenha tanta pressa.

"Aproveite a vida um pouco mais."

Ele é aquecido pelo calor do sol entrando pela janela.

Sente-se forte novamente.

Blog:
http://joaodebarro.blog.br/

João Maria Álvares Dias

Braga, Portugal

A Noruega

✓ D'*A Noruega*

Era uma vez uma simples menina lusitana que possuía o nome mais colossal que tu, leitor, possas imaginar. Tentes imaginar um nome tão extenso na iminência de ser do tamanho de um dicionário latim-português/português-latim. Pois é, assim era o nome dessa simples menina, e por tal móvel é que eu não hei de aqui transcrevê-lo, mas há como aqui relatar qual era o seu apelido e a razão de ela ter conseguido tal alcunha: todos os seus parentes e amigos chamavam-na de *A Noruega* e a razão é a que o seu pai, o Cabo Francisco de Assis Rodrigues Xavier Rabelo de Souza, recentemente conseguira o cargo de embaixador na cidade de Oslo, a capital norueguesa.

A verdade é que essa meninazinha de 7 (sete) anos de idade aparentava ser de facto uma cidadã norueguesa, não sei se a sua pele, ou o seu cabelo, ou a sua personalidade ou até mesmo o facto de ter um pai embaixador no país Noruega, mas acontece que toda vez que alguém a via, associava-a a uma norueguesa. A meu ver, era justa tal associação, posto que seus pais eram literalmente enamorados por Oslo (eles haviam passado a lua de mel em tal sítio), e, como nesta vida tu tens que enfrentar as incertezas da Perspicácia e as aflições do capital, custou para ele ser embaixador.

Assim, concluo eu o capítulo primeiro desta tão preciosa obra-prima. No terceiro capítulo, a gente havemos de saber como fora o nascimento do seu pai e de que maneira ele viveu dos sete (7) anos de idade até aos seus dezessete (17), com o fim de percebermos melhor a influência que a vivência paterna reteve n'*A Noruega*. E contarei igualmente como ele conseguiu a inspiração para escrever a seguinte poesia:

Não! Não pode ser verdade total
Uma lastimável ocorrência que vivenciei
No passado remoto, pretérito imortal!
Com as dores que inda hoje dele suporto –
Ah! – vejo que os fatos passados são mesmo imperecíveis: disso agora sei!

Meu estimado irmão está morto:
A dor desta notícia terei que aguentar,
Infelizmente. A Morte é o tudo, ou o nada.
Sinto-me um derrotado lançado ao mar,

Volumoso mar, belicoso qual uma espada!
O furor que se encontra nos confins do Oceano, que é o seu lar,
Undulou nas profundezas para buscar

Em especial o alvorecer do novo ensejo com emoção!
Saudade da ilustre e magnânima Inglaterra
Com certeza é o que mais tenho no peito
Robusto com colossal vastidão.
E por quê? Pois aquilo que mais frequentemente
Vejo nesta nova e melancólica terra
Empobrecida, que é o Brasil, é uma
Rancorosa e desiludida miragem com precisão!

- ✓ Isto à parte...

ALFRED – Boa noite, meu caro Lorde Henrique: posso lhe contar a nova?

LORDE HENRIQUE – Claro que podes, Alfred – o inglês mais notável que Deus me deu a oportunidade de nesta vida conhecer.

ALFRED – Inglês, não. Considero com demasiada veemência que a minha nacionalidade é britânica, não inglesa, porquanto nós – os britânicos, isto é, aqueles que nascem no Reino Unido (composto pela Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales) – somos um povo único, um povo irmão, e a nossa irmandade é a que mais retém lealdade na Europa. Isto à parte, vamos logo ao que eu havia de lhe comunicar: Meu irmão Douglas, que lastimavelmente está a se encontrar preso pelo triste móvel de ter sido acusado injustamente de corrupção por meio de lavagem de dinheiro enquanto estava a comandar a Bhaskara Produções – a maior empresa de artes que a Davilândia veio a conhecer ,– está para ganhar o notável Prêmio Nobel da Paz, e tal ocorrência serve para mostrar ao Mundo o quão injusto ele frequentemente é, todavia é através dos sofrimentos filhos da injustiça que nos tornamos seres humanos muito mais fortes e com a sabedoria reabastecida. Eu possuo a mais absoluta certeza, Alfred, de que...

LORDE HENRIQUE – Eu sou o Henrique, tu é que és o Alfred! E outra coisa: toda certeza é que é absoluta, certo?

ALFRED – Sim, mas todos nós, que somos seres humanos, nascemos já retendo a tendência de errar, certo? Até o narrador mais perfeito que tu possas imaginar tender a cochilar, tal qual Homero com a sua *Ilíada* e a sua *Odisseia*. Isto à parte, eu possuo a certeza de que o parvalhão do xerife Simon MacKenzie, quem o condenara injustamente junto com o delator Juan Gallegos (um uruguaio radicado nos Estados Unidos), há de vir a perecer da seguinte forma – isso eu sei pelo fato de uma cartomante, uma rapariga portuguesa conhecida como *A Noruega* – ter-me contado: Ele partirá a Israel com o fim de, lá, buscar riqueza num alto padrão de vida, e, quando ele for partir, achar-se-á à companhia de dois amigos – Behruz e Michel –; assim que eles lá chegarem, hão de encontrar no aeroporto, abandonado no chão, um anel mágico, com 16.200 gramas de peso; logo após o avistarem, irão erguê-lo, colocá-lo em uma das bagagens (em especial, na bagagem que ganharam do troll Benedito José, quem, por mera coincidência, era o enteado do dono do anel mágico perdido) e carregá-lo-ão aos ombros; quando estiverem a se aproximarem de Telavive, Michel dirá: "Vamos aguardar no templo, enquanto um de nós três encara a tarefa de ir à padaria comprar pães e cafés para nos alimentarmos, posto que estaremos demasiado famintos. Que tal?"; "Ótima ideia, meu amigo querido e estimado! Irei comprá-los, pois!", falará Behruz, e partirá à padaria; entrementes, assim que se adentrar à cidade, sua alma há de tencionar trair os dois e ficar com o anel mágico apenas para si mesmo, e por este porquê é que ele comprará os pães e os cafés e envenená-los-á; todavia, quando se dirigir ao encontro dos outros dois, estes matá-lo-ão para ficar com o anel somente para eles e perecerão após comerem os pães e tomarem os cafés...

Isto à parte, a Justiça será feita...

E quanto a Juan Gallegos, este há de vir a perecer igualmente da mesma forma, e, caso não morra da mesma maneira, perecerá dum jeito bem, bem pior!

LORDE HENRIQUE – Interessante pressentimento, caro Alfred! E é com o mais vasto prazer e a total aptidão que te informo que Jair Bolsonaro perecera de tal forma junto com os seus ministros...

João Vitor Tóffoli
Vacaria/RS

Cidade Em Linha Destruída....

Nasci nessa cidade pequena,
no qual ecoa sangue por crime,
fatal é um ato que reprime,
reflete que já fora serena.
Vagando um fardo desigual.
Se um dia você vier trilhar,
tem um lugar para conhecer,
a casa para todo seu ser,
desconstruída para almejar.
Mas fundada para lhe destruir.
Um lugar para poucos morarem,
por hospedar dias de memórias,
mancha tal legado das histórias,
das muitas mortes que perdurarem.
Pretérito que fora dessas mágoas.
Famílias que não podem existir,
insistindo naquela criação,
onde várias armas são uma razão,
inocência...porque vai se extinguir?
Sem brinquedos não há esperança.
Morando aqui, não há como evoluir,
não possuímos o brilho da infância,
pois nos óbitos não tem intolerância,
sem um pecado para redimir.
Perdemos as asas quando buscamos as palavras.
Sem religião para libertar,
oh, Deus deve nos expurgar da terra,
se degrada de miséria com guerra,
tristes almas perecem no lugar.
Perante este purgatório que concebemos como lar.
Talvez você devesse visitar,
contemplar as faces de mil estrelas,
desses múltiplos sonhos e novelas,
um sol vive a querer compartilhar.
De tão triste que está sendo lutar.
Entretanto, caso queira ficar,
surgem lugares para conhecer,
selecionando seu alvorecer,
naquela casa que for vigorar.
Flores possam crescer do mesmo tanto que podem morrer.
Eu lhe convido para vislumbrar,
uma comunidade tão distinta,
a qual jamais poderá ser extinta,
o destino escreve para abdicar.
Época de luto que soma gerações de resquícios.
Sobrando as glórias daquelas vitórias,
inspira-me descrever dor passada,
vou matando sem nem ter quase nada,
sou só um cara sem mais trajetórias.

Joaquim Bispo

Odivelas, Portugal

Meia dúzia de safanões

«O novo panorama terrorista mundial obriga-nos a gastar muitos recursos e a equacionar outras formas de guerra.» — alertava a caixa introdutória do artigo da revista. O assunto interessava a Patrício Neves. Verificou as outras "gordas": «Até aonde devemos ir no combate ao terror? De quanta humanidade estamos dispostos a abdicar? Devemos aceitar descer aos níveis de desumanidade dos terroristas, desde que nos salvemos e aos nossos compatriotas?»

Enquanto os colegas analisavam o conteúdo de uma escuta à comunicação de um suspeito, foi lendo o corpo do artigo. De repente, cresceu a agitação à sua volta. Parecia que as semanas de vigilância nas comunicações tinham dado frutos. Hasnain, o intérprete que trabalhava para os serviços secretos, foi perentório:

— Bomba! Eles falar em bomba. Falar "Baixa-Chiado". Passar gravação outra vez!

Não foi possível detetar a origem da chamada, mas o SS já conhecia a morada do recetor: uma casa decrépita na zona da Mouraria.

Eram sete e meia da manhã quando os agentes entraram na rua do Capelão, já de saídas bloqueadas. O suspeito, um paquistanês de menos de 30 anos, não ofereceu qualquer resistência. Uma busca minuciosa encontrou uma dúzia de telemóveis e uns vinte sacos, de cinco quilos, de farinha. Antes das nove, iniciou-se o interrogatório nas instalações dos Serviços. Ahmid, o suspeito, garantia que não sabia quem lhe tinha telefonado.

— Tu não me venhas com tretas! Quem é que te telefonou? Era uma ordem para um atentado? Fala, senão faço-te engolir esses dentes! — irritava-se o agente Moreira.

— Eu não sabe. Telefone tocar, Ahmid ouvir.

Parecia sincero, mas com terroristas nunca se sabe.

— Mas quem foi e o que queria?

— Não sabe. Falar Lisboa, perguntar loja fruta.

Não se passou disto toda a manhã, até que, pelas duas da tarde, os quatro agentes envolvidos na detenção, cansados e irritados, resolveram fazer uma pausa para comer qualquer coisa. Um deles sugeriu uma conhecida adega do Lumiar, ali perto. Àquela hora já devia ter lugares.

Assim que se sentaram, veio o assunto de serviço à baila:

— Eh, pá, não podemos ficar nisto, conversa, conversa… e nada — equacionava o Martins.

— E uma chapada de vez em quando — brincava o Mendes. — Só para aquecer…

— Isto se fosse na América não ficava por aqui. O Trump já disse que os serviços lhe garantiram que a tortura resulta — lançava o Moreira. — «Absolutely!»

— Eles lá não são de modas. Vai tudo a *waterboarding* — concordava o Martins.

— Mas eles não tinham proibido isso? O Obama!

— Esta cena da verdade alternativa, de que agora se fala muito, já tem muita tradição por aquelas bandas — teorizava Neves, o mais calado. — Eles têm um problema com a verdade. Condenaram a Manning; e vão engavetar o Snowden e o Assange, se os apanharem lá. A verdade está amordaçada e emparedada nas masmorras da Administração.

— Eh, lá! Temos poeta — ironizava o Mendes.

Quando atacaram o "borrego no forno", passaram a falar abertamente da técnica de tortura conhecida como *waterboardind* ou afogamento simulado, talvez por uma mórbida associação de carnes indefesas.

— Dizem que aquilo resulta mesmo. Porque o tipo com o pano encharcado na cara não consegue respirar, porque, se respirar, respira água. Se a água entra na faringe, o tipo engasga-se e a sensação de morte iminente por afogamento é avassaladora — explicava o Martins.

— Eh, pá, como é que sabes isso tudo? — perguntava o Mendes. — Andaste a pesquisar... Não me digas que queres aplicar isso ao nosso Ahmid?

— Mendes! Porra. Contém-te! — ralhou o Martins, que parecia a voz que congregava as dos outros. — Mas temos da fazer alguma coisa — adiantou em voz baixa, enquanto rastreava o resto da sala.

— Eu também acho — apoiava o Moreira. — Até uma gaja como a Meryl Streep disse uma vez que, meditando sobre o assunto, chegou à conclusão que, se a tortura de um suspeito de terrorismo evitar milhares de mortos, então acha a tortura aceitável.

— Nem de propósito — atalhou o Neves, enquanto sacava do bolso interior do casaco a revista que estava a ler nessa manhã. — Em 1932, Oliveira Salazar dizia isto: "Os presos maltratados eram sempre, ou quase sempre, temíveis bombistas. Só depois de empregar meios violentos é que eles se decidiam a dizer a verdade. E eu pergunto a mim próprio se a vida de algumas crianças

e de algumas pessoas indefesas não justifica, largamente, meia dúzia de safanões a tempo nessas criaturas sinistras." Salazar e Meryl Streep, a mesma luta...

— "Meia dúzia de safanões"… O tipo era um cómico — ironizava o Mendes, refeito.

— Eh pá, não vamos misturar — reagia o Moreira. — Esta gaja é lá dos direitos humanos e dessas merdas, que agora até disse, referindo-se ao Trump, que "desrespeito convida ao desrespeito e violência incita à violência".

— Adoro coerências — adiantou o Neves. — O desrespeito do Trump incomoda-a, mas estava disposta a torturar prisioneiros.

— Para salvar vidas…

— Eh, pá, se a gente cede nos princípios, às tantas estamos a fazer o mesmo que os terroristas — reincidia o Neves.

— Nós estamos a defender os nossos concidadãos. Esses terroristas não têm nada que ver com os nossos valores, com a nossa cultura. Se for preciso dar a volta a algum… temos pena.

— Os nossos valores... antes ou depois de torturarmos pessoas?

— Arre, que é estúpido! — exagerou o Moreira. — Desculpa. Ó Neves, porra!; não somos todos iguais. Eles são outra coisa. E se ainda por cima nos querem matar…

— Eu também já li — defendia-se o Neves. — Parece que aquilo é lixado. Mesmo que o tipo desconfie que é simulação, nunca tem a certeza. A aflição é aterradora. O tipo fica traumatizado durante muito tempo. E há tipos que desistem e deixam entrar demasiada água nos pulmões e, se não morrerem, ficam com sequelas graves. Mas o mais ingrato, nesta cena de torturar ou não torturar, é que os resultados não são fiáveis. Um tipo nessas circunstâncias diz qualquer coisa para se livrar do que lhe parece uma morte certa.

— É isso que é preciso, que fale, que diga o que nos interessa. Achas que um tipo a afogar-se vai pensar em dizer uma mentira? — racionalizava o Martins.

— Se ele não tiver uma verdade para dizer, ou se a verdade que está a dizer não for aceite, ele diz o que lhe vier à cabeça. É o caso dos inocentes.

— Sempre me saíste um lírico, ó Neves… Achas que aquele tipo que lá temos está inocente? Achas que não sabe quem lhe estava a telefonar? O Hasnain ouviu bem falar em bomba. Eh, pá, temos que dar este pequeno passo. Para defendermos a vida dos nossos concidadãos, que é a nossa missão sagrada. Ficas de consciência tranquila se falharmos e explodir uma bomba na estação de metro da Baixa-Chiado? Era uma carnificina.

O Mendes tinha-se calado de vez. As piadas não cabiam ali. O Moreira estava intimamente satisfeito com a argumentação do Martins. Concordava a cem por cento. O Neves sentia-se desconfortável, mas tinha dificuldade em arranjar argumentos. Não era fácil contrapor postura humanista, civilizacional, ao perigo de atentado potencial. Como arriscar? Havia uma enorme assimetria de risco envolvido.

— Sem autorização de cima, temos de ser muito cautelosos. Não podemos forçar demasiado. Se o tipo não falar às primeiras, paramos, ok? — tentou ainda o Neves.

De regresso aos Serviços, passaram o resto da tarde com perguntas marginais.

— Para que queres tanta farinha em casa? É para fazer uma bomba lenta?

— Fazer frito, senhor. Ahmid vende na loja.

— E os telemóveis?

— Ahmid arranja.

Depois de todo o pessoal administrativo ter saído, levaram o suspeito para uma garagem e amarraram-no de costas sobre uma bancada, com a cabeça um pouco mais baixa.

— "It's now or never", Ahmid. Ou falas agora ou já não falas mais. Quem é que te telefonou?

O paquistanês apresentava um olhar aterrado. Até ali, tudo tinha sido mais ou menos esperado, mesmo as bofetadas. Agora as movimentações dos quatro homens indicavam que vinha aí violência extrema. Esqueceu-se até de responder. Um dos agentes colocou-lhe um pano sobre a cara, enquanto outro começou a verter água de um jarro sobre a zona entre boca e nariz. Ahmid manteve a boca fechada por uns momentos, sentindo alguma a inundar o nariz e a entrar para a garganta. Aguentou quase meio minuto sem respirar, mas um engasgamento irrefreável tomou conta do seu corpo. Conseguiu expelir alguma água, mas outra entrava e nenhum ar. Tossia água para fora e para dentro. Começou a estrebuchar violentamente. Uma angústia terrível assaltou-o. O coração ribombava. A morte devia ser aquilo. Lançou um último e desordenado pensamento para o seu jovem irmão que ficara no Paquistão.

— Quem é que te telefonou? — foi o som que se ordenou um pouco, depois de lhe tirarem o pano da cara. O coração batia freneticamente. Inspirou num urro, tossiu convulsivamente, sentiu o ar a queimar nos pulmões. — Quem, quem? — repetia a voz. Antes que lhe colocassem o pano de novo sobre a cara, Ahmid gritou:

— Allahu Akbar!

— Eu não disse? — afirmava-se o Moreira, segurando o pano ensopado sobre o rosto de Ahmid. — Dá-lhe mais!

— Pessoal, calma! Tínhamos combinado não exagerar — afligia-se o Neves.

Alguns sons sarcásticos dos colegas foram a primeira resposta.

— Ó Neves, estamos nisto juntos — ripostou o Martins. — Se não assumes as tuas responsabilidades, sai daqui. Cá estão os colegas para fazer o trabalho que o menino não quer fazer. Sem problema. Vai! Vai lá! Mas já sabes… Não fales disto a ninguém, ok? Ok?

Neves aceitou a sugestão ordenada e humilhante. Meteu-se no carro e foi para casa, profundamente deprimido. Sentia-se incompetente e desenraizado. Começava a questionar seriamente a sua vocação para agente secreto. Parecia ser uma questão de estômago.

http://vislumbresdamusa.blogspot.pt/

Joedyr Gonçalves Bellas

São Gonçalo/RJ

Noite De Natal

O meu filho no pé da árvore, diga-se de passagem, é bom explicar bem explicadinho, era uma árvore de Natal, ou seja, um galho grosso de goiabeira, enfiado numa lata com terra, bem ramificado em galhos mais finos. Finos e firmes. Devidamente enfeitados de bolas, sinos, papais-noéis, estrelas, anões e mais o que o menino ia pendurando com o que ele achasse pendurável.

Um super-herói.

Um carrinho.

A neve era um rolo de algodão branco todo gasto na árvore de natal para dar um toque de lareira, por onde Papai-Noel desceria para encher a casa de presente.

Não importa que o verão fosse de 40 graus.

Tradição é tradição e neste ano o Papai-Noel foi um primo que, derretendo de calor naquela roupa pesadona, entornou na cerveja, mas a rena e o trenó deixaram ele lá na casa da vovó.

Intacto.

Natal que se preza, só o da casa da vovó, com o povo todo reunido. Primos, tios, agregados, e a vovó castigando na rabanada, que alguém passava e falava: cuidado vovó, olha a diabetes. Quem deu rabanada pra vovó? Completava outro.

E a vovó nem aí.

Não era o tempo da diabetes, era o tempo de cada um leva um pratinho, leva o que pode e a mesa ia transbordando de pratos gostosos, de comida a balde, como meu pai costumava dizer.

Vinho era em garrafão e a bebedeira era santa.

O meu filho, no pé da árvore, ficava olhando os milhares de presentes, tentando adivinhar qual era o dele, o que ele iria ganhar esse ano dos tios.

Em casa, no dia seguinte, quando saíssemos da casa da vovó, a bicicleta dele já estava armada e, quando ele passasse pelo portão, a primeira coisa que ele veria era Pitucha, a cachorrinha levada, depois, na varanda dos fundos, na nossa árvore-de-natal, estaria lá a tal da bicicleta que ele sonhara o ano inteiro e enchera cartinhas e mais cartinhas com pedido de uma bicicleta com rodinha, olha, Papai-Noel, não vai esquecer a rodinha não.

E não esqueceu.

O meu filho cresceu, os filhos crescem e vão buscando o canto

deles, tentando conquistar o mundo, rindo, chorando, errando, acertando, enchendo a casa de netos, mas o Natal da minha casa nunca mais foi o mesmo.

Nunca mais teve árvore de galho de goiabeira, as mesas e as salas foram encurtando, alguns tios e os vovôs ficaram eternizados no álbum de família, os quintais foram acimentados, as lareiras, algum engraçadinho, estraga-prazer, disse que lareira é coisa de europeu e Natal é só pra gastar dinheiro.

Pode até ser.

Mas houve um Natal, uma noite de Natal, de nozes, coquinhos, avelãs, farofa com passas e banana, maionese de maçã ácida, bacalhau no azeite, rabanada, galinha assada, Jesus multiplicando o pão e acabando com a fome do mundo, o tradicional peru, que meu pai comprava na vizinha e matava de véspera, devidamente encachaçado, um leitãozinho assado no forno à lenha da padaria, arroz a la grega, e a minha avó, com a boca toda suja de canela e açúcar, dizendo, ah, meu neto, não podia ser Natal o ano inteiro na mesa de todos nesse mundão de meu Deus.

Pelo menos que haja arroz e feijão.

José Manuel Neves
Almada/Portugal

A Poesia

Umas frases com sentido
E a mesma terminação.
Contam um facto ocorrido,
Um lamento do coração.

Por vezes faz-nos pensar,
Em alguém que por nós passou.
Outras leva a recordar,
O sentimento que acabou.

Enaltece vidas belas,
E outras de enternecer.
Neste Mundo de querelas,
Faz a Esperança renascer.

Se nos morde o desalento,
Ou nos fere a solidão,
É ela que dá alimento,
À alma em turbilhão.

Frases que nascem no peito,
Quando manda a nostalgia,
Letras escritas a preceito,
Fazem acontecer a Poesia.

https://joseneves.tambemescrevo.com/

Juliana Moroni
Ibaté/SP

Consumida pela Existência

Entrou no corredor apressada, passos largos e ofegante como se estivesse atrasada para algum evento, que seria mais um em sua triste existência. Corredor escuro, as luzes haviam queimado e o síndico ainda não tinha providenciado a solução do problema. Pensava em cuidar dessa questão, mas também não tinha tempo suficiente para se dedicar a este contratempo. Tentava encontrar o buraco da fechadura da porta do seu apartamento tateando a chave pelo trinco da porta, até que se lembrou de usar a lanterna do celular. Conseguiu! Estava em casa. Acendeu as luzes. Que bom eram as luzes. Era uma sensação de alívio e segurança. Colocou a bolsa no sofá e foi até a cozinha. Pegou uma maçã e começou a comer, olhando pela janela da sala; a noite estava a cobrir toda a cidade. Encaminhou-se para a sacada do apartamento. O olhar se perdeu na imensidão da cidade e a sua vida foi tragada pela vaguidão dos seus pensamentos. A picada de uma formiga em sua mão, que estava encostada no batente da janela, trouxe-a de volta à sua condição de existência. Esfregou a mão, lavou com água que fluía continuamente da torneira da pia e aproveitou para lavar a louça do seu almoço. A louça tinha ficado à espera de um vácuo na correria habitual que demarcava a sua vida em relação à outras possibilidades perdidas, através de ações sistematicamente e minuciosamente planejadas e do tempo absurdamente cronometrado.

A água jorrava pela torneira, fluía, escorria pelas suas mãos, lavava os copos, pratos, talheres e a sua vida. Lavava os seus erros, a imagem que criara de si mesma, as suas *personas*, os seus desejos e as suas rejeições. A água lavava mais do que àquela louça, ela purgava a sua desesperança, os seus ressentimentos, as suas dores

causadas pelos arranjos tão planejados da sua existência mecânica e brutal. Aquela mesma água que lavava a louça, também purificava os seus medos e trazia verdade ao seu sorriso. De repente sentiu quando a faca cortou seu dedo levemente. Sangrava. Estava viva. Vermelho, extasiante, pungente. Deixava a água cair no corte enquanto olhava o sangue diminuir. Fechou a torneira e fez um pequeno curativo no dedo. Era como estancar o sangue das feridas reabertas ou multiplicar o número de chagas que a atormentavam todos os dias.

Pegou um copo de vinho e foi para a janela. Bebericou-o. Acendeu o cigarro, olhando por alguns segundos as luzes da cidade e, por fim, sentou-se na sua poltrona favorita. Tragava o seu destino e bebia a sua existência. Os olhos procuravam um sentido para uma vida erma, sorvida por contratos de aluguéis, apertos de mãos burocráticos e rostos ansiosos, satisfeitos ou descontentes, possuídos pelo que ela chamava de "instinto de lar". Bebeu mais um pouco de vinho e olhou para fora: céu estrelado, lembranças vagas de vidas longínquas, esquecidas nas ruas de cidades ligadas por um fio de memória inquebrantável e indissociável de suas divagações. Bebeu mais um gole de existência, tragou a verdade. A verdade que só ela conhecia de uma vida aparentemente tão perfeita, serena e comum. As aparências que acobertavam as suas frustrações e também açoitavam os seus desejos sinceros.

Enquanto tomava o vinho, pensava no significado de sua vida, nas consequências de suas escolhas, em tudo que fizera para rejeitar a intensidade de sua essência, tão enigmática para alguns e tão explícita para outros. Mas e para ela? O que ela via em si mesma? Como ela sentia a si mesma? Quanto tempo fazia que não colocava os pés na rua sem horário, sem compromisso? Quanto tempo que não sentia aquela liberdade que os filósofos e poetas discorriam em seus escritos e discursos? E aquela liberdade de senso comum? Por que nunca mais sentira essa liberdade? O que havia feito de sua vida? Eram tantas as perguntas que ela suspirou e tragou mais uma vez as suas desilusões e dúvidas numa noite de

questionamentos profundos, de especulações absurdas e de respostas genuínas. Nessa noite, o sangue que saiu do corte do seu dedo foi o gatilho que acionou as bombas de realidade que explodiram os muros que ela havia construído entre suas máscaras e sua essência. A intensidade dessa explosão lhe causou um estranho desconforto, uma necessidade de sentir o vento nos seus cabelos, o cheiro de chuva misturada ao cheiro de terra, de seguir por estradas sem rumo, sem horário marcado ou ponto de chegada. Essa intensidade que voltava a tomar conta do seu corpo trazia seus sonhos de volta, resgatava a si mesma, perdida nos gestos disfarçados e nos sorrisos forçados. Essa sensação de procurar a liberdade vinha de sua espontaneidade que tinha se perdido em abraços indiferentes e relacionamentos arranjados por medo da solidão.

Naquela noite em que seria somente mais uma entre tantas habituais, seu sangue vermelho-vida a resgatou da incoerência entre seus desejos e seus gestos, arraigados numa rotina insignificante e sem sentido. Naquela noite em que bebia a sua vida em pequenos goles e tragava seus sentimentos, ela foi consumida pela sua existência.

Blog: https://fragmentosilusoes.blogspot.com/

Kanauã Nharu

Canoas/RS

¿Amor?

É como se eu fosse um deserto, seco…
Escasso!

E o amor ele fosse uma gota de chuva que viesse para refrescar minha aridez,
e eu me hidrato com esse amor.

Mas como se não bastasse, essa gota se transforma em cascata,
e sacia minha sede, minha seca.
…

Mas quando eu percebo eu estou com água até os joelhos...
e isso é bom para quem está na seca não mesmo?

Então eu nado, porque ele já chegou até minha cintura.
Eu não vejo mais a planície, nem o chão, nem a seca...

Só vejo o amor.

E ele se transforma em um oceano e pela primeira vez me sinto livre...

Mas o mar ele as vezes é agitado e então eu me lembro que não sei nadar,
e então começo a me debater…

Mas o amor ele também é uma boia que é lançada pra me salvar do próprio amor
que às vezes é descontrolado…

Então eu respiro novamente…

Mas o amor também são pedras que foram amarradas a essa boia e que agora
me puxam para o fundo, o fundo desse amor incontrolável.

E agora eu não respiro mais, eu não me debato mais, eu não existo mais...

Você já viu alguém morrer de amor?

https://www.instagram.com/_kanaua_/

Karine Dias Oliveira
Nova Friburgo/ RJ

Emergir

Finda a noite em breu calado
Sobre tempestades invasivas
Que "*neblinam*" os rumores da vida.

Madrugada veste-se para o seu reinado
Bailando em sonhos profundos
Ou sobre mentes invariáveis.

Em teu silêncio... segue em prosas
Que piscam como rastros de estrelas inseguras
Que ousam em explorar universos contagiantes.

Pode ser que o sol não se esconda ao alvorecer
Pode ser que a chuva abrace e limpe almas...
Quem me dera... emergir dos anseios ao renascer!

L.S.DaniellyBass
Marília/SP

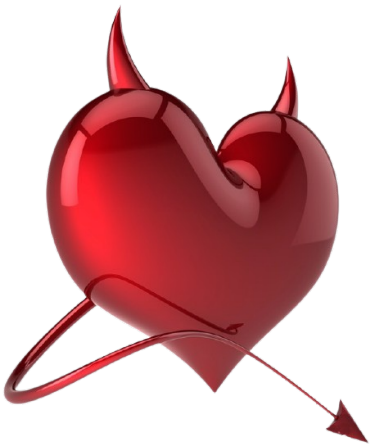
Sem-tempo

Costumo ser apressado,
Mas eu juro, eu quero ir devagar,
Devagar, eu quero ficar,
Ficar mais tempo ao seu lado.

Vou correr, mas devagar
Cada parte do seu corpo
Chegarei aos seus lábios
Lábios molhados.

Estava frio lá fora,
Mas aqui, aqui não,
Aqui é quente, você é quente
Molhada, gos(z)to tanto,

Tanto do seu corpo molhado,
Suado, extasiado, indo devagar,
Tudo passa tão rápido,
Já não sou mais apressado.



https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=222558

Leandro Emanuel Pereira
Matosinhos, Portugal

Foragida Coragem

Vá lá coragem;
Sai à rua de rompante;
Não fiques à margem;
Podes ser apanhada em flagrante...
Não te tornes foragida;
Da consciência humana;
Deixa que o instinto agrida;
A derrota profana...

Esta é a contemporaneidade;
Da agressão pela voz;
Onde a presença deixa saudade;
E a covardia fala por nós...

Temos mais do que somos;
A nossa alma é vazia;
Fomos mais do que somos;
Nada nos sacia...

Luciane Leal
Curitiba/PA

Distância...

Distância…

Na distância o que nos une é a oração, o fio de prata a ligação do ser e o divino…a sintonia de um sino a tocar e o despertar da alma em busca da paz.

Na distância podemos ouvir o som do silêncio ecoando no desejo do olhar, do correr, do abraçar, do sentir, do deixar, partir e voltar.

Na distância há solidão, saudade, esperança e a percepção do espaço do outro.

Na distância a alma agita, tira do lugar as lembranças e a saudade espia pela fresta do coração, o desejo de te ver.

Na distância, se aproxime devagarinho...

Luís Amorim

Oeiras, Portugal

O par festivo

Eles continuam em par na sua festa, bastando ler os diálogos junto às ilustrações, bebendo na vontade mais esfuziante que se possa imaginar enquanto nós, bem juntos feito príncipe e musa de inspiração até para o que se vê, observamos tudo na maior proximidade que nos é permitida. Eles bebem vinho tinto, o nosso é branco, o que nos protege de criativas em demasia observações, apesar de saber eu que aquele vistoso festim estará prestes a terminar. No entanto, ambos lamentamos que assim possa suceder, quase como estarmos na assistência de espectáculo onde noção exacta ao mau desfecho seja bem conhecida e nada se consiga fazer para mudar esse rumo dos acontecimentos. Parece que estamos de mãos atadas, quase obrigados por alguma força para além de nós, a ver sem poder intervir, quando a festa prossegue e nem pensar diferente eles estenderão no prolongar de festejos que poderiam antecipar o que bem sei, ainda que não partilhado. Os jogos continuam e com brincadeiras regadas é que não desandamos mesmo, tendo mais copos para serem cheios e saboreados ao som que só não ouvimos porque sempre tocamos nos vidros fechados. Mas como temos as ilustrações, percebemos na íntegra tudo o que acontece, lendo ainda os diálogos, quando já não sou apenas eu a deduzir pela conclusão no breve da festa, demasiado animada no tinto que até sentiria este muita estranheza se visse a nossa cor. Nada por falta, temos presentes connosco a partilhar e relembramos passado enquanto aquele par já antevê o futuro que aí virá, o tal que eu já antecipei no antes do primeiro copo. Faz-me pensar que se eles soubessem tanto como eu, teriam no certo agido por opção diferente, responsabilizando-se e muito a si próprios e entendendo o meu ponto de vista. E pela altura que dista, até me parece que sim, quando observados somos agora o par festivo, com tilintado branco vinho, na partilha também do entender tudo, quando musa já não dá atenção pelas ilustrações nem por nulos diálogos pois a festa deles acabou para dar lugar à nossa, remetendo por iniciativa oportuna, ao passado deles, o nosso maior presente.

Luisa Cisterna

Canadá

Onde está você, menino?

Onde está você, menino, que vive dentro de mim?

Saia daí e venha brincar comigo, me trazer a singela alegria de infância.

Quero correr por aí na chuva, chutando as poças enlameadas da rua de chão. Não tem problema se a unha levantar, se o pé machucar, quero mesmo correr e correr, dando gargalhadas, olhando para as nuvens carregadas, com a língua para fora pegando as gotas no ar.

Vem comigo, meu menino, sai daí do coração para ver os passarinhos saltar de galho em galho, cantando essas cantigas do rouxinol.

Na beira do riacho, vamos jogar pedrinhas nas marolas e espirrar gotículas no ar para fazer pequenos arco-íris. Quero só ver essas cores para lembrar que nem tudo é preto e branco.

Menino, corre e vem fazer um jogo-da-velha no chão. Pega aquele galho seco e faz os riscos; eu sou o círculo e você o X. Quem ganhar sobe árvore primeiro para pegar a melhor manga e se o vizinho sair atrás de nós, corremos feito loucos e pulamos na lagoa.

Vem logo, vamos andar de bicicleta. Não tem problema se ela não tem freio; a gente arrasta o pé no chão. Se você cair, te dou a mão. Levanta de novo e vamos descer a ladeira com o vento secando o suor do rosto vermelho.

Ô, menino, olha lá o trem passando. Vamos sentar na pedra e contar os vagões. Um, dois, tantos, tantos. Para onde o trem vai? Para algum lugar distante, encantado.

Que felicidade, menino, quando estou com você! Minha vida é muito complicada e preciso da sua alegria e amizade para me animar nessa caminhada tão pesada. Sai do seu esconderijo e vem me lembrar quem eu sou.

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

Ensaio

para Fernanda Young

Preparava volta aos palcos
para retratar intensa relação

Vivenciar criação artística
em tumultuado processo

com questões emocionais
íntimas e profissionais

Atritos seriam atirados
em caldeirão psicológico´

em cenas flagrando
tensão do encontro

à flor da pele sentir
o clima de romance

Desafio transformar
o conflito em arte

Diretora e atriz prestes
a rodar as filmagens

Ensaio em peça que sai
de cartaz sem a estreia

Sem começar o teatral ato
mas que terminou de fato

Entraria na peça Ainda Nada de Novo
mas tão Young saiu de cena da vida

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Manoel Alves Calixto
Santo André/SP

Nada Mais

Acordei de madrugada
pensando na jornada
realizada até aqui.
Até agora.
Atravessei rios, ruas e rotas que nunca tracei.
Mas foi assim que cheguei em algum lugar:
local que não estava marcado no mapa.
Não estava no mapa.
Um ponto distante de onde sonhei chegar e
terminar minha jornada.
Se eu aprendi alguma coisa?
Sim.
Agora eu sei porque os rios desaguam desiguais.
Por que?
O rio não pode voltar.
Eu também não posso voltar.
Por isso invado as margens dos acontecimentos e
estaciono no tempo e quando ganho força,
sigo derrubando tudo que ficou do meu passado.
Ficou para trás.
Deixa ficar.
Ficou.
Nada mais ficou.

Marcel Luiz
Contagem/MG

Sequência

na sequência da vida
existe um ponto
não o ver
abisma-me

para mim
não houve encontro - o ponto
se se pensarmos
nele como parte desta sequência

anos
cem vezes os mesmos anos
atribuídos a uma existência vã
sem o encontro

Marco Antonio Rodrigues

Niterói/RJ

Incessante batalha

A "madrugada" avança, silenciosa e gélida.
No horizonte, as fileiras do "dia" se formam iluminadas, prontas para atacar.
O céu sangra.
A "noite" bate em retirada.
Uma sinfonia de sabiás anuncia que o "dia" atacará com sua arma mais poderosa.
Catapulta do tempo municiada, disparo feito. Gigantesca bola de fogo lançada no ar.
O céu se ilumina.
O frio se dissipa.
A "noite" se refugia, fica entrincheira no hemisfério oposto.
O "dia" reina febril a medida em que a enorme esfera incandescente cruza o céu anil.
As horas seguem, um crepúsculo abóbora se forma na linha que costura céu e mar.
É hora da "noite" mostrar o seu poder bélico.
Trajando majestosa túnica negra ela sombreia um dos pontos cardeais.
A medida em que avança, dizima impiedosamente toda e qualquer luminosidade deixada pelo "dia", que recua.
A artilharia pesada que a serve inicia massivo bombardeio com miraculosos morteiros, que lançam seus projeteis para além da estratosfera e deixa o céu salpicado, apinhado de pontinhos brilhosos.
A catapulta do tempo se prepara para lança sobre o céu noturno a mítica pérola que influencia marés, que hospeda poderoso santo guerreiro, que transforma homens em feras e que seduz poetas.
A rainha "noite" tem impressas em sua gigantesca túnica negra, lua obesa e estrelas sem fim.
A "madrugada" segue, avista ao longínquo a "alvorada", fiel e atenta sentinela do "dia".
Pássaros iniciam gradativa e confusa cantoria.
Por detrás das distantes cordilheiras, o "dia" ergue lentamente uma de suas pálpebras…

Marcos Andrade
Lavagem/Trairi/CE

A arte de contar

Contar é escrever com a imaginação.

Contar histórias com Maria Toinha é brincar com o brilho das estrelas.

Nos entregamos ao sonho e ao devaneio.

Seguimos por veredas que jamais terminam.

Não há pernas que se cansem no sonho.

Os caminhos são estradas feitas na garupa das nuvens...

E a gente voa por elas com asas de menino vadio.

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Pouso Alegre/MG

Ana me convidou para ficar

Três recortes de revista
guardei no bolso.
Uma meta
escrevi no diário.
“Autocontrole”
anotei no espelho.

2 dias e 6 horas
um pouco tonta
um tanto leve.

Tiro do bolso os recortes
modelos de passarela
costelas expostas
beleza interposta
entre dedicação e ossos.
Anestésico da fome.

Não,
a meta não fugirá pelas gretas
do meu diário engastado.
Meu corpo orbita
meu eu em potencial.

Selei meus lábios.
Pela garganta ressecada
nada passa
a não ser que saia
do meu estômago.

Não quero ouvir conjecturas sobre
agruras, moléstias e transtornos.
Não cederei, não me emociono.
Tenho um pedido a cumprir (e vou):
A boa Ana me convidou para ficar.

Maria Clara Lima

Recife/PE

A troca

Eles se conheceram numa festa de réveillon. Ela era amiga de uma amiga de uma colega de trabalho dele. Nenhum dos dois estava curtindo o cover de Zeca Pagodinho. Numa mesa de canto, ele bebia o resto da cerveja de outra pessoa e ela tentava abafar o barulho com fones de ouvido.
Foi ele quem puxou conversa, reclamando da performance do cantor: muito caricatural.
— E o arranjo é uma droga — ela completou, mais alto que o necessário, quando percebeu que ele se dirigia a ela.
— Tu não gosta de pagode?
Ela arrumou a mecha de cabelo que tinha escapado do coque, preso com um lenço laranja no topo da cabeça.
— Eu gosto de new age.
Ele respondeu que achava bacana, mesmo sem saber que danado era new age. Não rolou um beijo depois da contagem regressiva, mas rolou uma troca de telefones e, na semana seguinte, um convite para dar uma olhada na coleção de discos dela. Ele viu muito mais do que os discos.

Mas só entendeu o verdadeiro sentido da afirmação de que ela gostava de new age no segundo encontro. Não é que ela curtia harpa, órgão, vozes etéreas e ruídos da natureza do jeito que pessoas normais curtem rock, pop ou mpb. Ela era incapaz de fazer qualquer coisa se não estivesse ouvindo Enya. Acordava, trabalhava, estudava, cozinhava, conversava, cagava, trepava com a mesma trilha sonora. Seguia a discografia completa na ordem de lançamento e, quando chegava ao final, voltava para o começo. Em casa, o estéreo da sala ficava ligado o tempo todo. Na rua, ela não tirava os fones de ouvido.
A mulher era inteligente, asseada, fazia um ótimo molho madeira além de um maravilhoso boquete, então ele decidiu que valia a pena desculpar a excentricidade dela. Ele também não tinha esquisitices? A mania de lamber a ponta do dedo para virar a página do jornal, o refluxo que o abrigava a abafar um arroto no almoço, a necessidade de mijar duas vezes antes de dormir para garantir que não acordaria de madrugada.
Eles se viam nas noites de sábado.
No vigésimo encontro, tamborilando o piano de If I could be where you are na coluna vertebral dele, ela disse que morria de saudade quando ele ia embora e sugeriu que morassem juntos. Sentindo-se amado, lisonjeado, ele fez as malas no dia seguinte.
E enlouqueceu em setenta e duas horas. Uma coisa era ouvir new age quando eles se encontravam apenas uma vez na semana, parecia até que estavam num filme, com a musiquinha sussurrada em segundo plano. Outra coisa era viver na

mesma vibração da namorada, sem nunca apertar o botão de pausa, abdicando totalmente do sossego. Ele não sabia que precisava de silêncio até ser privado dele.
Aguentou o máximo que pôde, mas explodiu no refrão de Caribbean Blue. Empurrou o mini-system com força de cima da mesa da sala. O modelo Panasonic recém-comprado fez um estrondo ao cair no chão. Ainda assim, a cantilena continuou a tocar até que ele arrancou o fio da tomada.
— Eu não quero mais ouvir essa porra de new age nessa casa — ele falou, quando ela apareceu no corredor.
— …
— Ouviu o que eu disse? Essa porra de new age tá me deixando maluco.
— Eu pensei que tu gostava de new age.
— Eu gosto — foi a resposta automática.
— Mas tu é obcecada.
— Não precisava quebrar o aparelho.
Ela se aproximou do mini-system e encaixou a tela que tinha soltado do alto-falante por causa da queda. Agachada, segurando o equipamento nos braços como se segura um bebê, ela concordou:
— Tá bem.
— Tá bem o quê?
— Vou parar de ouvir música quando tu estiver em casa. Tu nunca reclamou, eu pensei que tu não ligasse.
— É esquisito escutar esse troço o dia todo.
Ela cumpriu o que prometeu. Parou de ouvir música na frente dele. E nas costas também, com medo de chateá-lo. O relacionamento prosperou a partir daí. Casaram. Ele ficou orgulhoso por tê-la transformado numa pessoa mais normal. Ela, com o tempo, se acostumou a viver sem música: tinha perdido o new age, mas ganhado um marido e depois dois filhos adoráveis. Era até uma troca justa.

https://www.instagram.com/mariaclaralima1991/

Maria Pia Monda

Belo Horizonte/MG

31 de novembro

De vez em quando, a cor de um carro perfura a fixidez monocromática da desatenção, atrás da qual ela está entrincheirada; portanto, seu olhar gruda na placa e segue o rastro, até aquele carro se confundir com outros carros, até o ponto em que todos os carros, juntos, se tornam uma fila indistinta de metal brilhante e multicolorido, que se move com a cadência variável marcada pelos semáforos.

É a única forma de distração em que ela consegue se segurar para escapar de seu encolhimento.

Acredita, espera, que seja suficiente, quando consegue se concentrar, empurrar seu olhar o mais longe possível, para que, talvez, também sua angústia possa se afastar.

Um homem, há alguns minutos (ou já se passaram algumas horas?), perguntou-lhe se o 5104 passava por aí. Devia ter se sentido realmente perdido para perguntar para alguém que não mostrava nenhuma vontade de responder.

De fato, ela não respondeu. Fingiu ser surda, cega. Não que isso lhe custe tanto esforço. Mesmo que seus olhos e ouvidos não tenham problemas, às vezes ela tem a sensação de que eles não funcionam, de que são inúteis.

Como agora.

Ela simplesmente encara, atordoada, o tráfego.

Muitos ônibus passaram, mas ela não pegou ninguém.O que para outros é um ponto de partida, para ela não é nem mesmo um ponto de chegada.

É um anteparo, um refúgio temporário e barulhento, um lugar onde ela decidiu parar, não por uma escolha precisa, mas apenas por exaustão.

Ela viu aquele banco de longe, o alcançou e sentou-se.

E agora lá está ela, sentada, imóvel, naquele abrigo suburbano, meditando sobre quanto tempo ainda vai demorar para que o banco pare de lhe parecer tão frio.

Provavelmente, é ela quem não emite, nem admite calor nenhum.

Imagina-se e percebe-se como um complemento urbano, uma estátua, mas sem graça, perfeitamente anônima, daquelas tão insignificantes que, mesmo que você passe por ela diariamente, várias vezes por dia, nunca consegue notá-la. E não importa quem a fez, o que ela representa, por que a colocaram lá. Ninguém quer saber, ninguém se pergunta. Afinal, nem tudo necessariamente tem um sentido, um

significado, uma importância. E pode ser que seja esse o problema dela. Amplificar o valor dos detalhes; sofrer pela incapacidade de explicar tudo; sentir-se inepta em buscar, sem poder encontrar, a razão pela qual o nada e o tudo, tão desesperadamente diferentes, existem, subsistem e persistem apesar de seus esforços para negá-los.

Que motivo ela tem, por exemplo, para estar ali, nesse dia, nessa hora, fazendo e não fazendo nada que aparentemente tenha um propósito?

Outras pessoas passam na frente dela. Ela as sente, mas mal se deixa tocar pela indiferença, às vezes pela curiosidade, em geral, pelo frio que lhe transmitem.

Outras pessoas param para pedir-lhe informações que, no entanto, ela não sabe dar. Na verdade, ela tem certeza de que, mesmo se tivesse as respostas, não as daria. Não por maldade, mas por egoísmo.

O que ela possui lhe parece ser tão pouco que, mesmo que não prestasse para nada, mesmo que fosse apenas uma resposta, ela não gostaria de se privar.

Então, ela fica calada e respira. Faz somente isso. Inala, exala, se rende, se força.

Até que um garoto tem a audácia de sentar-se ao lado dela e perguntar- Você também está esperando pelo 3111?

Não. Ela está esperando apenas por si mesma. Espera há tanto tempo que, mesmo que nunca tivesse a força ou a coragem para encontrar-se, ficaria contente com o mero prazer de esperar-se. E não importa se, na maioria das vezes, não é um prazer, mas apenas uma tortura. O que importa é que ela nunca se canse de esperar.

Obviamente, ela não diz nada disso ao garoto. Deixa esses pensamentos florescerem e murcharem no silêncio de sua mente.

Mas ele pergunta novamente. — Você também está esperando pelo trinta e um onze?

E desta vez, algo consegue arranhar a parede de sua indiferença.

O número ecoa dentro dela, gerando uma associação bizarra, um raciocínio precário, mas que pode lhe oferecer uma possibilidade de agarramento.

3111.

Como o 31/11, como o trinta e um de novembro. Como uma data inexistente, um dia absurdo que, se chegasse a chegar, poderia ser o dia em que ela conseguiria se encontrar.

No entanto, o garoto, impaciente com a indolência dela, levanta-se e murmura— Esqueça... Aí vem ele.

Depois, ele se aproxima da beira da calçada e faz sinal para o ônibus parar.

Ela continua sentada, não se mexe, não diz nada, mas um sorriso leve agora agita seus lábios.

Todos esperam por algo. Todos precisam esperar.

Alguns por um ônibus, outros por coisas mais difíceis e, às vezes, impossíveis de alcançar.

Maria Toinha
Lavagem/Trairi/CE

Marina Alexiou
São Paulo/SP

Trilhas

A chuva escorre num cântico
Ondas batem placidamente em desenfreado comboio.
Enquanto pedras vão sendo limadas num turbilhão
E se transformam nas folhas que caem,
Amarelecidas pelos outonos
Em alamedas entristecidas, para aqueles que nunca as saberão.
O vento na tempestade chama
A paisagem de intensas cores, que surgirá
Numa primavera que espera pelo frescor nos pés,
A pisar o liso caminho desgastado em suas arestas
Dos tempos de ardor...
O coração adivinha que os tempos chegaram
Para as palavras que se transformarão em preces em máxima quietude.
Portanto, aguarda, pois não há mais pressa em se adivinhar o futuro
Porque sabe que isso nunca existiu, para além dos devaneios comuns.
O perdão das estações se faz presente
E, assim, mescla a sua mensagem com os sonhos sonhados em vigília
Por longo tempo...
A trilha surge em meio a novos quadros, já nítidos.
E o viajante segue... uma vez mais,
Pela última vez.
Agora feliz…

https:www.linkedin.com/in/marinaalexiou

Mario Loff

Tarrafal – Cabo Verde

Amar em silêncio até as rugas do coração

já não me lembro das coisas já gastas, sempre foste desesperadamente boa nos alfabetos. alias, boa como o mundo debaixo da tua costa. aguentavas os filhos pelo corpo inteiro, mesmo dando de comer pelo resto dos braços. lua mora grávida na tua cara, observavas os dias sem poemas ruins. os teus olhos já idosos são um verso só. ainda observas as fotos que um dia ti tiraram. quando sorrias dos meus elogios em silêncio. já me zanguei muito sem raiva. eu mesmo me tornei metáfora sem raiva, só tenho essa cara feia, talvez ainda falte o seu amor sem aviso prévio. por agora só me interessa a tua foto, quando bebíamos super bock no tempo que eramos uma só boca, agora há um viros invisível e as nossas estórias nos condenam. te chamava de menina graciosa e, você era a baby. ainda que hoje conservar-se rocha, eterno silencio. não fui eu é que cansei de ti. as vezes a distância relata o cansaço das palavras que gastamos até naqueles antigos beijos. apartamos os beijos e as palavras. a podridão dos lábios são incertezas, orgulho e a morte anunciada. as vezes o próprio tempo cansa com nós mesmos. vê as nossas peles tristes! as nossas antigas tristezas são saudades felizes, rugas e almas em fuga.

Marvyn Castilho
Arraial do Cabo/RJ

Vítimas

Vítimas todos somos?
Da existência sem alento,
Da famigerada saudade e seu tormento,
Do epílogo dos nossos sonhos.

Vítimas todos somos?
Do crepúsculo do feminicídio,
Do atroz e funesto infanticídio,
Da nefasta escravidão dos negros.

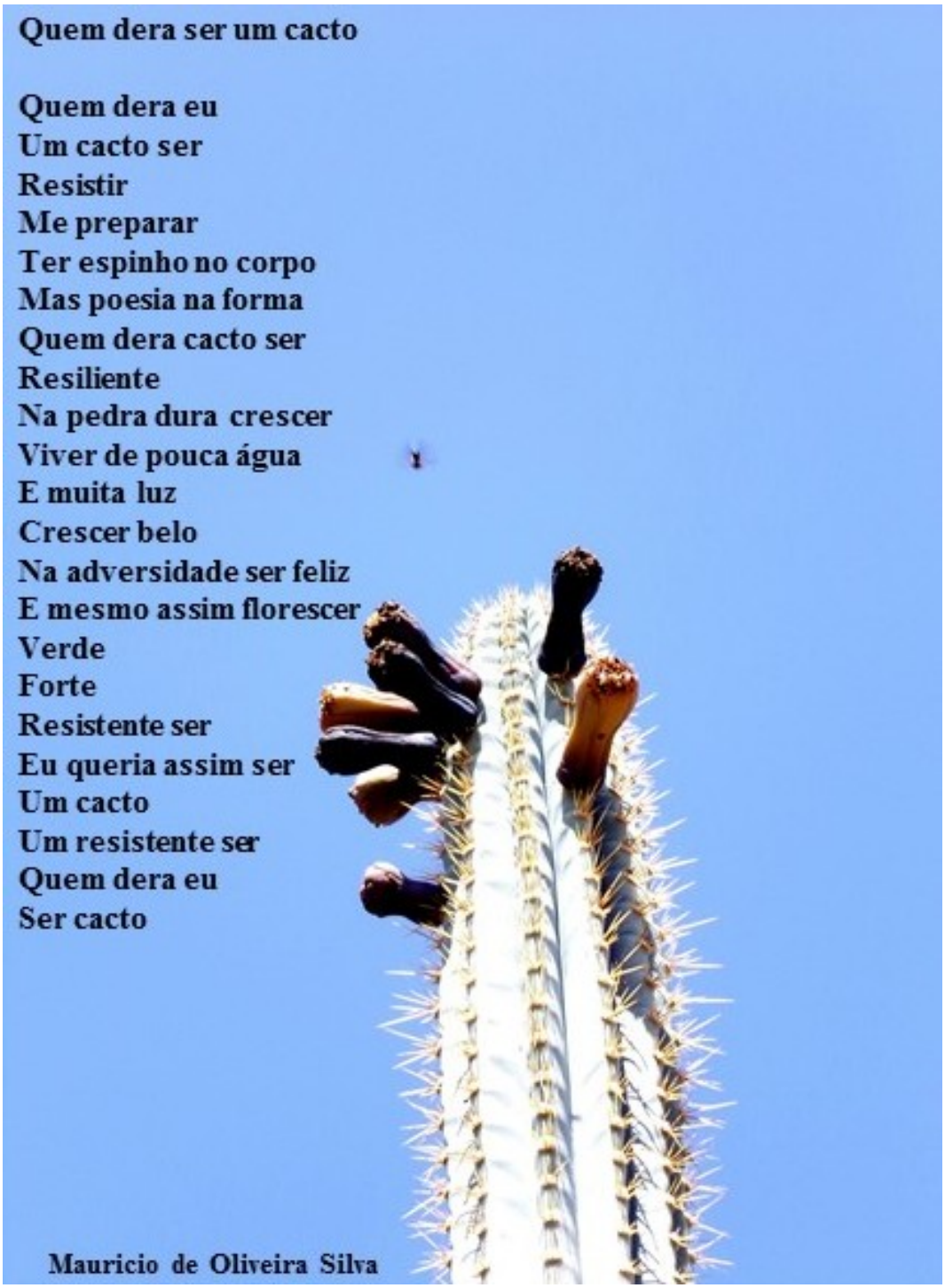
Da polícia e sua miríade de coação,
Da agressão sem razão,
Que oblitera o encetar da reflexão.

Vítimas todos somos?
Da asco e pueril prostituição,
Do nosso lucífugo silêncio, velado em lassidão.

Em X de novembro de MMXX. E. V.
Dies martis.

https://www.facebook.com/marvyn.castilho

Mauricio de Oliveira Silva
Vitória da Conquista/BA



Michell Ribeiro Sobral

Barreiras/BA

A morte de Alexandre, o Grande (323 a.C.)

Um dia eu comecei a sonhar
Alexandria em todo lugar
A Macedônia eu disse adeus
Queria ser como um semideus
Conquistei terras distantes
Mas agora estou impotente
A destruição do meu corpo é iminente
Outrossim do meu ser pensante
A catástrofe torna-se ressurgente

Do cataclisma beligerante
Do fulgor conflitante
Do desamor abundante
Do vastíssimo retumbante
Do sofrimento ardente

Da imensidão aparente
Da solidão perfurante
Da maldade latente
Da culpa evidente
Da morte dissonante

Uma vez a sorrir
Uma vez a temer
Uma vez a sonhar
Uma vez a perecer

Como penumbra que chega
Como escuridão que vejo
Como o medo que espreita
Como o tempo que estreita

Surgem ventos vazios
Pálidos ludíbrios
Velhos e sombrios
Gélidos inglórios
Temporários transitórios
Desventurando vários
Corações expiatórios

Na vida que vai
Na vez que se foi
Na dor emergida
Na flor ressequida
Na alegria decaída
Na bonança perdida
Na amizade ferida
Na paixão iludida
Na razão desprovida
Na força atrevida
Na luta aguerrida

Uma luz a seguir
Uma esperança a brilhar
Uma paz a sentir
Uma vitória a lembrar
Uma tristeza a surgir
Uma extinção agradar
Uma brisa a consumar
Uma existência findar
Uma despedida a realizar

Vou para os bravos
Vou para os meus
Vou para os eternos
Voo para os céus!

https://www.instagram.com/prof.michellsobral?r=nametag

Nazareth Ferrari

Taubaté/SP

Nercy Grabellos
Rio de Janeiro/RJ

Violência Urbana

Esse não é tema para poesia
Contudo o sentimento de horror
Com a violência, leva-me a ousadia,
De falar desses momentos de dor.

O ônibus queimando na avenida
E os tiros na via expressa,
Motoristas temendo pela vida,
Assustados e esquecidos da pressa.

A criança vítima de bala perdida,
As pessoas fugindo do bandido.
O pavor de todos na avenida
Com toda confusão e alarido.

Quando vemos tantas lágrimas,
Nos olhos da população
Que receiam amanhã serem as vítimas
Desta terrível situação.

Vamos às ruas por necessidade,
Arriscando a vida para sair.
Existem demandas para dar continuidade,
A vida segue agitada e temos que agir.

Quero a paz nesta cidade,
Estão comprometendo a infraestrutura,
Tanta falta de humanidade.
Estamos assustados nesta altura.

Nos assaltos cresce a nossa indignação,
Com o sofrimento não ficamos parados,
Esperançosos que desta situação
Sejamos logo liberados.

Oriana Tosini

São Paulo/SP

Pensão Canina

— Aconteceu agorinha, mês passado. - disse o porteiro a Dona Etelvina, a senhorinha aposentada que vivia num dos apartamentos do edifício. - Eles se separam e o Sr. Rodrigo levou a cachorrinha escondida. Agora o caso está na Justiça.

— Mas Seu Ezequiel, que barbaridade! Aquela moça amava a cachorrinha como se fosse um filho! Deve estar desolada a coitadinha!

— Está mesmo Dona Etelvina. Nem sai de casa, passa os dias chorando pela cachorra que o ex-marido levou.

Virou a fofoca do mês, abastecendo de assunto os desocupados e matreiros do Edifício São Leopoldo na Vila Mariana. Ora, não se trata apenas do roubo da cachorrinha, desde o início o surgimento da criatura foi meio esquisito, ao menos para a população mais idosa dali, aqueles que nasceram numa época em que as pessoas tinhas filhos das próprias entranhas ou adotavam outros nascidos de mulher se fosse o caso.

Resumindo bem, para os velhinhos do Edifício São Leopoldo, era tudo muito estranho. Antes as pessoas criavam pessoas, e ultimamente casos como esse da cachorrinha se multiplicavam, ou seja, de gente tendo diversos tipos de filho, não necessariamente gente, e filhos que se tornavam outra coisa que não gente. Havia também a classe de criaturas que jamais saia da casa dos pais, como aqueles herdeiros de antigamente que viviam das terras, a aristocracia latifundiária rural? Agora temos a aristocracia blogária digital, pois muitos deles são blogueiros, vivem com os pais até a mais avançada das idades, mas isso quando são gente. Temos os casos dos filhos que vivem numa aristocracia canina, felina, botânica, e a lista continua. Não é gente que tem cachorro entende? Estou falando de gente que tem filhos e por acaso também é um cachorro, um gato, uma planta, um pokemón.

Os dois se mudaram para o edifício logo após o matrimônio, reluzentes de esperança e iludidos por expectativas irreais, inocentes de que as discussões sobre o seriado de TV pudessem ser um entrave insuperáveis para a vida a dois. Conheceram-se através de relacionamentos em comum e depois de muitos anos engataram um romance morno, insosso, mas cheio de objetivos em comum, afinidades banais, respeito mútuo e daí

amavam-se fluídos e excreções carnais a cada lua cheia por insistência da moça.

Depois de dois anos, Heloísa decidiu que queria ser mãe. Estava resoluta, discutia com o marido horas a exaustão exigindo um rebento, e aparentemente chegaram a um acordo. Numa tarde de domingo o casal entrou no estacionamento do prédio com o carro abarrotado de itens para bebê. Via-se um berço desmontável, um carrinho importado, de um modelo caríssimo que quase não se vê no Brasil. Caixas e caixas de roupinhas, fraldas, brinquedinhos e alguns outros itens um pouco inusitados eram descarregados do automóvel, chamando a atenção dos condôminos. Os comentários eram os mesmos: Cadê a barriga da moça? Será que adotariam uma criança? Aparentemente não estava grávida, e nada do bebê aparecer.

Um belo dia entraram no prédio com um pacotinho emaranhado de cobertas, feito protetores antibomba, e ninguém pôde espiar o pequeno. Na outra semana o casal passeava com o carrinho pelas calçadas do bairro e então foram abordados por Dona Etelvina.

— Meus queridos! Fiquei sabendo que adotaram esse pequeno! Meus parabéns! Como se chama? É menino ou menina?

Imediatamente Heloísa pregou um sorriso imperioso e abriu o cobertor que revelando a pequena criatura e respondeu na sequência.

— É uma menina: Mel. Tem quatro semanas de vida, ainda está aprendendo andar, abriu os olhos há pouco tempo. Essa semana começou a comer ração.

A cachorrinha se mexeu, gemendo baixinho e Dona Etelvina sorriu acanhada, esforçando-se para empenhar um contentamento a sua decepção, arrebatada por um estranhamento indisfarçável, ela que nunca tinha visto um bebê cachorro, e se perguntava o que havia mudado de sua época, se os cachorros se tornaram muito humanos ou os humanos que estavam muito cachorros, ou se era ela que estava inadequada a esse mundo por não poder responder aquela pergunta.

— Ora, então se trata de uma cachorrinha... mas que bacana, bacana... espero que sejam muito felizes com ela.

O rapaz talvez ainda conseguisse manter a percepção que a pequenina criatura não era exatamente descendente do homo sapiens, mas Heloísa não tinha dúvidas: a cadelinha era sua filha legítima. Tinha uma suíte decorada só para ela, roupas feitas sob medida por uma costureira do bairro, frequentava os melhores restaurantes, recebia aulas de adestramento e de yoga para cães, ganhava festas de aniversário de seus meses de vida, e a lista continua. Houve um período que Heloísa considerou a filha um pouco melancólica e não pestanejou em pagar caríssimas sessões de terapia ocupacional canina. Como era de se

esperar, a bichinha desfrutava de redes sociais muito efervescentes. Heloísa fazia questão de manter as postagens sempre atualizadas com fotos das atividades da pequena e ultimamente seus seguidores se multiplicavam exponencialmente, de forma que a moça lançou a filha enquanto blogueira, dando dicas de moda, atividades e beleza do mundo canino.

Veio então a notícia que o jovem casal estaria se divorciando. Numa madrugada, revoltado com a esposa, o rapaz fugiu levando Mel e Heloísa entrou em desespero. Foi a Justiça reaver a guarda da cachorrinha e iniciou-se uma longa batalha judicial. De um lado, ela argumentava que o rapaz nunca fora um pai presente na vida de Mel, ele por sua vez alegava que a moça mimava muito a cadelinha, o que poderia prejudicar o futuro da criatura, além de ser emocionalmente instável e inapta para criá-la.

Depois de alguns meses, e várias recorrências por parte do rapaz, finalmente a guarda da cachorra ficou com Heloísa. Mas ainda não foi o fim. A moça entrou com novo processo exigindo pensão alimentícia da cachorra, que afinal gerava despesas na casa dos milhares de reais e Rodrigo pagou as pensões durante treze anos até a morte da cadela.

Rodrigo casou-se novamente com uma jovem enfermeira e depois de ponderarem muito, finalmente o casal decidiu ter um filho. Naquele mesmo ano compraram um vaso de samambaia e a batizaram de Júlia. Após completar três aninhos a samambaia ganhou um irmão: Leonardo, um lindo vasinho de manjericão. Mas esse infelizmente teve um fim trágico, morreu poucos meses depois, num domingo, triturado no molho pesto da macarronada.

Ovidiu-Marius Bocsa

Romênia

Uma garota Raskollnikov

Ela queria saber se
existe em uma certa arte,
uma versão masculina de Karenina;
Ele disse que havia, é claro,
em uma dança de estrelas de Maugham.

Ela queria matá-lo
usando seu próprio lenço,
como prova de quanto
ela não o ama:
com amor metafísico.

Ele tocou seus seios
e se voltou para seus pampas
do simples gaúcho de nuvens,
seguindo seus velhos condores:
em temporadas loiras perigosas.

Recitando a estrofe interna
com cheiro de café amargo,
como no Cruz e Sousa`s
"tristezas de outros espacos"
mantido no bolso do coração.

Paulo Cezar Tórtora
Rio de Janeiro/RJ

Segredos

Nossos segredos, num cofre guardados,
São nossos sonhos, ocultos assim...
Hão de ficar sempre ali, bem trancados,
Bem escondidos, até nosso fim.

E essa vontade de, a cada segundo,
Um riso louco que, arrebatador,
A explodir forte, anuncie a esse mundo
A intensidade desse nosso amor...

Essa vontade há de ser sufocada,
O sentimento disfarçado em nada
Como se fosse paixão passageira,

Nossos segredos, sonhos confinados,
Tem seus destinos de há muito traçados:
— Serem sonhados pela vida inteira!...

Paulo Luís Ferreira

São Bernardo do Campo/SP

Mistério: Assassino, de quem Morreu?

Como se percebe, pelo título, o mistério deste enigmático crime não é o criminoso, mas a vítima. Afinal quem enfim morreu nessa extraordinária trama?... Embora valha ressaltar: não se martirize por isso, pois a história é feita de gente morta e o futuro de gente que vai morrer.

E é isso o que iremos investigar em todas as suas minúcias, pois como bem dizem, todo bom enredo de mistérios e suspenses se começam pelos preceitos morais e éticos dos suspeitos, comecemos então, pelo princípio de, quem de fato morreu?

Eu precisava passar um fim de semana na casa de minha mãe. Já estavam insuportáveis as cobranças. Se bem que estava mesmo devendo, pois há bem pouco tempo eu não passava mais do que um fim de semana sim, outro não, sem visitá-la. No mínimo ia aos domingos para almoçar. Mas naqueles últimos seis meses a coisa ficara difícil. E tudo por causa da Luzia. Luzia chegava ao meu apartamento logo as sextas-feiras à noite. Saia do trabalho e fazia ponte direta. Era um grude. E só voltava na segunda pela manhã. Isso

porque eu a deixava bem na frente da agência onde ela era articulista de criação. — função que, cá comigo, não sabia nem do que se tratava —. O fato é que Luzia estava tomando todo o meu tempo dos fins de semana. Era teatro, restaurante e cama na sexta. Cama no sábado o dia inteiro; à noite cinema ou um show de rock, restaurante e cama. No domingo, cama até às dez horas com breakfast e jornal na bandeja, almocinho caseiro, mais cama, e à tarde vernissage; na volta, pizza e cama. Não necessariamente nessa ordem. Muito embora, a cama estivesse em qualquer uma das ordens. E quando eu falo cama, subentenda-se sexo, sexo e mais sexo. E quando falo sexo, falo de sexo vigoroso, forte! De frente, de lado, de bruço, de pé, de falo, língua e dedos. Dedos dos pés e das mãos; orelha, lóbulo, nuca, joelhos e profundezas das entranhas. Luzia era o tipo da garota três gês, ou seja, – garota/gata/gostosa –. Acrescentando-se ao rótulo o adjetivo "assanhada" com direito a todas às acepções da palavra.

Pois bem, foi neste entretempo que eu fui me esquecendo de mamãe. E sem nenhum propósito. Apenas a tal ocupação descrita acima, o conúbio com a citada dama. Quando dei por mim estava devendo quase seis meses de fidelidade filial. E por que não dizer, saudade maternal. A roupa que minha mãe tanto esperava para que eu levasse para ela lavar nos fins de semana já havia virado uma baita conta na lavanderia. E Luzia consumindo meu ser e meu corpo. Coitado de mim, pobre indigente do sexo!... Estava um trapo, ultimamente vivia em frangalhos.

Nos últimos dias mamãe não parava de me azucrinar o juízo. Ora por telefone, ora por telegrama fonado. – e-mail, nem pensar. Computador para ela era o demônio em forma de máquina –. Por fim, em um sábado, tomou coragem e bateu em minha porta. Na exata hora em que eu e a Luzia estávamos no bem bom. – bem bom pra ela, pra mim um suplício –. Tocou a campainha tantas quantas vezes eu nem sei. Até que, mesmo exaurido e extenuado do sexo selvagem de Luzia, criei coragem arranjei forças buscadas não sei de onde. – acredito que à base de pensamento positivo –, e aproveitando o ensejo para me livrar daquele leito eletrificado e da companhia inebriante, devastadora e insaciável chamado Luzia. Levantei-me e caminhei cambaleante até o olho mágico da porta. A surpresa não foi pouca, quando com a nesga do olho espremido contra o outro, o da porta, vi aquela carantonha do tamanho do mundo; na ponta da venta uma verruga com dois cabelos formando uma antena. Era a cara cheia de indignação de minha mãe. Mais que depressa olhei para Luzia e insinuei que ela se fizesse de dormindo embaixo dos lençóis. Abri a porta. E num espalhafato de falso entusiasmo abracei-a e gritei... Mamãe!... Mamãe! – não, primeiro gritei depois abracei –. O que foi

motivo de galhofa por parte de Luzia umas horas depois na cama, quando me disse cochichando ao meu ouvido; lambendo e mordendo o lóbulo de minha orelha, nunca ter visto coisa tão hipócrita quanto aquela minha efusiva e falsa manifestação emocional, não mais que racional. Comentários à parte, mamãe viera me relatar uns acontecimentos nos últimos dias em sua casa.

Tratava-se de umas pisadelas no telhado da casa durante a noite. Motivo que a deixava assustada. Eram pisadelas fortes, rangiam como porão de navio preste a naufragar. Parecia que ia rachar o telhado a qualquer instante. Em outros momentos eram um som surdo como patadas fofas de urso. Falava mamãe dramaticamente horrorizada; e acrescentava: precisava urgentemente que eu fosse passar uns dias em sua casa para descobrir aquele mistério. Em sua opinião: – dava outra versão dos fatos, agora cheia de sentimentalismo –, só podia ser bandidos, ou no mínimo, algum homem interessado em sua pessoa. Aproveitando de ser ela, uma senhora desprovida de guarda, de proteção. Pois estava esquecida pelo único e desalmado filho. Um ingrato. Mas não havia de ser nada. Deus haveria de lhe prover forças para suportar tanta injúria, e enfrentar com altivez tamanha coisa assustadora. O que lhe preocupavam eram os nervos, pois estavam num estado deplorável. Por qualquer motivo entrava em pânico, chorava à toa. Já não era a mesma mulher de quando o filho morava com ela. O que ela pedia mesmo – intimava –, era que eu fosse ficar uns dias com ela. Mais tarde, na cozinha, quando fazia uma sopa de ossobuco com tutano e legumes, pois estava me achando meio anêmico, amarelo opaco como uma papoula murcha. E acrescentou: onde já se viu! Um filho abandonar a mãe por uma lambisgóia dessas!... – ainda bem que a Luzia não estava por perto, senão a coisa ia ficar vermelha. Pois quando pisam nas patas de uma gata como a Luzia, sem querer ela faz leão morrer de cócegas só balançando o rabo em seu focinho.

Só com muito tato consegui apaziguar os ânimos de mamãe e fiz com que Luzia batesse um papo ameno com ela. Depois de um longo monólogo da mamãe e algumas vírgulas de Luzia, mamãe concordou que Luzia poderia ficar comigo em sua casa. – desde que dormíssemos separados, Luzia no quarto dos fundos e eu no sofá. – Claro que concordamos; pois o que é a noite!, se não o manto do profano e o acalanto da luxúria, bálsamo para o espírito e consolo da triste carne! Porém, também ditei minha cláusula: que a nossa permanência seria só para elucidar e resolver o imbróglio. Marcamos para o outro final de semana.

Assim concordado assim feito. No final da semana seguinte fomos nós, eu e a Luzia, de mala e cuia para a casa de mamãe. Do portão, já avistamos mamãe no umbral da porta

de faca peixeira atravessada na boca, em estado bélico, a nos esperar. Das narinas, dois vulcões soltavam tufos de fumaça; das orelhas de abano o ouvido trinavam apitos de trem fantasma; os olhos fumegavam labaredas de fogo em direção à minissaia de Luzia e suas roliças e belas coxas de pelinhos dourados; seu rosto era só luz, de menina extasiada com as cores do jardim, a pulular como mais uma borboleta a cheirar uma por uma as flores: margaridas, rosas, copos-de-leite, jasmins, hortênsias, orquídeas... Uma menina tonta cheia de graça e airosa elegância.

— Teria sido uma fada a semear tão encantador jardim?...

— Não, foi a mamãe mesmo quem as plantou. – perguntou Luzia, respondi eu.

Como todo e sempre mamãe estava de mau humor. Por mais nítido esforço que fizesse para se mostrar agradável, era flagrante seu estado de sem sal e sem açúcar. E para isso Luzia era craque. Fazia que não era com ela. Monta e desmonta a cozinha, arria as panelas dos armários para fazer pipoca. Põe CDs no som, – os dela, que trouxe – dança, canta. Mamãe resmunga uma coisa, Ela se faz entender com outra incongruência qualquer e uma risada. E acrescenta:

— A senhora é muito engraçada!, gostaria que minha mãe fosse como a senhora.

Mamãe por sua vez desembucha com toda empáfia que Deus lhe deu um muxoxo:

— Te esconjuro!... – e fez com o polegar direito três cruzes: uma na testa, outra na boca, a última no peito. E para persignar-se por completo, completou:

— Vade retro!... Livrai-me Deus, meu Senhor, de tamanha blasfêmia. Amém!

O sábado se foi, chegou a noite. Luzia aproveitou para desarrumar mais um pouco a cozinha fazendo uns petiscos para acompanhar os filmes que havíamos alugado, os quais seriam regados a vinho enquanto assistíssemos. Lá pelas tantas a mamãe se pronunciou mais uma vez com seu péssimo humor.

— Vocês vieram aqui para vigiar a casa ou fazer festa? Desse jeito não vai aparecer ninguém!

— Ah, a senhora quer que apareça alguém, hã!... – eu disse.

— Eu quero que você dê um fim nisso. – respondeu ela ainda mais raivosa.

Fomos dormir. Luzia no quarto dos fundos e eu no sofá. Tudo como fora ditado pela eminência, sua senhoria, minha progenitora. Para em seguida ser desditado por nós, segundo um bem bolado que armamos para o meio da noite logo após os primeiros roncos da velha senhora. Lá fora a noite estava gélida e fustigada pelos ventos.

Logo que os uivos da noite se fizeram ouvir através dos ventos soturnos nosso enrosco no sofá ressoou gemidos abafados. No

telhado dava-se início o desvendar do esfíngico mistério.

Depressa nos desplugamos e nos posicionamos em nossos respectivos postos. Ouvimos com grande atenção passo a passo os ruídos vindos de sobre o telhado. Eu e Luzia de vassoura e rodo nas mãos, trepados em cima de cadeiras cutucando as telhas de baixo para cima, dando início a um bulício genérico numa desesperada correria por parte do famigerado "delinquente". O suficiente para acabar com os roncos da mamãe. Que, sem tino, corria de um lado para o outro dentro do quarto, ensandecida. Paramos. Demos um tempo a nossa primeira sessão de massacre. No entanto, lá em cima, algo se debatia em pavorosa agitação. O que seria aquilo? Seria bicho? Assombração? Ou, segundo mamãe, alguém interessado nela?

O pior de tudo isso foi quando a coisa acalmou e quietou-se, entra mamãe em extrema ansiedade a acender as luzes da sala e num misto de constrangimento, consternação e estupefação, sem contar a contenção para não abrirmos uma escandalosa gargalhada pela pura cena de nonsense em que eu e a Luzia exibíamos para a mamãe. Pois, estávamos pelados, de vassoura e rodo nas mãos em cima das cadeiras, estáticos e nus como manequins em sótão de loja. Mamãe, mumificada, paralisada; com os olhos esbugalhados, dura e fria como estátua de cemitério. Todo seu pudor fora afetado, desmoronara, queimara-se diante nossa indecência. No ímpeto, o primeiro impulso foi taparmos nossas genitálias com a vassoura e o rodo. Inútil, ficamos mais ridículos ainda. De tanto aperreamento deixamos a postura de manequins e passamos a fazer mil piruetas numa estapafúrdia coreografia como se estivéssemos dançando o samba do crioulo doido, na tentativa de ora esconder a bunda, ora esconder o pau, eu; Luzia, os peitos e a xana. Em meio a esse estardalhaço mamãe correu para a cozinha em estado de choque.

Quanto a nós, nos vestimos e fomos para fora da casa verificar in loco o desmascaramento do estrupício. Tudo quedado e tranquilo, só o farfalhar das folhas de uma ameixeira soava no quintal quebrando a paz da serena madrugada.

Lá dentro da casa, o soluço escandaloso de mamãe quebrava o encanto da noite dando um ar fantasmagórico ao misterioso clima de terror de filme de terceira categoria. Só faltava cair um nariz, uma orelha ou uma mão do telhado. Mas não, tudo acalmara mesmo, restava voltar para dentro de casa, arrumar uma boa desculpa para tentar consolar a mamãe, dormir e esperar o domingo acordar e verificar o real acontecido.

Entrei na casa com falta de ar e esbaforido, como se estivesse, como Hércules, acabado de realizar um de seus doze trabalhos. Ou mesmo a cara do Davi após a vitória sobre Golias. No mínimo, com cara de espanador quando acaba de tirar o pó dos móveis, saciado. E, como um

furacão, passei pela sala direto para a cozinha, e falei em bom tom:

— Pronto... Tudo acabado! Acabou-se o mistério, o estorvo se mandou. Mamãe tentou com a fala balbuciada, entrecortada por soluços de um falso choro, perguntar:

— O que foi?... O que era?... (soluço)

— Isso eu não sei mamãe, o que sei é que o bicho ou qualquer que tenha sido a coisa escafedeu-se... Sumiu.

— Eu não acredito!... (soluço) Não acredito!... (soluço) Quero só ver amanhã... (soluço) Preciso ver pelo menos o rastro desse cão. – falou a mamãe mais enfezada do que nunca.

— Não mamãe, o cão não era... No muito era um urso. Não passa disso, eu garanto. – disse eu, enchendo-a de confiança.

— Vamos ver... (soluço) vamos ver. – completou ela em tom de sentença.

Acredito ter sido esta a fala a que desencadeou todo o processo dos acontecidos daquele dia. E qual foi o significado disso tudo? O leitor há de me perguntar. Muitos foram os tropeços que sofri em minha vida errante, entretanto nenhum tão vil quanto aqueles presságios em que vivenciei aos quais faltou uma explicação derradeira que agora, você leitor exige. O destino é mesmo um grande tecelão dos nossos infortúnios; no entanto, e de forma mais geral, costuma-se terminá-los contrariando todas as leis da natureza da vida e com uma falta indecorosa de consideração para com algum dos partícipes do enredo, da trajetória de nossas vidas. Acontece, porém, que tenho cá comigo um trunfo para quando descreverem meus culpados atos, os quais me isentarão dos prováveis remorsos e a inevitável condenação celeste.

Aqui eu vou dar um breque neste relato por um ou dois parágrafos para que vocês leitores entendam no melhor sentido o título dado a este engodo ou embuste em que me meti. Na verdade é uma confissão, que a priori peço não comecem por julgar-me partindo do título. Pois, de cara serei taxativo. Não sou masoquista. Tampouco assassino! Já cometi várias sandices, menos matar, isso não!

Contudo, como é de ciência, a alma humana sempre serviu de alojamento para atos vis, tanto quanto aos nobres. Na ocasião dos fatos ocorridos afluía dos meus sentidos a mais profunda e arraigada vontade do meu ser. Tudo o que é mais latente em um criminoso se tornara em mim, inexorável. Nem um resquício, nenhuma fagulha, uma atitude mínima de nobreza não acudiu a mim em socorro da vítima. Algo muito estranho me consumia, possuía-me com uma força descomunal.

Foi assim que transcorreu aquela interminável meia hora, pela qual me ocupara na manhã daquele fatídico domingo de maio. Todo o meu bom senso e bom mocismo estavam degringolando como uma geléia escorrendo por entre os dedos.

Após estes profanos pensares sobre e alma humana pulei da obscena e improvisada cama numa ansiedade que aflorava os nervos. E, como um Sherlock Holmes, saí a investigar os arredores da casa acompanhado de minha cara Sra. Watson – era elementar –, em busca de algumas pegadas, alguns galhos quebrados do roseiral, com os quais mamãe orlava o caminho de pedra-seixo que cortava o jardim até o portão de entrada. Quaisquer vestígios que fosse. Claro, não chegamos a uma total perscrutação dos detalhes, pois nos faltavam à indispensável lupa e o imprescindível pó de perlimpimpim. O cheiro de jasmim e damas-da-noite ainda impregnava o ar que sobrara da noite serenada.

A aflitiva curiosidade aumentava a cada passo dado em sentido a alguma pista. Num estalo lembrei-me de um ocorrido na hora do furdunço da noite passada, no corre-corre do telhado e nas estocadas das vassouras antes de acontecer o silêncio total. Quando houve um baque e o barulho de algo que caia. "Um corpo que cai". Bendita lembrança acorreu-me Hitchcock! Estas pistas já eram por si só irrefutáveis e evidências a toda prova. Mas onde?... Aonde caíra esse corpo? Rodeamos a casa no sentido das calhas, observando as laterais. Nada encontramos.

A situação estava ficando desesperadora quando Luzia, afastando-se um pouco de mim, aborrecida com minha lerdeza, foi fazer uma inspeção por conta própria nas dependências da lavanderia. De repente um grito numa mistura de êxtase e histeria; era a Luzia completamente perplexa. Imóvel, com as mãos premindo as faces, amassando o rosto. A fisionomia completava o olhar de pavor, cujo foco era um balde plástico de cor roxa ao lado do tanque de roupa. Corri em seu socorro. O fim daquele suplício e a minha salvação me chegaram de onde menos esperava. Lá estava o motivo de tanta arenga. Dentro do balde agitava-se, usando todos os recursos possíveis para escapar da armadilha da morte na qual houvera se metido. – ou caído, melhor dizendo.

Um rato guabiru daqueles enormes, da espécie Rattus Rattus. Mesmo sem pesar, pelo tamanho, daria para imaginar seu peso. Dois quilos, dois quilos e meio? Não sei. A certeza que eu tinha era a de que ele cavara sua própria cova. Decretara sua sentença. Debatidiço, lutava em centímetros cúbicos de água de sabão numa alucinada tentativa de fuga pela parede escorregadia do balde. Se ele escolhera sua forma de morrer, não sei. Porém, eu dei o veredicto e decretei a sentença.

Só faltava executar a pena com os devidos critérios e requintes por mim estabelecidos. E logo pus em prática. Aos poucos fui adicionando mais água com sabão no balde enquanto assistia impassível o condenado se estrebuchar numa desesperada contenda com a morte tentando galgar o plástico liso do fatídico recipiente. Nunca tivera

tendências para o sadismo, como já disse. Entretanto, naquele dia extrapolei, saciei toda minha repugnância pela humanidade, pelos deuses, os semideuses, os heróis, os ídolos, os santos, os anjos; e uma avidez de ir à Brasília matar todos os políticos, ratos e vermes que por lá pululam, estavam todos impregnados na figura daquele desinfeliz.

Naquele instante só restava uns poucos milímetros de focinho fora da água. Acredito que o miserável já não enxergava nem uma pata além do focinho. Mesmo assim, porque forçava as pontas das patas, dançando numa pirueta infernal o balé da morte. Agora respirava o máximo que podia em agoniada subida à tona para em seguida dá grandes golfadas de espuma de sabão. Quando o vi mergulhar em seu último estertor de morte. As bolhas de sabão flutuaram e ele não mais emergiu. Diante desse quadro, pincelado de crueldade, regozijei-me. Foi a glória!

É claro, fora um crime sem nenhuma vantagem, apenas o livrar-me de mamãe e da aporrinhação de tê-la ao telefone ou na porta de minha casa com seu mórbido mau humor. O que havia, no entanto, de mais torpe em mim houvera se extinguido. Será!?...

Com esta espontânea e inquisitiva indagação investiguei minuciosamente todos os recantos do meu espírito; e concluí que o pior estaria por vir. Pois o que aflorou de minha impoluta alma foi uma exclamação de espanto e horror... Aquele sórdido e medonho rato seria a mamãe? Meu Deus!...

Enfim se tratara de uma astuciosa trama matricida cheia de sofismas? Uma elaborada trama, mas sem os erros típicos dos passionais?... E desse modo, premeditada com esmerada arquitetura?

Ao fim de tudo, do desfecho do hediondo e sórdido crime, dormi com o delicioso carinho das garras aveludadas e o melodioso som do rom rom de Luzia... E a incógnita.

https://www.facebook.com/pauloluis.ferreira.10/

Pedro Antônio Lima Pereira
Guarulhos/São Paulo/SP

Nono dia de cor

É o nono dia e no oitavo já não estava dando tão certo, o dia se estende e o branco de suas páginas criam cores cada vez mais novas quando as passo mais devagar, como se fosse um disco de cores que girando se formara nesta, mas, consigo enxergar em você o que não existe e sabes que não existirá se não for devagar.

O livro de uma página é a cor mais fria que tem, e vários destes ocupam pessoas aqui, enquanto uns levam por debaixo dos braços e em bolsas, outros carregam nos próprios bolsos, geralmente com a cabeça para baixo e com camisas mais coloridas do que as dos outros. Sempre existirá alguém com uma camisa supercolorida sentando-se do lado de quem carrega bagagens, mostre uma página e os deixem vê-las devagar e se chorar, limpe seus rostos com a sua camisa.

Na praia houve um dia em que estávamos a cor da areia e olhos brilhavam com o reflexo da água mais salgada do mundo, nem que fosse tão difícil de você entender que eu iria chorar lá, me levou ao mar e banhou-se comigo de forma, a entender que até mesmo naquele azul e nós como pontos, ainda via seus pés como marcadores de páginas em meus livros; sentimento de alegria e gratidão pela mulher que de dia sorria e de noite me cobria e sempre por debaixo, nunca escondia uma folha se quer que eu não pudesse descrever a cor, como pecados, ilusões de ótica, como feridas, desenhos de rosas escuras mas.

Hoje sonhei com o branco atravessando uma montanha, só agradeci por serem as neblinas, prontas para salgarem um pouco mais o azul do lado da areia da praia, amanhã será o décimo dia que não fico sem ver seu branco igual ao céu, não me sinto mais marcado.

@adeia.lima

Pedro de Barros
São Paulo/SP

Que pena de Dona Cora

O que vou contar é verdade.

Ou melhor, é verdade que me contaram isso. Não inventei, mas não posso garantir que alguém não inventou.

Talvez tenha sido real. Talvez tenha sido um sonho.

Deixemos também presente a hipótese de ter sido um daqueles lampejos que vislumbramos na fase intermediária entre estar acordado e adormecer.

De qualquer modo, nosso evento se dá numa casa antiga da rua Joaquim José.

É uma pequena habitação, térrea e com poucos cômodos. Chama a atenção a imagem de Nossa Senhora posicionada em uma cavidade bem acima da porta de entrada.

O grande quintal dá a impressão de ter abrigado um pomar em outros tempos.

Os tempos de Dona Cora.

Cora Ribeiro de Melo era seu nome. Ou apenas Cora Ribeiro, quando solteira.

Era uma bela figura. Pequena, esbelta, de pele clara, olhos e cabelos castanhos e lisos, pouco abaixo dos ombros, os quais penteava com dedicação.

Pouco posso dizer sobre sua juventude. Apenas que havia sido criada para se casar, o que era normal naqueles tempos.

E de fato se casou muito jovem, como era costume. Seu marido, Celestino, era leiteiro, profissão que já não existe.

Logo após o matrimônio, Dona Cora se emprenhou (como se dizia), e depois engravidou de novo, e de novo. E assim sucessivamente.

Pena que sempre perdia os bebês.

Não sei dizer se era algum problema em seu aparelho

reprodutivo. Afinal, ela nunca consultou um ginecologista na vida.

Os anos foram passando e passando. Ela já se aproximava dos quarenta quando finalmente deu a luz a um menino, o qual batizou de Domingos.

Segundo lhe disse o padre, aquele nome significava, literalmente, "do Senhor".

A futura mãe sonhava em ver a imagem do filho deitado sobre o peito do pai. Como naquelas fotografias que jovens casais costumam tirar e que ela havia visto na "Revista Feminina".

Pena que Dominguinhos nasceu sem pai.

Cora já estava em trabalho de parto quando chegou a notícia.

Uma graúna entrou voando desastrosamente pela janela, sobrevoando seu leito, assustando a parteira e, então, deixando o quarto em seguida.

Pouco após uma vizinha veio avisar.

A carroça de Celestino colidira com um automóvel. Talvez um dos primeiros acidentes de carro do Brasil.

O leiteiro morreu na hora. Seu cavalo sobreviveu, mas precisou ser sacrificado.

Qual será a sensação de, simultaneamente, experimentar a alegria de um nascimento junto com a tristeza de uma morte?

Talvez ela passasse por tal mistura de emoções quando abraçava o filho a noite enquanto a criança dormia.

O fato é que Dona Cora precisou começar a trabalhar para poder alimentar o menino. Empregou-se na padaria local.

Os anos foram passando e passando. Dominguinhos crescia belo e corado. Tinha cabelos claros e encaracolados. Mais parecia um anjo.

Pena que sua beleza levou a sua morte.

Não vou dizer como uma coisa levou a outra. É muito triste e eu não gostaria de magoar Dona Cora.

Afinal, dizem que os mortos escutam quando falamos deles.

Acredito que neste instante ela esteja ouvindo enquanto você lê sobre ela.

Vamos dizer apenas que o Senhor levou o que era dele.

Ela estava amassando pão quando chegou a notícia.

Aquele mesmo tipo de pássaro preto adentrou a padaria, passou bem diante de seu rosto e, então, abandonou o local.

Desta vez foi um inspetor da Guarda Civil que veio avisar.

Dominguinhos foi sepultado junto do pai.

Pena que Dona Cora não se juntou aos seus quando morreu.

Foi poucos anos depois, quando a tristeza levou.

Por tristeza entenda-se um câncer. Dizem que o estado depressivo favorece a divisão descontrolada de células, levando a destruição dos tecidos humanos.

O padre pensou que os grandes melanomas em seu corpo eram marcas de hanseníase, a famosa lepra. Na época, não haviam tantos médicos e competia aos clérigos atestar as causas das mortes.

Então mandou cremar seu corpo, para evitar que a doença infecciosa se alastrasse.

Deve ser por isso que Dona Cora não descansou e está sempre procurando seu marido e seu filho.

É apenas uma alma carente e confusa, que não deixou aquela casa.

Me disseram que ela foi vista observando um menino dormindo junto ao avô. Deveria estar se lembrando da cena que ela tanto desejou ver.

Há também um relato do abraço gelado que ela oferece aos que dormem onde ficava a cama de Dominguinhos. É apenas amor materno.

Que pena.

Priscilla Dutra

Montreal, Quebec, Canadá

Talentos Dutra S.A.

Um dia desses um amigo me mandou uma mensagem pelo WhatsApp.

— *Não sabia que você tinha uma irmã mais nova cantora!* - Ele me enviou um link com um vídeo de uma participante do The Voice Kids Brasil.

— *Sou eu outra vez!* – Respondi. A menina era realmente bem parecida comigo.

Ele completou:

— *Lembrei de você porque sei que você toca violão e teclado, não é mesmo?*

— *Eu arranho os dois, e canto um pouco também. Mas tenho primos, irmãos e tios que tem outros dons artísticos também. Tenho uma tia que, além de engenheira, escreve contos e ganha um concurso literário por ano! A minha família tem uma veia para artes e para engenharia.*

— *Eu sabia que estava certo! Uma família de artistas!* – Exclamou meu amigo.

...

Considero que venho de uma família simples. Ninguém é rico e não crescemos com luxo. Mas a nossa riqueza é muito maior do que financeira. Somos cheios de talentos.

O vovô Camilo veio do interior de Minas para a Capital ainda muito jovem e sempre trabalhou muito duro vendendo frutas na Feira dos Produtores de Belo Horizonte para criar os 8 filhos. Mesmo com todas as dificuldades que a vida impunha, eu sempre ouvi como ele incentivava os estudos dos filhos e comprava mais livros do que brinquedos. Como resultado, hoje tenho muitos tios e primos com ensino superior, pós-graduações, concursados e todo mundo está mais ou menos encaminhado na vida com uma profissão ou um bom emprego. Independentemente do nível de instrução, uma coisa é comum a todos os Dutras: a gente trabalha duro. Vovô tinha orgulho da família. Dá orgulho mesmo.

Além dos estudos formais, o vovô também sempre incentivou a gente a descobrir e aprender de um tudo: plantar, cozinhar, instrumentos musicais, literatura, etc. Lembro que ele sempre fazia questão de plantar uns morangos na horta da Chácara, mesmo não dando muitos. Ele queria que os netos aprendessem a hora certa da colheita (não quer dizer que a gente esperasse a hora certa, né? Comíamos tudo verde). Além disso, também ensinava a gente a debulhar milho, a escolher as melhores couves e a catar feijão. Tudo plantado por ele na Chácara. Ele deixava a gente cuidar das galinhas e molhar a horta

também. Geralmente supervisionado por ele ou pela tia Lúcia. Ainda na parte de contato com a natureza e coisas da roça, tivemos a oportunidade de aprender a andar a cavalo com o tio Binho, marido da tia Jane. Ele, sempre que podia, nos levava para o haras onde ele tinha uns cavalos (a sua maior paixão). Era uma festa só! Eu amava! Mesmo voltando com bicho de pé para casa.

Outro talento nato na família é a cozinha. Eu acho que só evoluímos. Vovó Maria ensinou os filhos que ensinaram os netos. Todo mundo sabe cozinhar! Todos mesmo! A vovó Maria fazia mandioca de tudo quanto é jeito (cozida, frita, bolo, caldo), e eu garanto que minha paixão por esse tubérculo vem dessas experiências gastronômicas. Ela também fazia biscoito de polvilho frito que era uma delícia! Tio Clemir e tio Cleiton são feras no churrasco, caldos, bolos e muitas outras coisas. Tia Tânia, tia Lúcia, tia Jane, e mamãe não ficam para trás e todas sabem cozinhar muito bem o arrozinho com feijão e legumes do dia a dia, além de outras delícias. Mamãe faz um bife à parmegiana maravilhoso, e a carne de panela dela é tão boa que eu já desisti de tentar fazer igual.

Morando fora há 3 anos, eu sinto falta dos almoços e cafés da tarde na casa do vovô, onde cada um levava um prato e era um banquete. Tinha bruschetta da tia Regina, pão de queijo da tia Jane e cachorro quente da tia Tânia (o David, meu marido, sempre fala que é o melhor cachorro quente do mundo), além de chazinho de príncipe bem docinho. Lá em casa a mamãe ensinou a gente a cozinhar cedo e o meu irmão é o que tem mais talento na cozinha. Para ele não tem desafio grande demais: pizza? Faz desde a massa até o molho de tomate. Moqueca de peixe? Faz como se fosse uma receita trivial, mesmo sem nunca ter feito antes. A minha prima Mari também tem talento e está inclusive estudando para ser chef.

Os Dutra têm um talento especial para serem desajeitados, é verdade, contudo as habilidades manuais e motoras também têm espaço na família. São muitos exemplos. Meu primo Juan é um super dançarino e a irmã dele, a Jéssica, toca violão e pinta. A minha prima Renata é um caso à parte: ela é muito prendada! Ela é maquiadora, faz tricô, crochê, borda e cria. Eu me lembro de quando a gente era adolescente e sempre vinha uma moda que não teríamos dinheiro para aderir, mas não tinha problema porque ela comprava os materiais necessários e customizava a roupa, o sapato ou os acessórios! Eu adorava fazer os artesanatos com ela! Eu também sei fazer crochê e foi a Rê quem me ensinou. Ela, por sua vez, aprendeu com a tia Jane.

Finalmente cheguei no motivo pelo qual estou escrevendo este texto: a tia Jane. Já falei dela antes, eu sei. Além de cozinhar bem, de fazer crochê e de pintar, ela é uma escritora de mão cheia. Ela sempre

foi uma grande inspiração para mim. Eu me sentia incentivada a estudar muito porque eu queria ser tão inteligente quanto ela. Tia Jane é engenheira eletricista e professora de química, mas eu sempre a admirei por saber de tudo um pouco. Quando a gente era criança, ela sempre tinha uma curiosidade na ponta da língua para nos contar e aproveitava toda ocasião para nos explicar alguma coisa de química ou física através de uma situação cotidiana.

Como eu contei para o meu amigo na conversa do WhatsApp, ela já ganhou vários concursos literários com seus contos e, para escrever suas histórias, ela faz pesquisas para colocar um bom contexto e plano de fundo. Ela sabe muitas coisas de vários campos do conhecimento porque ela lê e escreve muito. Eu sempre achei escrever uma tarefa muito difícil e isso só adicionava uma camada na minha admiração por ela. Saber contar histórias através de palavras é muito especial. Muitas vezes a tia Jane escreve para contar histórias da família. Um dos meus contos preferidos é o "Amor de mãe" porque a protagonista é a minha mãe! Muito óbvio né? Mas a história, baseada em fatos reais, é emocionante! Eu sempre ficava (e ainda fico) muito animada quando ela dizia que estava escrevendo um conto novo e que, em breve, iria ler para nós em algum café da tarde de domingo. Era a melhor parte dos encontros de família: todos sentados no banco de concreto do pátio da casa do vovô, com um copo de café ou refrigerante, e um pedaço de bolo na mão, ouvindo "o causo" do conto da tia Jane.

Ainda acho escrever uma tarefa difícil, mas é basicamente o que eu faço da vida atualmente. O incentivo da família e o desejo de estudar para saber "muitas coisas" me levaram à um mestrado e um doutorado, e na vida acadêmica a gente tem basicamente duas tarefas: ler e escrever. No início era muito mais difícil, mas não quer dizer que eu já estou dominando a escrita, apenas aprendi algumas técnicas para errar menos. Além disso, escrever textos científicos é bem diferente de escrever contos, histórias ou textos de opinião. Não acho que um seja mais fácil que o outro. São apenas coisas diferentes.

Dessa minha caminhada de ler e escrever eu acabei ganhando um certo gosto. Hoje eu sou convidada constantemente para fazer revisões de trabalhos acadêmicos e até acho que sou boa nisso. O doutorado ainda está meio longe de acabar, mas me fez até almejar um novo (e de certa forma ambicioso) objetivo de vida: eu quero um dia escrever um livro da minha área de conhecimento e pesquisa. Ainda sou nova e sei que não é tão impossível assim, é apenas difícil. Foi apenas recentemente que eu comecei a tentar escrever textos não acadêmicos, e este aqui é um dos meus primeiros ensaios. Eu quero um dia poder contar alguma história da minha infância, das "aventuras" com os meus primos e irmãos nos

domingos na chácara, com a mesma emoção que a tia Jane escreve os seus contos. Ainda tenho muito que aprender, entretanto sei que temos que começar de algum lugar. Aqui estou tentando.

Esse desejo de escrever as histórias da minha família se tornou ainda mais forte depois que eu engravidei. Eu e David estamos esperando a nossa primeira filha, Beatrice, que vai nascer no Canadá, longe da horta, dos pés de manga, do banco de concreto da casa do vovô Camilo e dos domingos de família Dutra reunida. Eu não gostaria que essas lembranças tão boas se perdessem no tempo. Eu gostaria muito que ela soubesse quão talentosos, engraçados, esforçados e incríveis são os Dutras lá de Contagem das Abóboras. Foi então que eu pensei que seria uma ótima ideia reunir alguns contos da tia Jane para ler para ela antes de dormir. Também tive a ideia de tentar escrever alguns, como forma de contar algumas histórias da perspectiva da mamãe dela. No que depender de mim e do papai David, ela também vai ler muitos clássicos da literatura e sempre vai ter amplo acesso aos livros, mas acho que as "*Histórias Dutra e outros contos*" pode ser uma boa maneira de fazer ela entender de onde vieram alguns dos talentos que ela terá.

Rafaela Valverde

Salvador/BA

Abstrato Instante de Solidão

Lembro bem daqueles remendos que chamava de vida
Eram inconstantes e infindáveis horas que se juntavam
Amontoadas, fora de mim
Parecia-me que entrava em mil anos em um ano
O tempo não era lei
E a lei ultrapassava os limites do tempo
De lembrança em lembrança acordei de pesadelos
Em que não habitavam nada além de tristes desapegos
E as horas não passam
Além de se misturarem ao abstrato instante de solidão
Que me achegam como sonhos
Ou seriam pesadelos-ilustrados-que-esquecem-que-a-noite-termina-e-voltam-no-dia-seguinte?
E no outro
E no outro
Seguem sendo pesadelos e se costuram à já famigerada vida incessante lá fora
O verão acaba e as pessoas continuam vivendo
As horas esquecem suas asas, passam devagar e a *desimportância* da vida vem e paralisa todos os sessenta minutos que cabem em uma hora
Lembro-me até hoje o quanto a vida era longa todos os dias
E de novo
E de novo
Eu queria que acabasse pra eu saber como as horas passam do outro lado,
do lado de fora da vida
Do lado de dentro da morte
De dentro da morte
Da morte
É possível saber alguma coisa?
Não.
Não
E não de novo
Só basta saber que não há remendos depois da morte.
Ela apenas rasga
E fim!

https://coisasecasosfeitosefatos.wordpress.com/

Reinaldo da Silva Fernandes

Brumadinho/MG

Paixão de uma vida Inteira

— Pai, o Lula é o 13? – gritou lá de dentro da cabine de votação.

A presidenta da seção eleitoral fez aquela cara de quem não sabia o que fazer, no que foi seguida pelo pai que a olhava em busca de socorro.

Ele o acompanhara e estava à porta da seção, com uma fila quilométrica naquela hora do dia.

Como a presidenta não se decidia, por xingar ou por autorizar a resposta, ele arriscou, meio tímido:

— É, filho, Lula é o 13.

Segundos depois o pai ouviu o "tlin, tlin, tlin, tlin, tlin" da urna após o "CONFIRMA". O menino saiu de trás da cabine e correu para abraçar o pai, como se acabasse de realizar uma grande façanha, vencer uma São Silvestre, ganhar sozinho na Mega-Sena da virada ou receber o título de "Doutor".

O "menino" completara 18 anos. Mas continuava um menino. Os olhos oblíquos, num rosto arredondado, circulado por cabelos pretos, lisos, repartidos do lado, a franja quase chegando aos olhos, meio gordinho. Não passava de 1,65 m, com certeza.

O pai o recebeu com um sorriso maior ainda, cheio de amor. Os olhos – do pai - brilhavam um brilho que não pude entender se só de amor ou se mesclado com certa angústia – feito um Luis da Silva, de Graciliano -, certa incerteza no futuro.

"É Lula! É Lula! É Lula", pôs-se a gritar o menino. O pai abraçado a ele, meio desconcertado, olhava o olhar da presidenta da seção, como a dizer: "Não tenho culpa, ele é assim!"

— Diz a ele que não pode fazer boca-de-urna aqui, interpelou o 1º mesário da seção, este já parecendo menos compreensivo do que a presidenta, cara fechada de autoridade.

Enquanto ordenava, o mesário estendeu a mão ao pai para entregar o comprovante de votação que o menino, eufórico ao cruzar a linha de chegada da São Silvestre, não se preocupara em pegar. Ele, pendurado no pescoço do pai, feliz feito eu em dia de chuva; o pai, com aquele sorriso orgulhoso de quem bate no peito e diz: "É meu filho!", generoso na tonicidade do "meu".

O menino era sempre assim: diferente. Não tinha apenas cromossomos a mais em cada célula, tinha amor a mais em cada célula, carinho a mais em cada célula, sorriso a mais, leveza a mais. Inocência demais. Pureza.

Lembro-me bem do dia do casamento da prima Bruna. Neste, digamos, quesito, Rafa não era diferente de nenhum de nós: seu primeiro amor também fora (acho bonito esse Passado Mais do que Perfeito do Indicativo: é perfeito!). Voltemos: seu primeiro amor fora uma prima. Primeiro, único e último.

Bruna era aquela menina boba. Não bobinha. Sim, é diferente. Bobinha não é diminutivo de boba. E nem "boba" é palavra de cunho negativo. Bruna era aquela boba que acha graça em tudo, que ri de tudo, até de piadas contadas pelo tio Wilas (sabe aquele tio tipo piada do "é pavê ou pra comer?", "o tiozão da internet"?, pois é...). É o tipo de garota que todo rapaz apaixonado quer ter como paixão: a conquista será certa porque, quando convidá-la para um passeio, e ela topar, vai rir de tudo, vai achar graça em tudo, vai ficar maravilhada com toda besteira que o rapaz falar. Foi o que aconteceu com Jamil.

Jamil, convenhamos, não era o que se pode chamar de belo (ironia: Jamil, em árabe, significa "formoso"). Ah! Mas Jamil tinha um senso de humor como poucos! Era praticamente um palhaço! (Cuidado, de olho na gramática: substantivo "palhaço", profissão, o que faz rir; não o adjetivo palhaço, idiota, besta... embora besta também possa vir a ser elogio: "alegre", "brincalhão", "engraçado", do tipo: "Noooooooosssa! Você é muito besta!". Diferente de: "Deixa de ser besta, seu otário!")

Pronto, novamente estou eu em um tapete mágico, viajando, fugindo do assunto! O palhaço, digo, o Jamil, era todo dentes!

Jamil se apaixonara (olha o mais que perfeito de novo!) por Bruna quando a viu como Isolda numa peça de teatro no Festival de Talentos da escola. Nunca se soube se apaixonara pelos talentos teatrais da menina ou se por aqueles olhos negros e grandes. Ou por aqueles tantos cabelos pretos cacheados. O nariz quase bolotinha e os lábios carnudos e avermelhados, como se de batom estivessem vinte e quatro horas por dia.

Ou se pelos dois aspectos, o que era bem possível. A verdade é que se apaixonara, a levara para um passeio, se declarara e ganhara o coração de Bruna, como tínhamos previsto anteriormente. Daí, para o casamento ser marcado, foi um pulo.

Aconteceu dali a cinco anos, ela com vinte e três, ele com um ano menos e Rafa com dezenove.

Os pais de Bruna não eram ricos. No máximo, classe média-média, para usar uma categoria do IBGE. Mas fizeram questão de "gastar algum" no casamento da filha. Era filha única, vocês sabem...

A igreja lotada de convidados. Piano, quarteto de cordas, violino e flauta transversal para a marcha nupcial. O altar cheio de anjos. As mais de dez daminhas de honra. Os parentes de Governador Valadares. Todas as colegas da Faculdade de

Artes Cênicas. Alguns penetras de olho na festa que seria num sítio que amigos do casal bondosamente ofertara. Jamil num terno marrom impecável e gravata-borboleta. E Rafa. Rafa?

Sim, o menino recebera o convite. O pai lhe empetecara num terno azul-celeste, sua cor preferida, camisa branca e gravata também azul-celeste.

Ao lado do pai, na primeira fileira de bancos – reservada aos convidados especiais, conforme informara Eliete Rinco, da "Casamentos Felizes Buffet". Mas era um Rafa diferente, mais sério, mais quieto, pensativo.

Ali estava seu primeiro amor, por quem era apaixonado desde os sete anos. E estava de mãos dadas com outro, pronta para dizer o "sim". Ansiosa para se entregar a outro.

A cerimônia transcorria. Do rosto do pai, corria. Lentamente, um suor frio. Olhava de soslaio para o filho, pressentindo algo. Seu coração estava inquieto. Como alguém sentado na frente da TV assistindo *Psicose* ou *Janela Indiscreta*, de Hitchcock. Absorto em seus pensamentos, quase caiu para trás quando Rafael gritou:

— Eu! Eu! Eu!

A igreja inteira se voltou para o menino que não parava de gritar "Eu! Eu! Eu!"

Padre Pedro Paulo Pereira perguntara se naquele recinto havia alguém contra aquela união e que falasse agora ou se calasse para sempre.

Cheio de amor, o pai lhe abraçara forte, prendendo-o a si.

Agitado no início, agora Rafa parava de se debater nos braços do pai. O grito foi baixando, baixando.

O grito deu lugar ao choro. Estrondoso no começo, as lágrimas caindo na gravata azul-celeste. Depois baixinho, como um cãozinho recém tirado de uma chuva torrencial.

Calmamente soltou-se do abraço do pai. Caminhou rumo ao altar, os convidados abrindo passagem. Eu observava a cena como que atrás de uma câmera de Alfred ao som da trilha sonora de Bernard Herrmann. Pensei que, a qualquer momento, fossem cair pássaros mortos do céu.

O padre, Bruna, Jamil, ninguém sabia o que fazer. Ninguém, a não ser o pai, sabia daquela paixão de uma vida inteira.

Bruna e Jamil ficaram assim, de mãos dadas, um de frente para a outra, como que petrificados. Lembrei-me de Capitu, em "Laços de Família", ao ver que Maurinho descobrira seu grande segredo.

Rafa aproximou-se dos dois. Separou suas mãos. Pôs-se de costas para Jamil, de frente para Bruna, como se fosse o próprio noivo. De repente, transfigurou-se, e sorria para ela, como se fosse o próprio noivo. De onde eu os via, pareceu-me que a felicidade tomara conta de si.

— Eu aceito, sussurrou, com seus olhos oblíquos fixos nos olhos negros e grandes de Bruna.

"O que você disse?", perguntou o padre, despertando de sua hipnose.

— Eu aceito! – repetiu ele.

A igreja toda em silêncio. Rostos espantados. Expectativa. Se de algum lugar se produzia algum som naquele momento, o que os músicos tocavam era a cantata *The Storm Clouds.* Pelo menos, era o que meus ouvidos ouviam.

Antes que qualquer palavra pudesse sair da boca do padre – se é que o padre conseguiria dizer algo -, Rafa moveu seu corpo lentamente para mais perto de Bruna, sempre sorrindo, como se fosse o próprio noivo. Ficou na ponta dos pés, beijou-lhe suavemente a fronte. Seus lábios ficaram ali, alguns segundos.

Afastou-se tão lentamente quanto se aproximara, olhou o rosto da noiva, sorrindo um sorriso suave, contemplando-a como se fora, Bruna, um ser de luz, divina. Sempre lentamente, soltou-lhe as mãos. Foi virando-se devagar. Seus olhos se fixaram nas figuras dos anjos.

Deve ter ficado assim por quase dois minutos, olhos fixos nos anjos, de costas para os convidados, balançando, em gestos comedidos, a cabeça para a esquerda, para a direita, como se estivesse tentando entender os anjos, decifrar suas formas, absorver sua essência. Depois desceu do altar. E começou a caminhar pelo corredor central, no tapete vermelho de casamento, rumo à saída da igreja.

Seguiu assim, as pessoas se virando aos poucos quando ele passava, para acompanhar sua caminhada, tal qual fizeram quando da entrada da noiva.

No meio do caminho, parou. Girou devagar o próprio corpo. Olhou mais uma vez para Bruna, que continuava lá, no altar, no mesmo lugar. Seus olhares se encontraram. A mim pareceu-me que Bruna olhava-o ternamente, com piedade, com pena. Talvez com amor, não sou capaz de garantir. Também para mim, Bruma pareceu-me enigmática. Talvez como quem se despedia?

Rafa sorriu:

— Eu aceito!, disse mais uma vez.

Virou-se e saiu correndo.

Ao chegar à escadaria que conduzia à saída da igreja, abriu os braços e atirou-se no ar. Fez um movimento como se batesse asas e foi subindo, subindo, subindo... até que o azul de suas vestes se confundiu com o azul do céu.

https://www.facebook.com/reinaldo.13.fernandes/

Ricardo Ryo Goto

São Paulo/SP

Elementar, Meu Caro Watson

"Senhor, dai ao culpado o arrependimento" – Prece de Cáritas

"Quem estiver sem pecado, que atire a primeira pedra"-João, 8-7

Após cometer o primeiro homicídio da história humana, Deus perguntou a Caim: "Onde está teu irmão ?" ao que Caim retrucou :"Não sei. Acaso sou eu protetor do meu irmão ?" Então o Senhor exclamou: "Que fizeste ? Ouve ! Da terra o sangue do teu irmão clama a mim. Portanto, agora és mais amaldiçoado que a terra que abriu a boca para tragar, de tuas mãos, o sangue de teu irmão".

Eis aí um processo penal completo: uma vítima, um algoz, um juiz. Um motivo, um meio, uma ocasião para perpetrar o crime. Uma denúncia, uma acusação, um julgamento, uma condenação. Sem nenhuma chance de defesa, afinal o réu era confesso, a prova do crime era inconteste e não havia nenhum álibi. E acima de tudo o juiz era Deus, o Todo-Poderoso.

De todos os crimes ocorridos na face da Terra, desde então, parece que os homicídios são os que mais engrossam a lista dos não resolvidos. Por que ?

Em maio de 1976, em Goiânia, num processo judicial, o juiz acatou o depoimento de um morto e absolveu o acusado. O pretenso homicida, em casa da vítima, havia manipulado uma arma de fogo que disparou acidentalmente, matando seu amigo. Em 27 de maio daquele ano, o médium Chico Xavier recebera a mensagem da vítima inocentando seu amigo. O juiz acolheu a carta como prova pois o laudo grafotécnico atestou que a assinatura do falecido era igual à que tinha quando em vida.

Da mesma forma que este falecido intercedeu para inocentar o amigo, por que as vítimas não nos enviam mensagens indicando os detalhes de seu assassinato, apontando o responsável ? Teríamos uma economia de recursos e de tempo, uma justiça mais ágil, abreviando o sofrimento dos que ficaram.

Quando Santo Antônio estava em Pádua (Itália), interrompeu uma pregação para, sob efeito de bicorporeidade, se deslocar até Lisboa (Portugal) a fim de impedir a execução de seu pai acusado injustamente de um crime.

-Meu pai não é assassino, não matou este que está sepultado.

Os presentes pediram provas. O Santo aproximou-se do túmulo e perguntou:

-Homem, em nome de Deus, peço que digas que não foi meu pai o teu assassino.

O cadáver levantou-se do túmulo e disse em alto e bom som:

-Esse homem não é meu assassino, ele não me matou.

E retornando ao túmulo, as autoridades pediram a Santo Antônio que lhe perguntasse quem era o assassino.

-Não o farei, minha missão é absolver e não condenar.

Quem teve a oportunidade de acompanhar alguns capítulos de uma série de TV chamada "Padre Brown" (personagem criado pelo escritor G.K. Chesterton) deve ter percebido que este incomum sacerdote, com uma irresistível queda para a investigação criminal, tinha por método provar que o inocente era inocente pela confissão de culpa do verdadeiro criminoso.

Ou seja, após minuciosa análise do caso, confrontava o culpado com todas as evidências colhidas, fazendo com que este reconhecesse a autoria do crime e a necessidade de se entregar à justiça para evitar a condenação de um inocente e para salvar sua própria alma da perdição eterna.

Como no caso de Santo Antônio, padre Brown não deseja a condenação, e sim a absolvição física do inocente de ser castigado pelo que não fez e a absolvição espiritual do culpado pela confissão do que fez. Porque, pela confissão e arrependimento, o culpado se redime e pode ser perdoado por Deus, o que é mais importante do que ser inocentado pelos seus pares.

Quando Jesus passou por aqui a nos ensinar maneiras de bem viver, disse: "misericórdia quero e não sacrifício".

Estaria se referindo ao fato que de, como seres imperfeitos, somos suscetíveis a erros e portanto devemos reconhecê-los (confessá-los) em nós e ao mesmo tempo perdoá-los nos outros (não condenar) ? E que, para tanto, "não deveríamos Julgar para não sermos julgados" ?

O Deus que acusou, julgou e condenou Caim era a antropomorfização de um homem primitivo, cheio de medo, rancor, violento e movido basicamente por instintos animais.

O do Cristo é a metáfora do homem compassivo e piedoso, cujo Deus espera de nós, espíritos em evolução, alcançar luz suficiente para não fazer ao próximo nada do que não desejamos a nós mesmos.

Talvez por isso seja tão incomum que os mortos se levantem de suas tumbas para denunciar seus assassinos.

Esperam que estes se sintam suficientemente arrependidos para assumir suas culpas, enquanto aqueles procuram em si a necessária misericórdia para perdoá-los.

Roberto Schima

Salto/SP

O Tempo a Seu Tempo

O amanhecer ainda preservava resquícios da friagem da madrugada, por isso, sua pele arrepiou-se toda enquanto saía da pequena pousada e caminhava a passos lentos até as dunas. Inspirou o aroma do orvalho, da vegetação e da terra úmida, sentindo-se revigorado. Havia sido uma noite de sonhos tumultuados.

O corpo agradeceu, mas a mente estava ali e em outro lugar.

Era impossível ignorar a pequena urna de cerâmica em suas mãos.

Os dedos tateavam pela superfície vitrificada: pesava mais do que devia.

Subiu com certa dificuldade a duna mais próxima. Sentiu a maciez da areia segurar seus chinelos. Imaginou consigo: "É ela, o corpo dela sob meus pés".

O céu de um azul esplêndido e sem nuvens carregava promessas de um dia maravilhoso para os turistas que, breve, viriam.

- Veja, Jenie, é como você sempre sonhou - sussurrou José para o vento.

Deixou a vista perder-se pela extensão da faixa de areia lá embaixo, a rebentação em tiaras de espuma, as ondas que se formavam e o oceano que se estendia até o horizonte e mais além. O coração telegrafava em seu peito. Sentiu-se dominado tanto por emoções ambíguas quanto pelo cenário ao redor.

O frescor da brisa.

O farfalhar do mato.

A vastidão do oceano.

O profundo azul do céu.

Ilhotas perdidas ao longe.

Foi como desprender-se de seu próprio corpo e tornar-se parte daquilo feito uma pluma ou uma semente de dente-de-leão. Ah, como desejou que fosse possível tal fusão! Queria flutuar sem jamais ter de pousar. Sempre fora o sonho dele e dela conhecer o mar.

Respirou fundo.

- Finalmente, estamos aqui, Jenie.

***

Ambos nasceram no interior do Estado rodeados por lavoura ressequida e colinas poeirentas.

Desde crianças, Jenifer e José desejavam ver a praia de perto. Esse desejo existira bem antes de um saber da existência do outro. Ambas as famílias eram muito pobres, sem condições para empreender longas viagens, mesmo porquê, quem cuidaria da casa, dos cães, da horta e das galinhas? Cedo aprenderam o valor de cada gota de suor, de cada centavo poupado, de cada dia com comida no prato.

Enquanto Jenifer era tão agitada feito uma formiguinha, vivendo a ajudar a família e a estudar; José, mais sossegado, era do tipo que muito divagava, embora alguns dissessem que ele "devagarva".

Conheceram-se no último ano do colegial.

José logo ficara deslumbrado com Jenifer sentada a sua frente. Os cabelos dela eram castanhos, longos e ondulados, caídos sobre suas costas eretas e bronzeadas feito o mar a derreter sobre a areia. Jenifer, por seu turno, a princípio mal tomara conhecimento da existência dele, mais concentrada em assimilar as matérias do que fazer amizades.

O conhecimento surgira na forma de uma brincadeira que deixara José mais enrubescido do que uma pimenta malagueta e Jenifer quase tão indiferente quanto um bloco de gelo.

- Ei, casal jota-jota, algum de vocês tem um lápis sobrando? - dissera um sujeito metido que se achava o centro das atenções.

Todo agrupamento de gente estava destinado a ter um palerma assim. Seu único mérito fora o de fazer, finalmente, Jenifer olhar para trás. O que ela vira fora um rosto rechonchudo transformando-se pouco a pouco num tomate. O que salvara a situação fora a imagem na capa do caderno dele.

Era uma foto do mar.

- Porto de Galinhas - falara a garota.

- O quê?

- Essa foto. Porto de Galinhas. Fica em Pernambuco.

- Você conhece?

- Quem dera.

Saber que ela amava o mar somente aumentara a admiração de José por Jenifer. Fora como se um mundo, outrora cinzento e silencioso, houvesse ganhado música e as cores do arco-íris.

Mas logo a jovem tornara a enfiar o rosto nos cadernos e livros.

- Você estuda demais, Jenie - brincara ele um dia.

Jenifer retrucara:

- Eu estudo para ter melhores condições de vida, mas não é a minha vida. Minha vida está lá fora -

e apontara para além da janela da sala de aula.

José sabia que ela se referia a um lugar muito mais distante do que a rua ou o vilarejo em que viviam, um lugar dominado pela areia macia e onde havia sal nas águas luzidias.

Ele nunca desistira de amá-la, mesmo porque era algo que fugia a sua vontade. Simplesmente existia: esperançoso, melancólico, alegre e triste.

Um dia, porém, Jenifer adoecera e José se incumbira de levar-lhes as lições.

Ela o via como um colega meio tonto e atrapalhado, todavia, pouco a pouco o afeto nascera, principalmente quando, em certa ocasião, José lhe trouxera uma concha do mar de presente. Ele descobrira em uma lojinha de cacarecos e gastara todas as suas economias nela. Era velha, desbotada, mas vinha do litoral.

- É linda - dissera Jenifer, fazendo tudo valer a pena.

Era um elo direto com o mar, especialmente quando, ao aproximá-la do ouvido, escutava o som vindo de lá de dentro: hipnótico, profundo, convidativo.

- É o melhor presente que já ganhei, Zé - confessara.

E o olhar de Jenifer para ele fora igualmente a melhor coisa que José tivera na vida. Porém, não encontrara coragem de contar para ela.

Conversaram sobre um dia conhecerem o mar, catar conchas, molhar os pés, sentir a areia, experimentar o gosto da água, passear pela praia.

- Será maravilhoso - falara Jenifer.

Mas a adolescente não se recuperara, pelo contrário, sua moléstia agravara-se pouco a pouco. Numa noite, dormira para não mais despertar.

"Será maravilhoso."

Aquelas foram as últimas palavras que José ouvira de seus lábios.

Traziam promessa, esperança, futuro e alegria.

Restaram a tristeza, a desilusão e a melancolia.

***

Agora, lá estava José, no alto da duna, olhar fixo no horizonte.

- Finalmente, estamos aqui, Jenie - repetiu.

O vento mudou de direção e passou a seguir da terra para o mar.

José tornou a inspirar profundamente. Desejou que o tempo parasse, mas sua prece não foi atendida. Levantou-se e, segurando a urna de cerâmica, tirou-lhe a tampa. Hesitou um instante, joelhos a

fraquejar. Era o fim de uma jornada. Então, ergueu-a no alto e despejou as cinzas no ar, as quais foram rapidamente levadas, parte para a praia, parte para o oceano a exemplo de um nevoeiro dissipando-se no frio da manhã.

Tomado pela emoção e no telégrafo do coração, José se despediu:

- Adeus, Jenie.

Agora, a areia macia era o corpo dela.

O céu de um azul infinito tornou-se seus olhos.

O vento carregando-a para muito longe era o seu sussurro.

As águas transformaram-se nas lágrimas por aquilo que não viveram.

O destino exibira um jeito estranho de concretizar o sonho dos dois jovens.

Como um gesto final, José agachou-se, cavou um buraco na areia da duna e lá depositou a concha que dera a Jenifer, cobrindo-a. Então, deu meia-volta e retornou para a pousada sem olhar uma vez para trás. Por mais que amasse o oceano, foi a primeira e última vez que José avistou a praia.

http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=roberto+schima
https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima
rschima@bol.com.br

Robinson Silva Alves
Coaraci/BA

O Prisioneiro

De repente estou preso
Na cibernética prisão
Prisioneiro das redes
No tecnológico grilhão

Acorrentado na caverna
Não vejo nascer o dia
Vislumbrando sombras

O mundo que habito
É apenas virtual
Na frente da tela
Não sei mais o que é real

Verdades programadas
Apenas fantasias
Posso sem quem quiser
Neste reino de magia

Máscaras imaginárias
Impérios da ilusão
Reino solitário
Linguagem de programação

As pessoas são perfeitas
Nas suas perfeitas postagens
Vidas e mentiras
Nas inúmeras mensagens

Os jogos imperam
Dominam as crianças
Que não mais brincam
Não vivem a infância

Amigos não se encontram
Para uma boa conversa
Nunca sobra tempo
No tempo de tamanha pressa

Prisioneiro das redes
De um mundo irreal
Prisioneiro das redes
Redes sociais.

RodrigoSBA
Salvador/BA

No Escritório

– Boa tarde, pessoal... – fala o chefe, voltando apressado do almoço.

– Pessoal?! BOA TARDE!

– Boa tardeee! – em uníssono.

– Seis pessoas na sala, todas com fones de ouvido... o outro até cantando está! Difícil, hein!?

– Tá escutando o que, Eduardo, que tá aí todo se bulindo?

– Pagodão! Black Style!

– Você gosta da baixaria, né, véi!? Aff... Laís, e aí...?

– Ahn, Black Eyed Peas! – disse ela toda animada.

– Huumm... nunca mais nem ouvi falar! Já aquecendo pra noite, né? Sexta-feira... Rodrigo, e você?

– B l a c k S a b b a t h.

(Silêncio total)

Rogério Costa
Cornélio Procópio/PR

Eu sou...

Sou o olhar singelo das coisas banais,
Os ouvidos atentos aos cicios casuais,
A voz que rompe a quietude da alma,
E o silêncio que ameniza, que acalma.

Sou sangue fervendo saltando nas veias,
A força nas mãos que quebram cadeias,
Asas que sublevam ao voo da liberdade,
Sou poeta, sonhador, sou sensibilidade.

Rogerio Luz

Rio De Janeiro/RJ

Passatempo

Para passar o tempo
Viciei-me em grandes questões
De que vocês não precisam gostar.
Tenho um corpo ou sou um corpo?

Meteram-me na cabeça a língua
Com que faço perguntas bestas.
Minha palavra nunca se fez carne
E minha carne é disparate de partes.

Tenho um corpo ou sou um corpo?
Bichos nunca me perguntam sobre isso
Calam-se ao menor sinal de dúvida
E se afastam com passos macios

Rumo à floresta mais negra que a noite.
Sim, tenho um copo e posso beber nele
Uma propriedade, um sítio, uma fazenda
Improdutiva, que pra nada me serve.

Sim, sou um corpo e o verbo ser
Pensa me aproximar daquilo que existiu
E deixará de existir: fui, serei
Um não-corpo, uma alma penada

O fogo-fátuo que se apaga na treva?

Rosa Maria Soares Bugarin
Brasília/DF

Garimpo

Torso nu, olhos de noite, coração de descobertas,
suores de inquietudes,
determinismo fremente.
Assim, na companhia dos sonhos,
o que buscas, poeta?
Escavas a terra árida
com mãos nuas, sem luvas,
buscando o diamante do segredo que permitirá
a alquimia do sorriso,
o sentido do ser feliz.
Escavas a dura rocha
e encravas a permanência
nos caminhos do buscar a chave de ouro
que abrirá solidões,
apaziguará, soberana, o mundo em convulsão,
Garimpas as minas negras...
Onde estará o brilho da união
entre raças, ditas humanas?
Respeitando posições?
Persistes oh poeta garimpeiro
em traçar nos caminhos sinuosos,
escondidos desenhos de amor,
selos de passagem, de encontro,
joias de caridade,
brilhantes do entender,

almas refulgentes de esperas,
no sublime mistério de ver, sendo, o outro.
Não desistes, poeta, não renegas
a missão que é toda tua...
O rarefeito ar das profundezas,
sopra vivo e alerta, os cristais da inspiração.
Então, paras e ouves o som de teus lamentos,
curvado na angústia de não encontrar
o alívio em tua busca.
E desses acordes nascem cantos de esperança
Manto que te cobre e te protege.
Põe luzes de versos em sombrias minas,
recria atalhos, renova forças,
instala lanternas de brilho intenso e duradouro,
constrói castelos de fé para guerreiros da procura,
tocando o ouro dos desejos continuados,
na explosão do Bem, que edifica, afinal, um melhor amanhã,
qualifica estrelas-guias, seguras, sapientes,
lapidando o diamante dos laços entre humanos,
que aceitam, respeitam, vibram, vivem
o heroico e coerente destino da Criação.

Rosangela Maluf

Belo Horizonte/MG

No Aeroporto

Ao descer do avião, tudo parecia estar em silêncio naquele aeroporto tão movimentado.

Ninguém falava nada. Não se ouvia nenhuma palavra. Nenhum ruído, nenhum som. Silêncio completo. Entretanto seu coração fazia barulho, batia forte. Um tum-tum-tum intenso. Respirava fundo tentando não demonstrar a imensa ansiedade que lhe consumia. Andava calmamente tentando disfarçar o tremor das pernas. Trocou de mão a pequena valise que carregava. Passou a bolsa para o outro ombro. Olhou o relógio, o voo chegara no horário. Suspiro.

O caminho até a saída nunca lhe parecera tão longo. O silêncio absoluto continuava. Respiração profunda. E o frio na barriga, nas mãos, nos pés? E o coração continuava a bater, menos acelerado, mas ainda barulhento. Era o único som que ela ouvia.

A porta se abriu e ansiosamente ela buscou com o olhar as pessoas que aguardavam do lado de fora. Não estava em frente à saída. Caminhou mais um pouco e pode então olhar dos dois lados. Sim, perto de uma pilastra, lá estava ele. Esperando por ela conforme o amplamente esperado. E combinado, e acertado.

Havia sido um planejamento de meses. A folga no trabalho, a emenda daquele final de semana com o feriado, possível aos dois. A família de cada um. O comunicado aos filhos. Tudo precisava coincidir para que, finalmente, o encontro se desse. Afinal, era o primeiro e quem sabe o início de uma série de outros? Bem que podia ser, pensou.

Ela se sentiu num filme. Andava em câmera lenta. Muito lenta. Ele a viu. Acenou. E também em câmera lenta veio em sua direção. O estranho e total silêncio continuava. Nenhum som. Estranho.

Foram se aproximando. Os dois esboçaram um tímido sorriso. Tudo que viam era novidade. A altura, o cabelo, ainda mollhado, os olhos, a roupa, a boca e o sorriso que passo a passo se abria um pouco mais. Cada um sorrindo o mais feliz dos sorrisos.

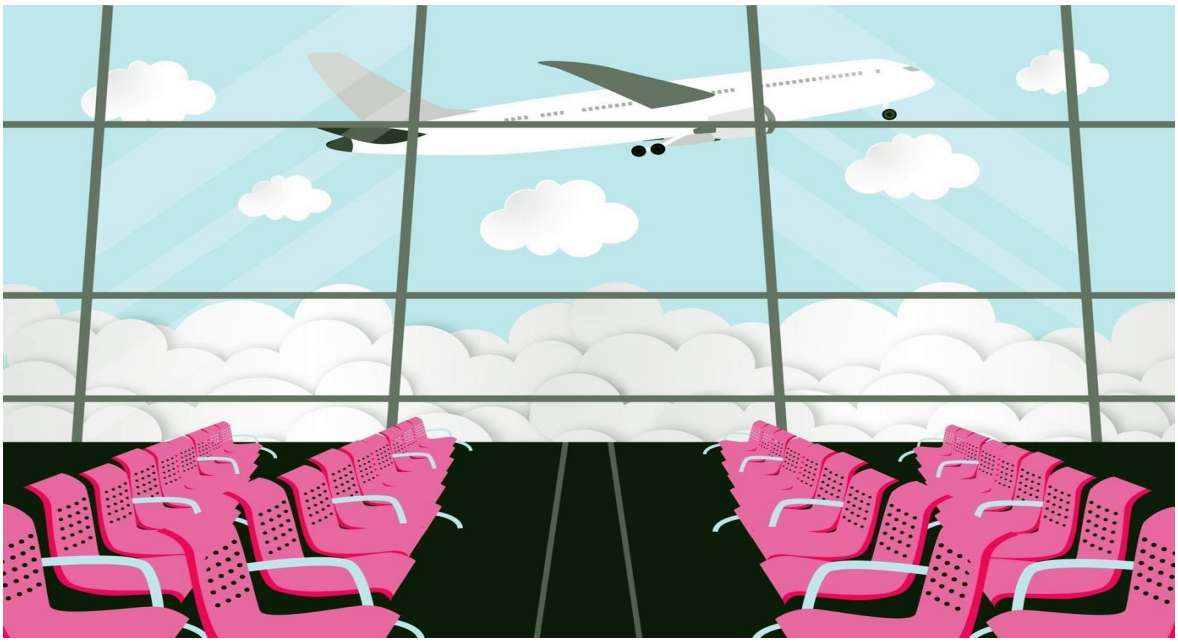
Ele abriu os braços e ela mergulhou naquele abraço quente. Fechou os olhos e, como se já houvesse sido

combinado contaram: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito. Separaram-se. De novo, um abraço. Contagem até oito, já que nenhum bom abraço deve durar menos que oito segundos. Nenhum dos dois disse palavra!

Aquele calor tão imaginado. Os cheiros. Os sorrisos. Os abraços tão demorados. Um beijo. Lento, bem lento. Molhado. Uma troca de sentimento até então, apenas sonhado. As mãos subindo pela nuca, também em câmera lenta. Pausa. Mais um abraço, apertado. Outros olhares. Outros beijos. Mãos que acariciavam o rosto e, com carinho retiravam mechas do cabelo que lhe cobriam o rosto. Os cheiros além dos perfumes. O respirar de cada um. O hálito adocicado. Outro abraço que não queria ter fim. Outro beijo nem tão suave. Apertos significativos. Respirações junto ao ouvido. Outros pequenos e suaves beijos. Outra pausa. Um abraço lento e demorado. Olhares que falavam por si.

Ah, nenhuma palavra se fazia necessária.

E assim, entrelaçados seguiram em direção ao estacionamento.



Rosangela Mariano

São Leopoldo/RS

Os olhos da vovó

Maninho entrou em casa tão rápido que acabou derrubando a cadeira colocada por vovó bem no meio do corredor. Vovó era assim: adorava colocar coisas espalhadas pela casa. E que coisas bizarras eram, na maior parte das vezes! Mas, ultimamente, vovó tinha se superado: mexia como os móveis da casa! Um dia, uma mesa perto do banheiro; outra vez, um sofá em pleno jardim! Mamãe ficava furiosa, porém era dotada de uma alma doce e repleta de nuanças calmantes. Diferente de papai, que só faltava arrancar os últimos fios de cabelo quando via as estripulias que vovó inventava. "Coisa de gente louca, mamãe endoideceu" - dizia, lamentando, à família. Mamãe sorria e, com a ajuda de Maninho, colocava tudo novamente no devido lugar...

Lembrava de uma ocasião em que papai quase desfalecera com as atitudes de vovó. Isso quase sempre acontecia, pois, no fundo, papai não compreendia bem a velhinha. Recordava: era domingo, a família reunida: tios, primos, o churrasco pronto para ser assado... O cachorro latindo no fundo do quintal, os vizinhos com os olhos arregalados... Família é assim mesmo quando se junta: é um Deus nos acuda! No meio daquela algazarra toda, esqueceram da vovó! Foi Maninho quem lembrou dela:

- Papai, cadê a vovó?

O pai, pronto para servir o refrigerante aos primos e ao tio Mário, não ligou muito:

- Sei lá, Maninho, deve estar no quarto, ora...

- Chame ela, Maninho! Quero dar um abraço na mamãe! Estou com saudades daquela velhota excêntrica... - disse tio Mário, pegando o copo que papai lhe estendia.

Maninho não sabia direito o que significava excêntrica, mas correu até o quarto da vovó. Assustou-se ao notar o quarto vazio, sem sinal dela. Ué, onde estaria a vovó?

Procuraram por toda a casa, o jardim... tios, primos, todos em polvorosa! Nada... até que o latido insistente e agoniado do Bolota assustou a família. A irmãzinha, meio bamba das pernas, correu, afobada:

- Maninho, ligeiro! É o Bolota que tá latindo furioso. Corra, Maninho!!

O restante do pessoal seguiu a irmãzinha... Lá estava o canil. Bolota

latia como um possesso! O canil era espaçoso, havia lugar para mais um cachorro, mas Bolota era, naquele momento, seu único habitante. Quer dizer, neste instante, havia mais ocupantes lá dentro. Maninho quase não acreditou no que viu! Os tios, primos romperam em gargalhadas! Papai e mamãe olharam, aturdidos e sem fala...

- Meu Deus, vovó! O que a senhora está fazendo aí dentro, sentada nesta cadeira de balanço? – Maninho chegou perto do canil, não sabia se ria... Não entendia direito o que vovó queria provar, desta vez.

A velhinha olhou-os e sorriu de forma misteriosa. Depois observou tio Mário, a esposa e os pequenos. Simplesmente ignorou papai, mamãe, a irmãzinha. Foram breves minutos, depois se encolheu no seu mutismo. Bolota é que não despregava os olhos de vovó e continuava a latir como um doido. Queria expulsar vovó de seu lar o quanto antes! Porém, ela nem ligava. Embalava-se suavemente em sua cadeira de balanço... pra lá... pra cá.. pra lá... pra cá...

Papai perdeu a paciência e segurou a cadeira com força. Vovó olhou-o assombrada. Maninho tentou acalmar papai e, depois, falou para a velhinha:

- Vovó, por favor, olhe pra mim! O que a senhora está fazendo no canil do Bolota? Venha, vamos sair daqui!

Vovó sorriu novamente, fascinada pelas palavras de Maninho. Mas foi para papai que ela se dirigiu:

- Pedro Afonso, finalmente, parece que está notando que a vida não se resume a papel e caneta. Precisa enxergar o mundo real em certas ocasiões... Preciso puxar-lhe as orelhas mais seguido!

Papai abriu a boca para dizer algo, de repente, porém, sacudiu a cabeça e, desnorteado, afastou-se do canil, levando mamãe em seu encalço.

Tio Mário e tia Amélia ouviam a vovó, estarrecidos. O tio suspirou, alto:

- Vá, mamãe! Já está na hora de a senhora deixar essas bobagens de lado. Mãe, a senhora tem 89 anos! Não é uma criança e nem pode agir como uma menininha tola!

Vovó levantou o braço e pediu silêncio:

- Meu filho, segure esta língua! Você também é outro que precisa afastar o véu dos olhos. Vive como um caramujo, fechado em seu mundo hipócrita. Aliás, devo fazer uma visitinha a meus netos e à Amelinha. Qualquer dia. Até pensei em mudar certas coisas naquela casa cheirando a mofo! Que tal... – Mário segurou a mão da esposa, puxou as crianças e quase saiu correndo, enquanto dizia:

- Deus me livre, mamãe! Fique longe da minha casa. As crianças e a

Amélia estão muito bem sem as suas visitas... Vamos, crianças, vamos depressa... Aliás, vamos é embora, o almoço fica para outro dia... Venha logo, Amélia!!

E praticamente fugiu, levando os filhos e a esposa em desabalada corrida pelo pátio.

Vovó riu mansamente, com os olhos postos na família que ia longe...

- Coitado do meu filho! Pobre dos meus netos! Que mundo cinza eles todos vivem! Tenho dó das crianças, ficarão iguaizinhas ao pai. Levantou-se, repentinamente, enquanto olhava Bolota com os olhos brilhando:

- Bolota, hoje à noite volto, farei companhia a você. Quero ver as estrelas...

Maninho e a irmãzinha sufocaram o riso: vovó enxergava coisas que ninguém via!

Blog: http://lunaraescritora.blogspot.com

Roselena de Fátima Nunes Fagundes
Camaçari/BA

Se...

Se me ama, amo,
se amo, sou amada!
se sou amada, amo,
Jamais serei desamada!

Quando me ama, amo,
se a amo, será amada!
Quando a amo, amo,
se me ama, sou amada!

Se a amo, me ama,
se me ama, a amo,
se é amada, ama,
se nos amamos, amo!

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Sou Lua

Sou Lua
sou sua
sou céu
sou véu.

Sou densa
intensa
brilho errante
cintilante.

Na imensidão
sou luz
sou paz
sou fugaz
sou escuridão.

Tauã Lima Verdan Rangel
Mimoso do Sul/ES

Confissão Delirante

Em desejos, o corpo não é capaz de obedecer
Abrasadora lascívia! Eis um desmedido querer
A minha boca umedece diante de tua presença
O corpo esbraseia diante da delirante essência

O perfume é intenso e a boca tem cítrico sabor
A pele aquecida abunda em um onírico ardor
Os lábios tentam, em êxtase, render confissão
Os olhos atalham diante de majestosa paixão

A minh'alma se manifesta sem qualquer pudor
Apresento-me na inteireza, dispo-me do temor
Envolvo-me nos braços fortes e acolhedores

A voz exalta a sua presença ímpar, constante
Porto-seguro em um caleidoscópio delirante
Comprazo-me em ti e em beijos arrebatadores

Teresa Azevedo
Campinas/SP

Decorando sonhos

Quando voltava à pé da visita que fiz a uma amiga, me deparei com uma casa semidemolida onde não havia muro ou portões, a parede frontal e o telhado dos dois primeiros cômodos já não existiam e as paredes restantes estavam parcialmente sem reboco nem chapisco. O interessante era que, o que restou de reboco e chapisco formava uma bela curva disforme, parecendo ter sido feita com a precisão de uma curva francesa, ressaltando os velhos tijolos à vista. Fiquei parada olhando e imaginando quem teria morado ali, as histórias de amor vividas e muito mais. Como podem perceber sou uma romântica incorrigível, que pode sentir saudades até de pseudo-lembranças alheias a ponto de tentar revivê-las de forma mágica... Decidi decorá-la imageticamente. Comecei por limpar e envernizar os velhos tijolos, depois dei uma demão de tinta marfim marmorizada no restante da parede fazendo um contraponto entre o rústico e o sofisticado. Pendurei na parede pintada um grande retrato de uma bela mulher lendo um livro sentada em uma linda *chaise longue* em cerejeira envernizada requintadamente trabalhada com fios dourados, estofamento, encosto e braço em veludo pérola, sobre ela um rolinho do mesmo tecido com um pingente tipo franja pérola na lateral, ao lado uma luminária de chão com pés em cerejeira também trabalhada como os da chaise, no canto da parede um grande vaso de palmeira Areca, no chão um lindo tapete felpudo pérola e em um dos cantos na transversal um belo piano de caudas. Sobre ele um maravilhoso vitral a iluminar o ambiente e, em frente, duas poltronas estofadas de veludo pérola e pés trabalhados do mesmo estilo da *chaise*. Atravessando o arco com acabamento em gesso trabalhado chegava-se no outro cômodo, e em um dos lados dessa parede, três arandelas suspensas em formato de lampião, embaixo delas um pequeno gaveteiro de madeira com pintura *bauernmalerei* e do outro, uma

cristaleira antiga em pátina verde escuro repleta de copos de cristais e porcelanas antigos. Na parede em frente a grande porta de vidro fumê, também em formato de arco que dava para o jardim da casa, em um dos lados da porta, um cinematógrafo e do outro uma máquina de música de bar, o chão com um assoalho de madeira de demolição, um enorme tapete persa redondo e sobre ele uma grande mesa de centro redonda, de pátina verde escuro com muitos ingressos de shows, cinema, selos e moedas antigas sob o tampo de vidro, em um dos lados um grande sofá vintage em chenile verde escuro, com pés laqueados de vermelho queimado, sobre ele uma tapeçaria antiga e do outro lado duas poltronas, entre elas um aparador de vidro com pés de ferro dourado e um grande espelho com moldura trabalhada de ferro dourado e no teto um ventilador daqueles dos velhos filmes de ação. E então, com toda decoração feita, pude contemplar a casa em uma noite festiva. Um homem jovem e esguio vestindo um *smoking* preto e a mulher com um bonito vestido longo, bem acinturado, era a mulher do grande quadro da sala ao lado, essa porém, não lia um livro, mas dançava com o cavalheiro. Ao piano uma bela jovem tocava alegremente para o casal, provavelmente a filha, nas poltronas duas mulheres mais velhas conversavam animadamente e dois senhores fumavam cachimbo, enquanto conversavam e bebiam um *brandy* em um canto da sala.

Em uma viagem arquitetônica bem exótica, aconchegante e aprazível, desejei estar ali com eles, ouvindo a música penetrando a alma, quando um guindaste destruiu tudo, era alguém me batendo no ombro. Virei-me e um senhor me perguntou:

— A senhora conhece um barzinho com o nome de Sonhos da Saudade?

Fixei os olhos nele um tanto chateada por ter me trazido à realidade tão intempestivamente e disse:

— Não existe mais, não está vendo? Foi demolido...

teresaazevedo.projetos@gmail.com

Thamires Francisco Bonifácio
Rio de Janeiro/RJ

A Cartomante e o futuro

Imprevejo o futuro
Na escrita nervosa
Investigo a mente
Que fugiu, outrora.

A Cartomante
Não mente,
Adivinhara tudo?
Na calçada escrita
Recolhe as conversas
Perdidas
Histórias novas e
Memórias nascidas
A Cartomante cria
Assim como
Seu criador.

E sobre o futuro?
Vá *ragazzo innamorato*!

Ele é só seu.

https://instagram.com/acartomante__?utm_medium=copy_link

Vadô Cabrera
Jacareí/SP

Natal é Vida

Natal, data máxima do Mundo Cristão.
Comemoramos o nascimento de Jesus,
O Maior, entre todos os homens.
Momentos de reflexão.

Fechamos o balanço anual de nossas vidas.
Onde lucramos mais?
No **Material** ou no **Espiritual**?
Vamos à retrospectiva mental:

No que fizemos...
Será que fomos humanos, justos e éticos?
No que plantamos...
Será que colheremos os dividendos?

Será que estendemos a mão amiga?
Dissemos a palavra meiga e consoladora?
Conhecemos o valor e a leveza do perdão?
Praticamos a prece espontânea e revitalizadora?

Mais um ano que termina...
Quantos obstáculos ainda a transpor.
Estamos mais velhos, inevitavelmente.

O que planejamos para o próximo ano?

A cada dia uma nova lição.
Aprendemos com o Amor ou com a Dor.
A escolha é nossa, só nossa.
Sejamos amigos, sejamos irmãos.

Seguimos nossos caminhos
Iluminados por uma intensa Luz,
Emanada pelo Supremo Ser,
Cujo Filho é nosso irmão Jesus.

Felizes daqueles que nas oportunidades
Serviram seus semelhantes,
Pois, sabemos que:
"A necessidade é amarga e a abundância é doce".

Que o Natal seja o momento de refletirmos sobre a Vida.

Vagner Dos Santos Pereira
Barra Mansa/RJ

O "EU Te Amo", Eu Deveria...

Da ampulheta, a areia escorreu.
Rapidamente, nossa história findou.
Nosso laço se desatou.
E como anjo, para outro mundo você voou.

Chorei ao ver nossa janela se fechar.
Pois minha sagrada oportunidade não soube aproveitar.
Agora de nada adianta choramingar.
Coração entulhado contigo não pode desabafar.
A solidão de uma alma que não soube amar.

Menti, indiferente, tentando ser sempre forte.
E a cada dia rascunhar minha falsa sorte.
Minha soberba fortaleza, tornou-se minha desgraçada ruína.
Com minha máscara maldita que nada aglutina.
Ceifei com minhas mãos os temperos que dão sabor à vida.
Agora tenho de suportar só a agonia dessa ferida.

Tive vergonha de fazer coisas bonitas.
Então, transformei-me nesse monstro egoísta.
Quantas coisas boas não pratiquei?
Ao renunciar ao que é certo, contigo fracassei.
Hoje, amargamente, eu sei...

O *"eu te amo abraçado"* é mais caloroso.

O *"eu te amo falado"* é mais melodioso.

O *"eu te amo sorrido"* é mais gracioso.

O *"eu te amo olhado"* é mais caridoso.

O *"eu te amo cheirado"* é mais gostoso.

O *"eu te amo ao seu lado"* é infinito e generoso.

Valéria Vanda Xavier Nunes

Campina Grande/PB

Sonho de uma tarde de verão

Clarice não cabia em si de felicidade naquela tarde esplêndida de verão. Acabava de receber uma carta que há meses esperava com ansiedade. O remetente: *Ballet Bolshoi* - Joinville. Santa Catarina. O coração bate acelerado. *Aceita*. Em meio às outras, essa era a única palavra que não saía de sua mente. Sentou-se no sofazinho já bastante gasto e sua mente viajou no tempo.

Viu-se menina ainda, com a mão esticada segurando a barra que o pai havia colocado na parede sem reboco de sua casa onde treinava sozinha e fazia suas piruetas em plena rua esburacada. Dona Letícia emocionou-se ao chegar na favela em que Clarice morava para fazer doações de cestas básicas para a comunidade e seu olhos se encontraram com os daquela menina dançando *ballet* em plena rua. Avaliou seu potencial. Seus olhos marejaram lembrando do desejo da filha que também sonhara em ser bailarina e teve um destino tão trágico antes de conseguir realizá-lo.

Letícia era dona de uma escola de *ballet* para meninas carentes que criou em homenagem à filha amada e falecida. Clarice não sabia ainda, mas aquela mulher, a partir daquele momento, seria sua fada-madrinha e mudaria totalmente o rumo de sua vida. Ouve a voz da mulher a suas costas e vira-se num belo rodopio.

— Então a menina gosta de dançar. Qual é o seu nome? — Letícia pergunta olhando forte nos olhos de Clarice que baixa os seus e responde, encabulada.

— Clarice. Eu gosto muito de dançar, sim senhora.

— E você faz aula de balé?

— Faço não, senhora. Meus pais não podem pagar.

— E você gostaria de fazer?

— É o meu maior sonho, senhora, mas meus pais nunca que iam deixar, pois a gente não tem dinheiro. É muito caro. Por isso eu danço sozinha aqui. — Clarice responde ainda com os olhos baixos e segurando-se na barra numa linda pose.

Letícia enche os olhos de lágrimas mais uma vez, mas consegue se controlar. Pega na mão da menina e diz que quer falar com sua mãe.

Clarice sai do enlevo em que caiu e segura a emoção ao lembrar-se da primeira vez que entrou na escola de *ballet* pelas mãos de dona

Letícia como bolsista em sua Escola de ballet Suellen Caroline. Seus olhos se deslumbraram ao ver a grande sala cheia de barras, de alunas e de espelhos que iam do teto ao chão, onde ela estudaria e realizaria seu sonho de um dia ajudar a família a se livrar da miséria em que viviam.

Sua mente povoou-se também dos dias, meses e anos infinitos de treinos, de dedicação, de persistência e das dificuldades pelas quais passou até o momento em que se sentiu pronta para o que aquela carta lhe comunicava. Despertou de seu devaneio ainda segurando a carta tão fortemente que parecia lhe queimar as mãos. Finalmente ela conseguira a oportunidade de chegar a ser uma bailarina de verdade. Quem sabe até uma Primeira Bailarina do Teatro Municipal de São Paulo. Clarice sonhava de olhos abertos. Já se via preparando a mala. Sabia que teria de deixar a família, os amigos, toda uma vida para traz e se dedicar de corpo e alma ao seu objetivo. Sabia os dias de luta que a esperavam, no entanto, nada; nada mesmo a demoveria de seu sonho.

Clarice lembrou-se da mãe e falou para si mesma — *Preciso contar pra ela urgentemente*.

Levantou-se de um salto do sofá puído em que estava ainda devaneando, e, com a elegância própria de uma bailarina, saiu rodopiando na ponta dos pés pelos recantos da casa em busca da mãe. Não a encontrava em parte alguma. Resolveu sair e procurá-la pela vizinhança. Saiu ainda dançando na ponta dos pés, como estava acostumada a fazer, e, com suas piruetas e saltos, invadiu as ruas como se fosse um cisne. Com a carta na mão e a alegria estampada no rosto atravessava a rua principal quando ouviu um barulho ensurdecedor às suas costas.

Não ouviu mais nada. Nenhum barulho. Apenas um grande zumbido nos ouvidos.

Meses depois, via-se sentada em sua cadeira de rodas e ouvindo o Lago dos Cines de Tcháikovsky com uma expressão de enlevo no rosto. Movia sua cadeira de rodas como se estivesse a bailar num grande palco iluminado. Alongava os braços e os recolhia; as mãos para cima, para os lados e para baixo. A cabeça, em cima de um longo e belo pescoço, acompanhava os movimentos.

Era um belo pássaro a voar sobre nuvens esparsas.

Lágrimas de tristeza, contidas há muito tempo em seu peito, escorriam lentamente por sua face. E ela murmurava de olhos fechados:

— *"Que pena! Assim como as nuvens se desfazem nos ar, meu sonho também se desfez".*

Valter Bitencourt Júnior
Salvador/BA

Lapidação

Capito no cerúleo do céu
O desenhar das nuvens
Que muito dizia, diante
Da ventania, e a sombra da árvore
Que aconchegava-me.
Seus cabelos voavam, feito
Pena, e seu sorriso
Encantava-me como
A luz do final da tarde,
E novamente o amanhecer.
Debruço-me diante o papel
Para escrever palavras
Curvas e arquitetadas,
Desenho a sua face
Milhares de vezes,
Até chegar a perfeição:
– Beleza extrema.

Vanderlei Kroin

Cascavel/PR

A chama de uma vela

Era a chama de uma vela
Recolhida a um canto do mundo
Em cima de uma mesa qualquer
Derramando cera na madeira mais antiga
Descortinando sonhos na alma mais solitária
Iluminando o ser e seu rosto
Indicando uma presença de vida ao universo
Conspirador.

É uma mansa luz que se revela
E aquece o eu mais profundo
De um alguém que o que mais quer
É imaginar e dançar uma cantiga
Alguém que sonha
Já sonolento na cadeira
Balbuciando sobre a chama crepitante
Seus sonhos e suas saudades.

Será logo mais apenas um nada
Perdida em seus restos
Em um espaço de escuridão
Será um breve objeto extinto
Dentro do tempo futuro
E permitirá apenas poesia
Pela memória de um velhinho
Que sozinho fará protestos
Procurando no escuro seu caminho
Com um toco de vela apagada na mão.

https://pt-br.facebook.com/vanderlei.kroin

Vitor Sergio de Almeida
Uberlândia/MG

Conselho bom é aquele que proporciona uma reflexão

Um vivido passarinho me disse: "Cuidado ao nutrir grandes expectativas, pois elas podem se transformar em uma enorme frustração". Na ocasião, tal pensamento ecoou vazio e sem significação. Uma fala lacradora, talvez petulante, mas experiente. Sempre ouvi que "se conselho fosse bom não se dava, se vendia".

Diante disso, infelizmente, eu não valorizei a fala do sábio pássaro.
Logo, criei muitas expectativas, porém, poucas foram atingidas. Infortúnios.
Agora, surrupiado e ressignificado, mudei a minha perspectiva.
Nem todo ditado popular é válido, como nem toda vivência é absoluta.

Devo escutar mais, refletir mais, debater mais, ser menos abrupto e reticente.
Defendo que conselho é bom, não todos. Menos aqueles impostos como verdades absolutas ou que são receitas de sucesso. Apenas aqueles ditos por aquele vivido passarinho ou aqueles já testados e provados...

Especialmente, aqueles singelos, que denotam cuidado ao nutrir grandes expectativas. O conselho deve ser doado, emprestado e vendido, não todos. O bom não é aquele que, necessariamente, se segue ou se replica nas redes sociais. Conselho bom é aquele que proporciona uma reflexão.

Wagner Azevedo Pereira
Nova Iguaçu/RJ

Lembrança

Nóis fumo tudo inté à praça ribêra
Pra brincá di muitu, quarqué cosa
Chegano começamo a brincadêra.
Também cunheci uma linda moça

Incontremu animais silvestri
Qui di mais a gente no zincantô
Passamo um dia bem alegri
Pruquê colhemo ôtro tipo di fulô

Foi uma tardi crara di dumingo
Que ficará pra sempre na lembrança
Di um dia tê vivido essa aventurança

Pr`ocê agora eu quero qui o respingo
Di tudo que eu presenciei inté agora
Habite sua alma e também sua memória

@wagnerazevedope

Onomatopeias Wagner Azevedo (facebook.com/onomatopeias)

Blog – dicionaristawagnerazevedo.blogspot.com

Wagner Dias Caldeira
Parauapebas/PA

Fotos

https://www.facebook.com/wagner.caldeira.7

Wellington Amancio da Silva
Delmiro Gouveia/AL

Dois cinepoemas

Uma cena de Almodóvar

Vermelho potente, no canto da sala
Vermelho da saia, do laço, da xícara de chá
Do batom da musa... vermelho... do manto do trágico
Beijo de exculpação em rosto rubro — perdão!
A vida aflora ao arredor, e vive. Ósculo de rubi
A hesitação de um gesto que o outro anseia
O rearranjar de forças à última investida dela
para ser feliz. As mãos retornam cheias de novidades
e o dedo mindinho em teu dorso, desenhar
ensejos, desejos invisíveis. Percebes o respirar?
E neste pequeno agora a vida se derrama, cabal
Vê-se o verde bordear seu mundo — o perdão!
Fortalecer a pequena palavra do vermelho do teu sangue
E jamais resguardada, a alma, em plástico bolha, embalada
E neste pequeno agora, um cardume de emoções
A casa toda treliçada pelo corpo-mastro do amante
E seus inquilinos? Um intento de amoldar-se,
ao que de fato enche-te e reverbera em teu ardores

Filme dublado

uma alegoria argilosa
sobre o amálgama sertão —

a voz de johnny depp
é a voz de
george clooney

tim robbins
e hugh grant
em português

o dublador abraça
a alma cinemática

e sopra o sopro de um deus
nas narinas dessa gente
feita de branca argila

na tela grande o movimento labial
finge ignorar a sobreposição
do português que o atravessa
passa-lhe a perna e intenta
possuí-lo (o inglês nem nota
o lance)

que cor tem essa voz?

Willian Fontana
Rio de Janeiro/RJ

Conspirato!

Jorge Montegrande era um teórico da conspiração. Alto e magro, o caucasiano era do tipo que compartilhava com os radicais do islã a ideia que as mulheres era uma espécie diferente a do homem, criada como um apêndice do homem por seres demoníacos de outra dimensão, os mesmos que as fecundaram dando origem aos gigantes nefelins.

Muito ativo nos fóruns da *dark web*, ele disseminava seus relatos dos quais ao alegar ter supostamente participado de uma sociedade secreta teria visto Bento XVI participado de uma missa negra, canibalizando uma criança ao lado de Ronald Reagan. As pessoas do chat ao ficarem extasiadas com o frenesi passaram o aclamar, e os que viam nisso um absurdo generalizavam todos os quais acreditavam na possibilidade real de conluios governamentais e corporativistas por sociedades secretas. Sobretudo ele pregava que as pessoas que não concordavam ou o compreendiam eram por serem burras, e por isso deveriam ser perseguidas, excluídas, ocultadas e mortas. Sua palavra era o fato e seu desejo a lei.

Sobre o Papa dizia que isso era a prova de que o verdadeiro catolicismo havia sido fundado pelos Iluminantes que eram descendentes sobreviventes dos Atlantis que ao se misturarem pelo mundo, de um lado fundou o marxismo e de outro o nazismo. Eram nefelins que foram miniaturizados ao longos dos tempos e se introduziram no Brasil em todos setores, e estavam em contato direto com os humanos desde a sociedade Vrill.

Ele dizia que dentre o mais famoso Iluminante brasileiro estava Paulo Freire que empurrava a funesta agenda desses demônios de destruir a humanidade e escraviza–lá através da alfabetização e o conhecimento. Para Montegrande, o demoníaco Paulo Freire que teria feito pacto com o demônio e no fim da vida tinha contatos com a cientologia, assim

como Marx sabia que a ética e a conscientização crítica da isenção e transparência da conduta cidadã responsável fora o que levou o cataclismo que culminou no fim da Atlântida. Por isso o verdadeiro conhecimento era reservado apenas aos membros dos iluminantes do qual era membro a dona Sônia que vendia hambúrguer na esquina e o Joaquim do picolé. Todos esses produtos com doses de toxinas venenosas que tornavam o cérebro incapaz de enxergar que eles eram iluminantes nefelins, filhos de demônios ao tornarem as pessoas burras em acreditar na grande bobagem de direitos individuais iguais, ética e respeito mútuo. Segundo ele a humanidade havia sido criada para a servidão e pregar o contrário era subverter sua natureza e destruí-la. Apenas o fascismo e totalitarismo era a salvação dos temíveis iluminantes!

– Como sabe tanto das coisas que nem aparece na mídia, Jorge? – Indagou uma jovem no chat do fórum.

– Pois todos que estão na mídia, na política, as autoridades são iluminantes, não há mais esperança, resta apenas cometermos crimes a bombas e ataques armados para iniciar uma insurgência!

Os jovens presentes no grupo, totalmente desiludidos com o mundo afundado numa crise econômica e de valores, ao verem o distanciamento de discursos ante a prática, na televisão, estavam carentes de confiabilidade e aquele sujeito supria a demanda com palavras aprazíveis sobre seus medos e anseios mais íntimos. Logo, viram-se entusiasmados com a possibilidade de planejar atentados a China, e ao canal RBT por falarem crueldades contra alguns "tinham visto a verdade".

– Podemos fazer algum jornalista refém e cobrar dizerem a verdade! – Escreveu um mais exaltado.

– Não, façamos uma bomba e ateamos fogo nos estúdios de jornalismo! – Falou o outro rindo quando Montegrande interrompeu.

– Vocês tem que atacar os mantimentos das vacinas, pois ela modifica nossos genes para que os demônios possam melhor desenvolver sua espécie no mundo com cruzamentos. Temos que estuprar as mulheres burras que defendem e amam minorias como as

experiências malogradas dos nefelins que resultaram no autismo.

– É, isso mesmo! Elas devem ser vagabundas por gostar desses bastardos! – Conclamou o outro sujeito.

O papo rendeu várias horas vindo a evoluir a entrega de plantas de prédios e logística para os preparativos. Dinheiro fora arrecadado entre eles, pessoas pesquisaram por meses a fio até que uma data fora postulada, 9 de novembro, pois para Montegrande esse número selaria as portas dimensionais entre os demônios e o mundo.

E assim aconteceu quando chegou o dia, porém, por um grupo amador e mal preparado (apesar do estrago aos alvos) quatro dos jovens foram presos e um morreu em autos de resistência. Os presos tentaram entregar Jorge, mas sem provas por ser um chat anônimo da *Deep Web*. Obviamente ao encontrarem ele pelo nome, negou tudo dizendo se tratar de uma 'teoria da conspiração'.

Os jovens, por sua vez, foram dados como malucos. Liberado, Jorge retirou-se hesitante ao abrir um sorriso sádico. Logo reuniu-se num lugar ermo e escuro com pessoas de capuz negro que os cumprimentaram.

– Salve, ao irmão Jorge, logrou êxito em sua empresa pelos iluminantes!

– Sim, nosso sublime deus-homem a quem louvamos. Desde o fim oficial dos Iluminantes todos creem inexistir, tanto como nosso conluio!

Aqueles eram os iluminantes a elogiá-lo ao disseminar o engano, enaltecendo o poder deles a desacreditar os movimentos no qual estavam se infiltrando para promover corrupções como aquele grupo de conspiração. E ao usar um artefato chamado Giges passou a canalizar o que os crédulos lhes deram ouvidos para potencializar seu poder a fim de tentar tornar tudo aquilo verdade, enquanto a superfície eram vistos apenas como uma lenda urbana.

Cultura Híbrida

Dany Nacif
Brasília/DF

Caricaturas

Jamison Paixão

Las Palmas de Gran Canária/ Espanha

Caricatura – Brinde sob o Luar

Caricatura – O poder da imaginação.

Caricatura – Causos de pescaria

https://www.facebook.com/paixaodeoliveira

https://www.facebook.com/jpartes.desenho.3

Artista do Mês

Desenho: Márcio Apoca

Campo Mourão/PR

Vincent Price

Ator norte americano

27/05/1911 – 25/10/1993 (82 anos)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Vincent_Price
https://cinemaclassico.com/biografias/biografia-de-vincent-price/

Participem da Antologia Gratuita Histórias de Horror Brasileiras

Histórias de Horror Brasileiras, é uma coletânea de contos de Horror que não se limita a este gênero, tendo também os elementos de Terror, Suspense, Mistério e o clássico Sobrenatural. Seu destaque fica por conta de seus participantes que é a chave para o título, pois, neste livro não falamos de histórias clássicas como do Folclore, por exemplo. Pode haver estes textos, mas não nos limitamos a isso. O foco aqui é mostra os novos escritores brasileiros e toda sua arte em forma de conto.

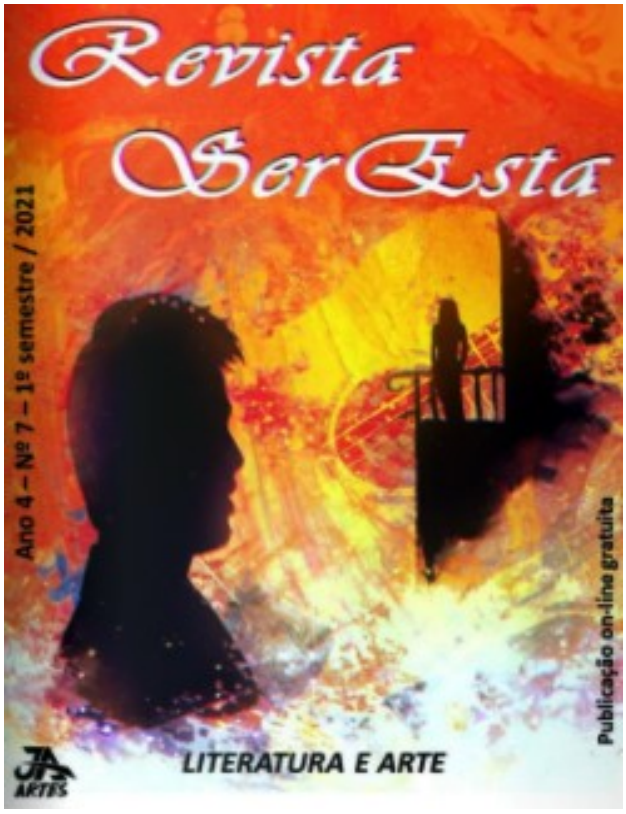
Por isso a seleção apresentada, será apenas dos novos escritores que se arriscaram a escrever sobre casos assustadores para dar aos leitores uma boa leitura.

Site:
https://obook.com.br/coletaneas/

Edital:
https://sway.office.com/6DA2wr5zQWksBy1j?ref=Link

Suplemento Especial da Revista SerEsta

Publicado o Suplemento Especial da Revista SerEsta em homenagem a grande escritora Cecília Meireles.



Link para leitura:

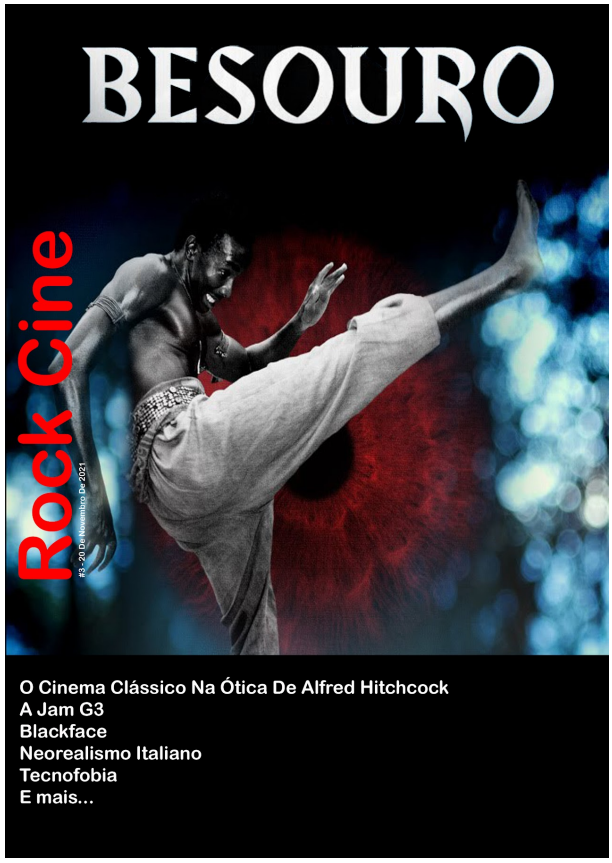
https://revistaseresta.blogspot.com/p/edicoes.html

Nova edição da Revista Rock Cine

Conheçam Revista Rock Cine! Revista Rock Cine #3

Cinema, arte, cultura, comportamento e entretenimento...

Dicas e sugestões sobre a Sétima Arte.



Site:
https://sites.google.com/view/rock-cine/in%C3%ADcio?

3ª edição:

https://sites.google.com/view/rock-cine/rock-cine/rock-cine-3

Projeto Cartas para a Vida

Esse é um projeto que tem como premissa levar mensagens de esperança, acalento às pessoas que estão se sentido fragilizadas com a vivência cotidiana.

Em tempos de pandemia da COVID-19, todos nós de alguma maneira, somos afetados emocionalmente com a nova dinâmica social que vem se desenha no último ano.

Mais relevante se torna a circulação de mensagens edificantes, nos motivando a continuidade da nossa jornada.

Seja um parceiro do projeto, escrevendo uma carta curta, mas com mensagem significativa. Sua mensagem pode salvar vidas, tocar almas.

Envie a carta para: cartasparaavida2018@gmail.com

A pessoa é livre para se identificar ou usar pseudônimo.

Acompanhe as nossas redes sociais e tenha acesso às mensagens que recebemos. Auxilie no compartilhamento destas cartas e assim fazer com que elas cheguem ao seu destinatário.

Instagram: https://www.instagram.com/cartasparaavida1/

Facebook: https://www.facebook.com/cartasparaavida

LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

Corvo Literário

O Corvo literário é um espaço para propagação da arte, em especial da literatura. Mas também para discussões e debates, por isso sempre traremos opiniões, entrevistas, notícias, e contamos com a participação de todos.

Acessem o site e enviem seus textos com tema livre:

https://corvoliterario.com/

https://corvoliterario.com/contact/

Sarau na Favela

O Sarau na Favela nasce por conta do isolamento social e da necessidade de movimentar as diversas linguagens artísticas.
A princípio foi pensando nos amigos da favela e hoje é um espaço para todos, do país ao mundo. Estamos na 42ª Edição com diversas e com atividades, as terças, sextas, e aos domingos semanalmente e as quintas-feiras quinzenalmente, basta acessar a página do Sarau no Youtube e no Facebook.
Envie o seu vídeo para Whatsapp 55 (21) 988918862.
Aproveita se inscreva no Canal e compartilhe e venha fazer parte do Sarau que seguirá com a celebração da vida.

Página do Facebook:

https://www.facebook.com/saraunafavela/

Canal do Youtube:

https://www.youtube.com/channel/UCKgHHTfDJgKOsiD0XW3DhTQ

Sarau na Favela
Valéria Barbosa

"Blog Concursos Literários"

Blog criado em 2011, com o objetivo de divulgar editais e resultados de concursos literários e prêmios literários.

É considerado por muitos autores como uma fonte completa e acessível de

editais e resultados de premiações realizadas no Brasil e em todo o mundo. O projeto também é elogiado por não incluir em suas postagens os concursos que cobram quaisquer taxas de inscrição ou publicação dos autores. Além disso, muitos organizadores de concursos literários reconhecem este espaço como uma referência no apoio à divulgação.

Acessem o site e conheçam os Concursos do mês, do ano e as seleções permanentes:

Blog: **https://concursos-literarios.blogspot.com.br/**

Facebook: **https://www.facebook.com/concursosliterarios/**

CONCURSOS

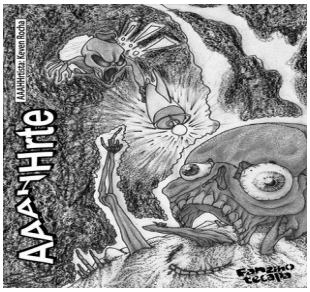
LITERÁRIOS

AAAHHrte é um zine-colagem de coisas interessantes encontradas por aí. O objetivo é apenas divulgar e valorizar a cultura, em suas variadas vertentes, para que seja apreciada, fomentada e preservada.

Quem quiser receber por mail o AAAHHrte, é só pedir no wnyhyw@gmail.com.

Acesse para ler:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1VOSRYuN_id71RG9ks00clzH9nSTGxyGE



Academia Independente De Letras (AIL)

A ACADEMIA INDEPENDENTE DE LETRAS (AIL), situada na cidade de São João/PE é uma associação civil de direito privado, com finalidades culturais, sem fins lucrativos.

http://academiaindependentedeletrasail.blogspot.com/

Blog Alan Rubens

No blog do autor Alan Rubens, o leitor terá a oportunidade de ler textos incríveis escritos pelo próprio Alan e também de autores convidados de todos os lugares, numa reunião de talentos eclética e divertida.

https://alanrubens.wordpress.com/

O Sabor do Medo

Contos semanais de terror, escritos pelo autor Allan Fear, para ler gratuitamente!

Link do site:

https://noitesdehalloween.wixsite.com/allanfear

Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portfólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

Revista Cultural Traços

Publicação digital para divulgar a cultura em todas as suas nuances, para incluir todas as vozes, para ser cultura à flor da pele. Cultural Traços, para um mundo que precisa de arte.

https://www.revistatracos.art.br/

Maldohorror - Coletivo de escritores fantásticos e malditos

Aventurem-se lendo o que há de melhor na literatura de Terror/Horror. Visite o site do Coletivo Maldohorror, que reúne os melhores contos de terror, poesias malditas, crônicas ácidas e histórias imorais, escritos por autores consagrados e também por iniciantes, numa grande mistura de estilos.

Site oficial:
www.maldohorror.com.br

Página do facebook:
https://www.facebook.com/maldohorror/

Mulheres Pela Paz - Frauen für Frieden - Ong criada na cidade da paz Augsburg, na Baviera - Alemanha, que promove ações entre cidadãs e cidadãos da Terra, criando um intercâmbio cultural de Paz através das Artes.O projeto, que tem como curadora a escritora e Embaixadora da Paz Alexandra Magalhães Zeiner, tem realizado ações por todo o mundo, promovendo encontros, saraus e apoiando iniciativas que visam a inclusão social, a defesa do meio ambiente, a igualdade e a paz para todos os povos.

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-f%C3%BCr-Frieden-6642538000869/

Portal Domínio Público

Tenha acesso gratuito e legalizado à milhares de textos, sons, vídeos e imagens do Brasil e do mundo em domínio público.

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp

Sci-fi Tropical

Semanalmente, o site Sci-fi Tropical traz um artigo, resenha de livro ou análise sobre o cenário do fantástico nacional, permitindo que os fãs do gênero, tão acostumados a ler obras estrangeiras, conheçam também autores nacionais que ajudaram a consolidar a ficção-científica por aqui. O site traz ainda O PROJETO MINIBOOKS FANTÁSTICOS, com obras de autores de FC em língua portuguesa para download. Com um design exclusivo, o leitor terá uma experiência imersiva nas histórias. Rubens Angelo, criador do site Sci-fi Tropical, é formado em design, mestrando em mídias criativas e, principalmente, fã incondicional da ficção científica.

Venha conferir:

https://scifitropical.wordpress.com/

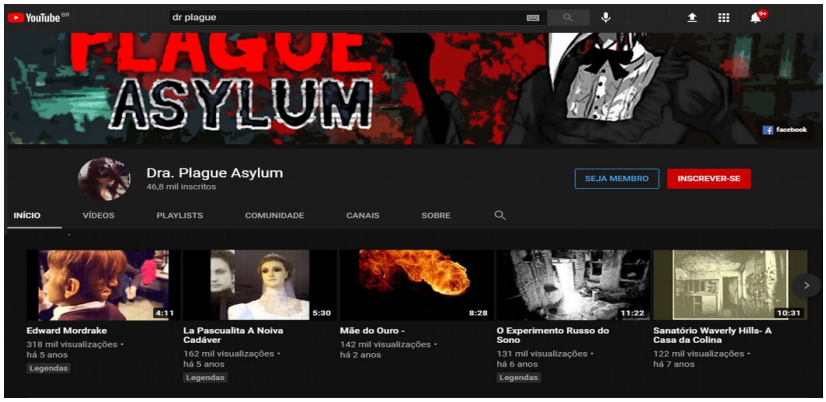
Canal da Dr. Plague

Gosta de histórias assustadoras, contos e lendas de terror? E de gatinhos?

Se a resposta é sim, o canal do youtube "Dra.Plague Asylum", traz as melhores histórias, com narração perfeita e pesquisa apurada, além de reverter toda a monetização para o abrigo de gatinhos mantido (com muito esforço) pela criadora do canal.

Divirtam-se com os vídeos e ajudem os gatinhos!

https://www.youtube.com/c/DraPlagueAsylum/featured



Literatura já - No canal e podcast "Literatura já", criado pela escritora Joyce Nascimento, você encontrará muita leitura e narração de textos: poesias, contos e crônicas autorais e de outros escritores. Entrevistas, bate-papo com convidados, dicas e informações sobre o que está acontecendo no mundo literário. Tudo em formato de áudio publicado toda sexta-feira, a partir das 19h. Fui convidada para conceder uma entrevista ao Literatura já e fiquei muito contente com o resultado, confiram!
Se inscrevam e não percam nenhum conteúdo!

https://open.spotify.com/show/7iQe21M7qH75CcERx5Qsf8

Canal "Conto um Conto" - Canal do Youtube criado pelo locutor Marcelo Fávaro, onde podemos "ouvir" clássicos da literatura mundial. O canal proporciona entretenimento inclusivo e de qualidade para todos os amantes da boa literatura; tem Guimarães Rosa, Monteiro Lobato, Stephen King, Edgar Allan Poe, Machado de Assis e muito mais.
Conheçam, se inscrevam e aproveitem.
Ouvir histórias é relaxante e instrutivo!!

https://www.youtube.com/channel/UCsqheVzvPGoI6S3pP3MBlhg

Podcast Toma aí um poema

O Podcast Toma Aí um Poema tem com objetivo declamar o máximo de poemas brasileiros possíveis e disponibilizá-los em áudio para torna-los mais acessíveis, nos diferentes canais e formatos. Acesse o site e envie seu poema!!

https://www.jessicaiancoski.com/toma-ai-um-poema

Revista LiteraLivre
ISSN 2595-363X

Modelo de envio de textos para publicação na revista

No meio do caminho **(título)**

Carlos Drummond de Andrade **(nome para publicação – este nome não será trocado)**

Rio de Janeiro/RJ **(cidade e estado onde vive – país somente se for do exterior)**

(no máximo 3 textos com até 3 páginas)

(texto – utilize fonte arial ou times new roman)

No meio do caminho tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
tinha uma pedra,
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento,
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho,
tinha uma pedra,
tinha uma pedra no meio do caminho,
no meio do caminho tinha uma pedra.

https://www.pensador.com/melhores_poemas_de_carlos_drummond_de_andrade/

(site, página ou blog – pessoal ou de divulgação de obras)

Vamos mudar o mundo através das palavras

https://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre